

Jóias inspiradas nas Religiões difundidas no Brasil: Catolicismo, Umbanda e Wicca.

Coleção de Jóias Avra kedabra

Eliane lameirão Salles Lima

Projeto submetido ao Corpo Docente do Departamento de Desenho Industrial da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial /Habilitação em Projeto de Produto.

Aprovado por:

Prof^ª. Patrícia March

Prof. Valdir Soares

Prof. Roosevelt Teles

Rio de janeiro
Março de 2011

LIMA, Eliane Lameirão Salles.

Design de Jóias: Coleção de Jóias Avra Kedabra inspiradas nas religiões Católica, Umbanda e Wicca[Rio de Janeiro 2011]

xvi, p.; 21 x 29,7cm. (EBA/UFRJ, Bacharelado em Desenho Industrial- Habilitação em Projeto de Produto, 2011)

Relatório Técnico- Universidade Federal do Rio de Janeiro, EBA.

1.Design de jóias religiosas.

I.D.I. EBA/UFRJ

II. Coleção de Jóias Avra Kedabra.

Epígrafe

"Senhor, ajuda-me a dizer a verdade
diante dos fortes e a não dizer mentiras para
ganhar o aplauso dos fracos.
Se me dás fortuna, não me tires a razão.
Se me dás sucesso, não me tires a humildade.
Se me dás humildade, não me tires a dignidade.
Ajuda-me a enxergar o outro lado da moeda.
Não me deixes acusar o outro
por traição aos demais, apenas por não pensar igual a mim.
Ensina-me a amar os outros como a mim mesmo.
Não deixes que me torne orgulhoso, se triunfo;
nem cair em desespero se fracasso.
Mas recorda-me que o fracasso
é a experiência que precede o triunfo.
Ensina-me que perdoar é um sinal de grandeza
e que a vingança é um sinal de baixeza.
Se não me deres o êxito,
dá-me forças para aprender com o fracasso.
Se eu ofender as pessoas,
dá-me coragem para desculpar-me.
E se as pessoas me ofenderem,
dá-me grandeza para perdoar-lhes.
Senhor, se eu me esquecer de Ti,
nunca Te esqueças de mim."

Mahatma Gandhi (1869-1948)

Dedico este trabalho a toda minha família, principalmente em memória de meu pai Mozart, que de alguma forma não me deixou desistir, o que me fez sentir pela primeira vez, o gosto de começar um projeto e concluí-lo. Dedico ao meu companheiro de vidas, irmão de alma, meu marido Omar Nacif, que sempre acreditou em mim em todos os aspectos e esteve presente nos meus momentos mais difíceis, e finalmente dedico à minha filha Camila, pois sua existência me prova todos os dias que Deus existe.

Meus mais sinceros agradecimentos a minha Orientadora Patrícia March, pelo carinho e paciência com que sempre me atendeu, orientando e dando sugestões para concretização deste projeto.

Agradeço a esta instituição que me permitiu depois de tantos anos retornar e poder concluir mais um ciclo de minha vida acadêmica e espero que não seja o último, e reitero que a ajuda dos setores administrativos foi imprescindível.

Também agradeço a Professora Rosana Galvão que me ensinou a soldar a primeira jóia e com sua sabedoria soube entender minha alma e deixar minha energia criativa transpor as fronteiras da ignorância técnica e apenas criar.

Não poderia esquecer de agradecer aos senhores Miguel, Arilson e Leonardo, que me auxiliaram quando precisei de um espaço para confeccionar minhas peças.

Enfim, obrigada a todos que de alguma forma colaboraram para que esse projeto se realizasse.

Resumo do projeto submetido ao Departamento de Desenho Industrial da EBA/UFRJ como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial / Habilitação em Projeto de Produto.

Coleção de Jóias Religiosas

Avra Kedabra

Eliane Lameirão Salles Lima

Março de 2011

Orientadora: Prof^a. Patrícia March

Departamento de Desenho Industrial /Projeto de Produto

Projeto de coleção de jóias religiosas, "Avra Kedabra", composta por três linhas concebidas a partir de um estudo anterior sobre religiões, seitas e doutrinas difundidas no Brasil, suas simbologias e rituais.

A coleção busca preencher a lacuna observada nesse setor específico da joalheria, despertando a atenção do público consumidor para um design inédito e moderno que agrega usabilidade à tradição.

Abstract of the graduation project presented to Industrial Design Department of the EBA/UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Bachelor in Industrial Design.

Avra Kedabra Jewelry Collection

Eliane Lameirão Salles Lima

March, 2011

Advisors: Mrs. Patrícia March

Department: Industrial Design / Project of Product

Project collection of religious jewelry, "Avra Kedabra", composed of three lines designed from a previous study of religions, sects and doctrines disseminated in Brazil, its symbols and rituals.

The collection seeks to fill the gap observed in this specific sector of the jewelry, arousing the attention of the consuming public to a new and modern design that adds to the usability tradition.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- A. IBGE – Instituto Brasileiro Geográfico de estatística
- B. IGMR – Instrução Geral do Missal Romano
- C. Pt. - Ponto
- D. Kt. - Quilate

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Stonehendge	2
Figura 2. Vênus	6
Figura 3. Cardeal com vestimenta branca	36
Figura 4. Cardeal com vestimenta vermelha	37
Figura 5. Papa com vestimenta verde	37
Figura 6. Vestimenta e altar roxos	38
Figura 7. Pães e peixes	39
Figura 8. Cruz latina	39
Figura 9. Santos católicos	40
Figura 10. Cordeiro	40
Figura 11. Vitral	40
Figura 12. Rosário	41
Figura 13. Papa Bento XVI	41
Figura 14. Imagem Nsa. Sra. Da Conceição Aparecida	41
Figura 15. Batismo Cristão	42
Figura 16. Anjo	42
Figura 17. Alfa e ômega	42
Figura 18. Turíbulo	43
Figura 19. Ramos de palmeira	43
Figura 20. Nsa. Senhora	43
Figura 21. Ponto riscado de Yemanjá	47
Figura 22. Ponto riscado com pembas	48
Figura 23. Ponto dos guias espirituais	48
Figura 24. Guias	49
Figura 25. Yemanjá	49
Figura 26. Altar	49
Figura 27. Espada de S. Jorge	50
Figura 28. Baianas dançando	50
Figura 29. Festa na mata	50
Figura 30. Imagem de Exú	51
Figura 31. Oxalá	51

Figura 32. Cigana	51
Figura 33. Pipoca	52
Figura 34. Centro de Umbanda	52
Figura 35. Cabocla Jurema	52
Figura 36. Pinturas de deuses da Wicca	67
Figura 37. Gato preto	67
Figura 38. Murta	67
Figura 39. Roda do ano	68
Figura 40. Runas	68
Figura 41. Ritual Wicca	68
Figura 42. Ervas utilizadas na Wicca	69
Figura 43. Pedras da Wicca	69
Figura 44. Anel Dezena	71
Figura 45. Medalha da Virgem Maria	71
Figura 46. Cruz de prata	71
Figura 47. Pingente pomba do divino	71
Figura 48. Colar com cruz e brilhantes	72
Figura 49. Medalha pomba da paz	72
Figura 50. Tau vazado	72
Figura 51. Cristo de Antonio Bernardo	72
Figura 52. Coleção “Mirror”	72
Figura 53. Figs de madeira	73
Figura 54. Sete vazado	73
Figura 55. Tau de madeira	73
Figura 56. Ponto riscado em ouro	73
Figura 57. Colar de penas de prata	74
Figura 58. Broche de ouro ponto riscado	74
Figura 59. Pingente símbolo de Orixá	74
Figura 60. Figa de azeviche	74
Figura 61. Ferradura de prata	75
Figura 62. Sereia de prata	75
Figura 63. Yemanjá de prata	75
Figura 64. Olho de Hórus	75
Figura 65. Gargantilha Wicca	76

Figura 66. Dragão com Pentalfa	76
Figura 67. Anel celta	76
Figura 68. Pingente Ankh	76
Figura 69. Tiara triluna	77
Figura 70. Pingente pentalfa	77
Figura 71. Broche de prata folhagem	77
Figura 72. Pingente Starglord	77
Figura 73. Pingente triluna	78
Figura 74. Pingente fada do cogumelo	78
Figura 75. Pingente sereia	78
Figura 76. Taliesin	78
Figura 77. Pentagrama	79
Figura 78. Pingente da deusa	79
Figura 79. Pingente sapo	79
Figura 80. Anel egípcio	80
Figura 81. Colar idade do ferro	81
Figura 82. Colar ouro e vidro	81
Figura 83. Peças Reny Golcman	83
Figura 84. Anel Ana Passos	83
Figura 85. Anel Andrea Silva	84
Figura 86. Anel coleção “Galáxia”	84
Figura 87. Jóias Ana Passos	84
Figura 88. Coleção Rosana Galvão	84
Figura 89. Anel Clementina Duarte	85
Figura 90. Coleção Eliane Lameirão	85
Figura 91. Anel de cobre	85
Figura 92. Anel de prata	85
Figura 93. Cadinho	86
Figura 94. Metal sendo despejado na lingoteira	86
Figura 95. Metal sendo recozido	87
Figura 96. Chapa de prata sendo laminada	87
Figura 97. Laminação artística	88
Figura 98. Resultado da laminação	88
Figura 99. Tipos de fieiras e fio sendo puxado	88

Figura 100. Fio sendo puxado pela trefiladora	89
Figura 101. Fio puxado em trefiladora manualmente	89
Figura 102. Serra de arco cortando chapa de prata	89
Figura 103. Dado de bolas	90
Figura 104. Soldagem	90
Figura 105. Molde de borracha	91
Figura 106. Molde com cera	91
Figura 107. Árvore de fundição	91
Figura 108. Bracelete feito em prototipagem	92
Figura 109. Fresadoras	92
Figura 110. Fresadora	93
Figura 111. Fresadoras sofisticadas	93
Figura 112. Modelos prototipados	94
Figura 113. Máquinas de prototipagem	95
Figura 114. Chapa sendo texturizada	96
Figura 115. Peça sendo polida	96
Figura 116. Caixa e cabochão	97
Figura 117. Peça fixada no pez	97
Figura 118. Lapidação brilhante	99
Figura 119. Diamante com lapidação brilhante	100
Figura 120. Outros tipos de lapidação	100
Figura 121. Crisoprásio	101
Figura 122. Quartzo rutilado	101
Figura 123. Pérola	102
Figura 124. Madrepérola	103
Figura 125. Brinco Mario Oiticica	104
Figura 126. Colar folha Maria Oiticica	105
Figura 127. Colar de couro de peixe	105
Figura 128. Colar Linha “Mariana”	115
Figura 129. Colar Linha “Mariana”	116
Figura 130. Anel Linha “Mariana”	116
Figura 131. Brincos Linha “Mariana”	117
Figura 132. Jóias da Linha “Mariana”	117
Figura 133. Humanização - jóias da Linha “Mariana”	117

Figura 134. Humanização - colar da Linha “Mariana”	118
Figura 135. Humanização - anel da Linha “Mariana”	118
Figura 136. Humanização - brinco da Linha “Mariana”	118
Figura 137. Colar da linha “Povo do Mar”	120
Figura 138. Colar da linha “Povo do Mar”	120
Figura 139. Anel da linha “Povo do Mar”	121
Figura 140. Brincos da linha “Povo do Mar”	121
Figura 141. Linha de jóias "Povo do Mar"	122
Figura 142. Humanização - linha “Povo do Mar”	122
Figura 143. Humanização - colar da linha “Povo do Mar”	123
Figura 144. Humanização - anel da linha “Povo do Mar”	123
Figura 145. Humanização - brinco da linha “Povo do Mar”	124
Figura 146. Colar da linha “Olho de Hórus”	125
Figura 147. Colar da linha “Olho de Hórus”	125
Figura 148. Anel da linha “Olho de Hórus”	126
Figura 149. Brincos da linha “Olho de Hórus”	126
Figura 150. Jóias da linha “Olho de Hórus”	127
Figura 151. Humanização - jóias da linha “Olho de Hórus”	127
Figura 152. Humanização - colar da linha “Olho de Hórus”	128
Figura 153. Humanização - anel da linha “Olho de Hórus”	128
Figura 154. Humanização - brinco da linha “Olho de Hórus”	129
Figura 155. Confecção de berloque	132
Figura 156. Caixinhas dos brincos confeccionadas e cabochões abaixo	133
Figura 157. Caixinha do anel com cabochão de quartzo ao lado	134
Figura 158. Anel quase finalizado	134
Figura 159. Caixinha confeccionada	135
Figura 160. Símbolos prontos para serem serrados	137
Figura 161. Símbolos prontos para serem modelados	138
Figura 162. Martelando com punção	139
Figura 163. Base do anel pronta para ser soldada	139
Figura 164. Fita sendo trabalhada para ser soldada	140
Figura 165. Apoio para cabochão pronto	140
Figura 166. Perfurações feitas na lateral da caixinha	141
Figura 167. Soldando as meias argolas do brinco	142

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I: ELEMENTOS DA PROPOSIÇÃO	2
I. 1 – Identificando o Tema	2
I. 2 – Identificando os Objetivos	3
I. 2.1 – Objetivo Geral	3
I. 2.2 – Objetivo Específico	3
I. 3 – Justificativa	4
I. 4 – Identificação do Público Alvo	5
I. 5 – Aspectos Metodológicos	5
 CAPÍTULO II: COLETA, ANÁLISE E SÍNTESE DE DADOS	 6
II. 1 – Religião	6
II.1.1 – Tipos de religiões	8
II.1.2 – Religiões no Brasil	9
II.1.3 – Pertinente às Religiões	28
II.1.4 – Religiões Escolhidas, seus Ritos e Símbolos	31
II. 2 – Joalheria Religiosa	69
II.2.1 – Exemplares da joalheria religiosa no Catolicismo	71
II.2.2 – Exemplares da joalheria religiosa na Umbanda	73
II.2.3 – Exemplares da joalheria religiosa na Wicca	75
II. 3 – Fundamentos da Joalheria	79
II.3.1 – Joalheria Autoral	81
II.3.2 – Principais Técnicas e Materiais da Joalheria	86
II. 4 – Requisitos e Restrições Projetuais	110
 CAPÍTULO III: IDÉIAS PRELIMINARES	 111
III. 1- Linha Católica	111
III. 2- Linha da Umbanda	112
III. 3- Linha da Wicca	113

CAPÍTULO IV: DESENVOLVIMENTO DAS IDÉIAS SELECIONADAS 114**IV. 1- Apresentação das Linhas Seleccionadas 114**

IV.1.1- Linha Católica 114

IV.1.2- Linha da Umbanda 119

IV.1.3- Linha da Wicca 124

IV. 2- Descrição do processo de fabricação e materiais 129

IV.2.1- Linha Católica 129

IV.2.2- Linha da Umbanda 134

IV.2.3- Linha da Wicca 139

CONCLUSÃO 144**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 145****ANEXOS**

Introdução

Este projeto visa à elaboração de três linhas de jóias inspiradas em religiões. O Brasil é um país onde a espiritualidade intensa é uma característica marcante. Apesar de ter incorporado inicialmente o Catolicismo trazido por nossos colonizadores portugueses, sofreu influência de outras religiões e cultos introduzidos pelos escravos trazidos do Continente Africano e posteriormente por imigrantes de outras partes do mundo.

Todo este sincretismo, juntamente com a espiritualidade, faz da nossa, uma população muito mística, crédula e religiosa. Desde que nascemos, independentemente da nossa formação religiosa, vivenciamos rituais de passagem como os de nascimento, crescimento, casamento e morte. Não raramente também observamos ao nosso redor pessoas que ostentam algum tipo de ornamento que traduza de alguma forma sua ligação com o Divino, sua religião ou que caracterize algum tipo de crença, seja de proteção, augúrio, prosperidade ou saúde.

De acordo com especialistas, o mercado da joalheria cresce constantemente e as jóias brasileiras já são identificadas no mercado consumidor estrangeiro, pelo traço jovem e leve, paleta de cores e pela beleza das peças. Com esse estilo diferenciado, designers, joalheiros, aliados às indústrias nacionais com sua produção em escala, unem criatividade à inovação do design nacional.

Capítulo I – Elementos da proposição



Figura 1 Stonehendge, Inglaterra

I.1 - Identificando o tema

De acordo com o senso de 2000 realizado pelo IBGE, 90% dos brasileiros declararam algum tipo de filiação religiosa.

Devido à virada do milênio, intensificaram-se superstições sobre a chegada do fim do mundo, desaparecimento da humanidade e profecias esquecidas durante séculos ressurgiram, caso da “Profecia Maya”. Livros foram publicados fortalecendo o imaginário coletivo de que catástrofes poderiam ocorrer, o que gerou insegurança e temor.

Diante desse cenário apocalíptico, o homem é compelido a buscar um novo entendimento do mundo em que vive e de sua inserção nele, através do espiritualismo busca um encontro com o Divino, quer um novo sentido para sua existência, sente no seu âmago que viver é muito mais que nascer, crescer, procriar, envelhecer e morrer.

Muitos permanecem nas religiões em que foram criados, outros se sentem atraídos pela busca de outras ideologias. Além das religiões tradicionais, cresce o número de ideologias holísticas, a chamada “Nova Era”, que busca tirar o ser humano da separidade e reintegrar o homem na ordem cósmica, introduzindo no seu cotidiano, espiritualidade sem dogmas, consciência ecológica e paradigmas alternativos. Apoiada na física quântica, a visão holística propicia uma síntese entre conhecimentos tradicionais e modernos, orientais e ocidentais, científicos e espirituais, como forma de restabelecer a totalidade do homem diante da vida e da morte.

A simbologia religiosa é muito utilizada na nossa cultura e no nosso país, motivando a ostentação de acessórios que traduzam nossas crenças o que permite uma exploração constante desse nicho mercadológico.

A coleção de jóias religiosas “Avra Kedabra” será elaborada a partir de um estudo sobre o catolicismo, a Umbanda e a Wicca, através de um entendimento sobre suas crenças e mitos, símbolos e respectivos significados, apresentando posteriormente ao público consumidor acessórios com design moderno, levando em consideração aspectos ergonômicos, baseado na usabilidade e com características intrínsecas de tradições religiosas e espiritualistas.

I.2 - Identificando os objetivos

I.2.1- Objetivo Geral

Desenvolver uma coleção de jóias em prata inspiradas na religiosidade, utilizando na composição formal e estética, outros materiais encontrados na nossa região, levando em consideração conceitos e simbologias da religião católica, da religião afro-brasileira umbanda, e da religião neo-pagã Wicca.

I.2.2 - Objetivos específicos

- Criar uma coleção de jóias ecumênicas em prata utilizando na composição outros materiais da nossa região como gemas e madeira.
- A coleção será composta por três linhas.
- Cada linha será baseada em uma ideologia religiosa, quais sejam: Catolicismo, Umbanda e Wicca.
- Cada linha terá no mínimo dois elementos.
- Cada linha deverá manter uma unidade estético-formal entre seus elementos.
- A coleção terá o público feminino como alvo.
- Cada linha se utilizará de simbologia pertinente à ideologia religiosa escolhida.

- Todos os elementos serão confeccionados utilizando-se de materiais e técnicas da joalheria tradicional.
- Todos os elementos serão elaborados observando a certos requisitos como: usabilidade, conforto, elegância das formas e composição, segurança e estabilidade quando do seu uso.

I.3 - Justificativa

A virada do milênio intensificou a espiritualidade nas pessoas, gerou uma preocupação com o cuidar da saúde do corpo, mas principalmente com o cuidar da mente e da natureza, visando um futuro melhor para toda a humanidade.

Atualmente tudo que está relacionado com o bem-estar é bem aceito pelo público consumidor. Tudo que é associado ao positivo, ao pacífico, ao holístico tem seu espaço na sociedade, porque as pessoas querem transmitir suas ideologias e convicções no falar, no vestir e se utilizam de símbolos, nesse caso a jóia, como acessório de verbalização de si mesmo.

A joalheria brasileira vem num crescendo e é reconhecida e valorizada no mercado interno e externo por expoentes de contemporaneidade, design limpo, criatividade e inovação.

Analisando elementos similares à minha proposta, verifiquei um opulento nicho mercadológico, pois as peças que encontrei têm apelo estético tradicional, pouca inovação, o que me faz vislumbrar uma gama de possibilidades criativas para esse tema tão ancestral, que é a ligação com o Divino, mas que no momento não poderia ser mais contemporâneo.

I.4 - Identificação do público alvo

A coleção de jóias “ Avra Kedabra “, do Aramaico “eu crio ao falar”, é elaborada para conjugar o feminino com o Divino, e é dedicada à mulheres que de por si trazem na sua essência já a grandeza de criadoras e de divindades e que também são criaturas protegidas e criadas pelo Divino.

I.5 - Metodologia

1. Pesquisa:

Na primeira etapa do projeto foi realizada uma pesquisa sobre as religiões, seitas e doutrinas difundidas no Brasil, seus ritos, celebrações, rituais, crenças e filosofias. Seus principais símbolos e imagens foram introduzidos nesta pesquisa afinal tem papel de extrema relevância na concepção formal, Também foram feitos estudos sobre joalheria autoral, o mercado joalheiro no Brasil e análise de similares. Nesta etapa também foram realizadas pesquisas de materiais e processos que se adequassem à proposta do projeto.

2. Conceituação:

Após conclusão da pesquisa, foram realizados esboços inspirados nesse vasto universo que circunda a fé dos humanos no que é invisível aos olhos. Com a finalização dos desenhos, foram escolhidos os que mais se adaptavam à proposta.

3. Desenvolvimento Técnico:

A partir dos desenhos escolhidos foram feitos então os desenhos técnicos e modelos tridimensionais virtuais.

4. Finalização:

Criação dos protótipos e elaboração das pranchas e outros materiais necessários para a apresentação final do projeto.

CAPÍTULO II - COLETA, ANÁLISE E SÍNTESE DE DADOS



Figura 2 Vênus de Willendorf, do período Paleolítico

II.1 - RELIGIÃO

No começo da vida na Terra ,são os animais. Entre eles os símios e seus primos ancestrais dos humanos. Australopitecus, homo habilis e homo erectus. Se sucedem ao longo de milhões de anos, formando uma longa corrente de ramificações evolutivas que, em algum momento coexistem e lutam entre si, até algumas serem levadas à evolução e outras à extinção. Vivem em bandos nômades, com um rudimento de organização para se ajudarem na luta pela sobrevivência e sempre deixam para trás feridos e mortos, assim como fazem os animais.

Na misteriosa aurora da consciência, lentamente emerge o homo sapiens. O fogo que já era dominado torna-se o centro de uma convivência cada vez mais complexa. A comunicação através da linguagem passa a atingir maior variedade e expressão. Essa habilidade lingüística leva o homem cada vez mais para o domínio do abstrato e do

simbólico, revelando um mundo que se estende além do aqui e do agora. Após milênios desse exercício, aflora-lhe a concepção de uma nova e decisiva consciência, o vislumbre de que a morte não é só fruto de acidentes, morrer é destino do homem.

Nasce o homo sapiens, há cerca de 60.000 anos ac, o homem que sabe duplamente: sabe transmitir seus conhecimentos para frente e sabe que vai morrer. Passa então a recolher os corpos de seus mortos e inicia-se em práticas de rituais funerários suscintos e essa atitude reverencial diante do grande mistério da morte é reformulada rudimentarmente durante milênios. O homem começa a ver as coisas ao seu redor como animadas, acreditava que todas as coisas possuíam espíritos que precisavam ser apaziguados para entrar em contato com as grandes forças regentes da vida e da morte e intermediá-las. O homem constitui em cada canto do mundo conjuntos de mitos e ritos particulares que respondem pelo seu anseio por sentido, eterna busca da humanidade desde os primórdios. A religião evolui paralelamente ao avanço geral da humanidade.

A primeira colocação no contexto ontológico, é que o homem vive a partir de uma centralidade e esta só pode acontecer se houver um sentido para a vida. A existência humana necessita de significações com o mundo e com os outros existentes, mas esta centralidade está constantemente ameaçada pelo estado de não estar centrada, o SER do homem está sempre em conflito com o NÃO SER. O homem é em sua existência um ser finito, porém seus caminhos se entrelaçam no caminho da infinidade e é neste estado que se manifesta o conflito de sua ansiedade existencial perante todo o significado do vivido. A finitude passa a ser “o terror de perder sua vida“. A consciência da finitude faz surgir a ansiedade e a angústia ontológica. Ser finito é estar ameaçado, essa condição existencial possibilita a abertura para a revelação e a pergunta sobre Deus. O ser humano entra em relação direta com a religião e passa a experienciar o seu religioso. Somente os que experimentam o choque da transitoriedade, a ansiedade na qual se tornam conscientes de sua finitude, e a ameaça do NÃO SER, podem entender o que significa a palavra Deus. A religião surge como uma necessidade de curar esta angústia ontológica e obter a afirmação fundamental para o sentido existencial da vida .

O sagrado, palavra-chave para os pesquisadores da religião do século XX, descreve a natureza da religião e o que ela tem de especial. Rudolf Otto em sua obra sobre psicologia da religião, intitulada “a idéia do sagrado”, publicada em 1917, escreveu : o sagrado é “das

ganz andere”, ou seja, aquilo que é totalmente diferente de tudo o mais, e que portanto, não pode ser descrito em termos comuns. Ele fala de sua dimensão especial da existência a qual chama ,”mysterium tremendus et fascinosum”,(em latim, mistério tremendo e fascinante). Uma força que por um lado engendra um sentimento de grande espanto, quase de temor, mas por outro lado tem um poder de atração no qual é difícil resistir.

II.1.1 - TIPOS DE RELIGIÕES

As ciências das religiões tentam dividir as religiões em três categorias, que são, religiões primais, religiões nacionais e religiões mundiais.

As primais são as que se encontravam e ainda se encontram em culturas ágrafas, entre os povos tribais da África, Ásia, América do Norte e do Sul e Polinésia. A marca mais característica dessas religiões é a crença numa miríade de forças, deuses e espíritos que controlam a vida cotidiana. O culto aos antepassados e os ritos de passagem desempenham um papel importante. A comunidade religiosa não se separa da vida social, e o sacerdócio é sinônimo de liderança política da tribo.

As religiões nacionais incluem grande número de religiões históricas que não são mais praticadas: germânica, grega, egípcia e assírio-babilônica. Hoje podemos encontrar vestígios delas em algumas religiões, por exemplo no xintoísmo japonês. É típico das religiões nacionais adotar o politeísmo, uma série de deuses organizados num sistema de hierarquia e funções especializadas. Elas têm também um sacerdócio permanente, encarregado dos deveres rituais em templos construídos para esse fim. Há sempre uma mitologia bem desenvolvida, o culto sacrificial é básico, e os deuses é que escolhem o líder da nação(monarquia sacra).

As religiões mundiais pretendem ter uma validade mundial, ou seja , para todas as pessoas. São conhecidas também como religiões universais. A principal característica das religiões universais surgidas no Oriente Médio é o monoteísmo: elas têm um só Deus. Dá-se grande peso à relação do indivíduo com Deus e à sua salvação. O papel do sacrifício é bem menos proeminente nelas do que nas religiões nacionais, ao passo que

oração e meditação são mais importantes. Essas religiões foram criadas por profetas fundadores cujos nomes são conhecidos: Moisés, Buda, Lao-Tse, Jesus, Maomé.

Devemos entender que os limites entre esses três tipos de religiões é muito fluido. As religiões nacionais muitas vezes constituem evoluções que acompanharam o desenvolvimento geral da sociedade. Assim também, certas religiões mundiais emergiram de religiões nacionais, como um protesto contra determinados aspectos de seu culto e de suas concepções religiosas.

II.1.2 - RELIGIÕES NO BRASIL

O povo brasileiro tem como característica uma intensa espiritualidade, que desafia estatísticas e definições formais. De início formado estritamente pelo catolicismo trazido pelos portugueses, o credo religioso dos brasileiros incorporou gradualmente os cultos afro-brasileiros no período colonial, o protestantismo trazido por imigrantes europeus, e mais tardiamente o judaísmo, islamismo, budismo e pentecostalismo, entre outros. De modo geral é difícil obter estatísticas do número de fiéis de cada religião, pois o sincretismo natural dos brasileiros faz com que, embora tenham uma religião de formação, freqüentem esporadicamente centros espíritas, cultos umbandistas, centros budistas de meditação.

As estatísticas de 2000 dizem que, da população brasileira, 73% é de católicos, 13% de evangélicos, 2% de cristãos independentes(mórmons, adventistas e testemunhas de Jeová), 5% de outras religiões(islamismo, judaísmo, budismo,hinduísmo, e 7% de laicos e ateus, pessoas que não crêem em Deus ou não se vinculam a qualquer igreja.

Considere-se que, deste total, cerca de 1/4 da população freqüenta ainda que esporadicamente cultos afro-brasileiros(candomblé e umbanda) e cerca de 10% freqüenta centros espíritas paralelamente à prática regular de sua religião, e se terá uma idéia do que representa o sincretismo para a população brasileira. Com 88% de cristãos, pode-se dizer que o Brasil é um país predominantemente cristão, no entanto o respeito e aceitação que tem por outras religiões e tradições não cristãs faz com que possamos presenciar orações mistas, ou correlações entre santos católicos e divindades afro-brasileiras, rituais onde

espiritualistas recitam orações católicas o que mostra que na intensa espiritualidade do brasileiro cabem todos os credos.

- CATOLICISMO

A principal religião do Brasil, desde o século XVI, tem sido o catolicismo romano. Ela foi introduzida por missionários que acompanharam os exploradores e colonizadores portugueses nas terras do país recém-descoberto. O Brasil é considerado o maior país do mundo em número de católicos nominais, com 73,8% da população brasileira declarando-se católica, de acordo com o Censo do IBGE de 2000. Porém, sua hegemonia deve ser relativizada devido ao grande sincretismo religioso existente no país.

Entre as tradições populares do catolicismo no Brasil estão as peregrinações à Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Nossa Senhora Aparecida acabou por tornar-se a Padroeira do Brasil. Outras festas católicas importantes são o Círio de Nazaré, Festa do Divino e a Festa do Divino Pai Eterno, mais conhecida como Romaria de Trindade, em Goiás.

No transcorrer do século XX, foi perceptível uma diminuição no interesse pelas formas tradicionais de religiosidade no país. Um reflexo disso é o aparecimento de grande número de pessoas que se intitulam católicos não-praticantes.

A Renovação Carismática Católica (RCC) chegou ao Brasil no começo dos anos 1970, e ganhou força em meados dos anos 1990. O movimento busca dar uma nova abordagem à evangelização e renovar algumas práticas do misticismo católico, incentivando uma experiência pessoal com Deus através do Espírito Santo. Assemelha-se em certos aspectos às Igrejas Pentecostais, como no uso dos dons do Espírito Santo, na adoção de posturas que poderiam ser rotuladas como fundamentalistas e numa maior rejeição ao sincretismo religioso por parte de seus integrantes.

Com forte presença leiga, a RCC responde hoje por grande parte dos católicos praticantes do país. Uma das comunidades carismáticas mais conhecidas é a Canção Nova que possui um canal de televisão mantido por doações e é presidida pelo monsenhor Jonas Abib. Outro ícone da RCC no Brasil é o Padre Marcelo Rossi, fenômeno de mídia e cultura de massas que surgiu no final da década de 1990, cantando e fazendo coreografias tanto em

programas de televisão quanto em missas, propondo-se a pregar a mensagem de Cristo conforme ensinada pela Igreja Católica.

Apesar de manter grande homogeneidade denominacional, o catolicismo conta com algumas dissidências, dentre as quais a Igreja Católica Apostólica do Brasil.

- EVANGELISMO

Nos séculos XIX e XX chegaram ao Brasil, através de imigrantes europeus, as Igrejas Protestantes Históricas, descendentes da Reforma Protestante do século XVI. Desta forma os Luteranos, Metodistas, Presbiterianos, Batistas, Anglicanos e Congregacionalistas se incorporaram à população brasileira, na região nordeste trazidos pelos ingleses por volta de 1835, e na região sul trazidos pelos alemães e europeus em geral por volta de 1824. Nas outras regiões do país, as Igrejas Protestantes chegaram mais por força do intensivo trabalho missionário desenvolvido, do que através de imigração.

De acordo com dados de 2000, 3% do total da população brasileira pertencem a uma destas igrejas, e esse número tem se mantido estável nos últimos anos. Dentre estas Igrejas, conhecidas como Protestantes Históricas, estão : Igreja Batista, Igreja Presbiteriana, Metodista, Luterana e Anglicana.

Mais recentemente, o Movimento Pentecostal, iniciado nos Estados Unidos, tomou força no Brasil, trazendo novos conceitos dentro do protestantismo e rompendo com normas rígidas de conduta impostas pelas Igrejas Históricas. O Pentecostalismo Clássico de 1910 a 1950, trouxe a Congregação Cristã do Brasil (1910), e da Assembléia de Deus (1911). De 1950 a 1970, missionários norte-americanos criaram a Cruzada Nacional de Evangelização, atuando através do Rádio, e foram fundadas a Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), a Igreja do Brasil para Cristo e a Igreja Deus é Amor (1962), e a Casa da Benção (1964).

O Movimento Neopentecostal teve início nos anos 70, e trouxe inovações, como o uso da mídia eletrônica e a administração empresarial das igrejas. Entre elas estão a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976) e a Igreja Renascer em Cristo. No total

as Igrejas Pentecostais e Neopentecostais contam com um número constante de fiéis, calculado atualmente em 10% da população brasileira.

O movimento Pentecostal trouxe certas mudanças ao Protestantismo, a principal delas, a crença no fato de que o Espírito Santo continua a se manifestar nos dias de hoje. Desta crença se originam as práticas de cura, profecia e exorcismos, entre outros.

Juntamente com outros cristãos evangélicos, os pentecostais acreditam nas verdades cristãs básicas tal como expressas no Credo dos apóstolos. Eles enfatizam que qualquer pessoa que procurar Cristo na fé poderá experimentar a abundância e o poder espiritual da salvação em um nível puramente pessoal. O caminho da salvação que pregam foi afirmado por Pedro no primeiro Pentecostes: “arrependei-vos e sede batizados, cada um de vós, em nome de Jesus, o Messias, pelo perdão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo”.

O primeiro estágio nessa rota para a salvação é a conversão. O segundo é o batismo na água. Seu conceito de batismo é como o dos batistas, ou seja: o batismo se realiza pela imersão total e o batismo de crianças é uma impossibilidade. O terceiro estágio e esse é um traço distintivo do pentecostalismo, é o batismo no Espírito Santo., isto é, a experiência da profusão e do poder do Espírito Santo, como a que os discípulos tiveram em Pentecostes (atos 2). Os que foram batizados no Espírito Santo em geral descobrem que têm um ou mais dos dons do Espírito Santo (carismas), por exemplo, a glossolalia, ou o dom de falar línguas estranhas, o de profetizar, o dom da cura. Mas embora os pentecostais acreditem na cura pela fé, não recusam tratamentos ou cuidados médicos.

• ESPIRITISMO

Não pode ser definido somente como religião, nem somente como filosofia. É uma doutrina que admite o princípio de reencarnação e manifestação dos espíritos dos mortos entre os vivos. Embora fundamentada fortemente na doutrina e orações da Igreja Católica, não tem liturgia complicada, restrições, rituais de adoração, sacerdotes ou igrejas, apresentando aos praticantes simplesmente um conjunto de princípios para tornar o homem um ser mais evoluído e tolerante, e principalmente responsável pelos seus atos,

incorporando temas como a lei do retorno (karma), as práticas mediúnicas de contato com espíritos desencarnados e um amplo trabalho de assistência social.

O Espiritismo se adapta de tal forma à espiritualidade e misticismo dos brasileiros que o Brasil é considerado o maior país espírita do mundo, com cerca de 8 milhões de adeptos no ano de 2000, e mais de 9.000 centros. As primeiras manifestações de espíritos oficialmente registradas no Brasil ocorreram em 1845, no Distrito de Mata de São João. Baseado nos trabalhos de Allan Kardec, de onde provém o nome “kardecismo” amplamente utilizado no Brasil, o Espiritismo como prática ocorreu apenas em 1865, quando Luiz Olímpio Teles de Menezes fundou em Salvador o Grupo Familiar de Espiritismo, que a partir de Julho de 1869, iniciou a publicação da revista Espírita “Eco do Além Túmulo”.

Em 1876, foi fundada no Rio de Janeiro a “Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade”; em 1877, foram fundados a “Congregação Anjo Ismael”, o “Grupo Espírita Caridade” e o “Grupo Espírita Fraternidade”. No ano de 1883, começou a ser publicado “O Reformador”, um periódico Espírita fundado por Augusto Elias da Silva, que no ano de 1884, fundou também a Federação Espírita Brasileira. A Livraria da Federação, criada em 1897, é responsável pela edição, distribuição e divulgação da vasta literatura espírita.

Nomes de importância mundial no espiritismo surgiram no Brasil, como o Dr Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcante, presidente da Federação que, a partir de 1900, passou a ser no mundo espiritual, o Apóstolo do Espiritismo Brasileiro, e médiuns famosos como Francisco Cândido Xavier, José Pedro de Freitas (Zé Arigó), e atualmente Divaldo pereira Franco. Embora durante muitos anos as práticas espíritas dependessem exclusivamente da intercessão de médiuns, existe atualmente uma corrente nova de estudos que avalia manifestações de espíritos ocorridas através de aparelhos eletrônicos de áudio e vídeo, conhecida como transcomunicação.

- RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS
- CANDOMBLÉ

Com a vinda dos escravos para o Brasil, seus costumes deram origem a diversas religiões, tais como o candomblé, que tem milhões de seguidores, principalmente entre a população

negra, descendente de africanos. Estão concentradas em maior número nos grandes centros urbanos do Norte, como Pará, no Nordeste, Salvador, Recife, Maranhão, Piauí e Alagoas, no sudeste, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, e no Rio Grande do Sul.

O candomblé é a religião sobrevivente da África ocidental, deu origem às chamadas Religiões Afro-Brasileiras: o candomblé que é dividido em várias nações, o batuque, o Xangô do Recife e o Xambá foram trazidas originalmente pelos escravos. Estes escravos cultuavam seu Deus, e as divindades chamadas Orixás, Voduns ou inkices com cantos e danças trazidos da África.

Estas religiões foram perseguidas, e acredita-se terem o poder para o bem e o mal. Hoje são consideradas como religiões legais no país, mas mesmo assim, muitos de seus seguidores preferem dizer que são "católicos" para evitar algum tipo de discriminação, principalmente na área profissional. Porém, aos poucos, vão sendo mais bem compreendidos.

Nas práticas atuais, os seguidores da umbanda deixam oferendas de alimentos, velas e flores em lugares públicos para os espíritos. Os terreiros de candomblé são discretos da vista geral, exceto em festas famosas, tais como a Festa de Iemanjá em todo o litoral brasileiro e Festa do Bonfim na Bahia.

- UMBANDA

Diferente do candomblé, a Umbanda representa o sincretismo religioso entre o catolicismo, espiritismo e os orixás africanos. A Umbanda tem origens variadas (dependendo da vertente que a pratica).

Em meio as festas nas senzalas os negros escravos comemoravam os Orixás por meio dos Santos Católicos. Nessas festas eles incorporavam seus Orixás, mas também começaram a incorporar os espíritos ditos ancestrais, como os Pretos-Velhos ou Pais Velhos (espíritos de ancestrais, (que não era de antigos Babalaôs, Babalorixás, pois esses são cultuados no Culto aos Egungun em Itaparica, Bahia, e nem Iyalorixás pois essas são cultuadas no Culto das Iyás) eram antigos "Pais e Mães de Senzala": escravos mais velhos que sobreviveram à senzala e que, em vida, eram conselheiros e sabiam as antigas artes da

religião da distante África), que iniciaram a ajuda espiritual e o alívio do sofrimento material daqueles que estavam no cativeiro.

Embora houvesse uma certa resistência por parte de alguns, pois consideravam os espíritos incorporados dos Pretos-Velhos como Eguns (espírito de pessoas que já morreram e não são cultuados no candomblé), também houve admiração e devoção.

Com os escravos foragidos, forros e libertados pelas leis do Ventre Livre, Sexagenário e posteriormente a Lei Áurea, começou-se a montagem das tendas, posteriormente terreiros. Em alguns Candomblés também começaram a incorporar Caboclos (índios das terras brasileiras como Pajés e Caciques) que foram elevados à categoria de ancestral e passaram a ser louvados. O exemplo disso são os ditos Candomblé de Caboclo. Muito comuns no norte e nordeste do Brasil até hoje.

No início do século XX com o surgimento da Umbanda, esta que muitas vezes era realizada nas praias começou a ser conhecida pelo termo macumba, pois macumba nada mais é que um determinado tipo de madeira usada para produzir o atabaque usado durante as giras; por ser um instrumento musical, as pessoas referiam-se da seguinte forma: "Estão batendo a macumba na praia", ficando então conhecidas as giras como macumbas ou culto Omoloko. Com o passar do tempo, tudo que envolvia algo que não se enquadrava nos ensinamentos impostos pelo catolicismo, protestantismo, judaísmo, etc, era considerado macumba. Com isso, acabou por virar um termo pejorativo. Hoje temos várias religiões com o nome "Umbanda" (Linhas Doutrinárias) que guardam raízes muito fortes das bases iniciais, e outras, que se absorveram características de outras religiões, mas que mantêm a mesma essência nos objetivos de prestar a caridade, com humildade, respeito e fé. Alguns exemplos dessas ramificações são:

- Umbanda Popular - Que era praticada antes de Zélio e conhecida como Macumbas ou Candomblés de Caboclos; onde podemos encontrar um forte sincretismo - Santos Católicos associados aos Orixás Africanos;
- Umbanda tradicional - Oriunda de Zélio Fernandino de Moraes;
- Umbanda Branca e/ou de Mesa - Nesse tipo de Umbanda, em grande parte, não encontramos elementos Africanos - Orixás -, nem o trabalho dos Exus e Pomba-giras, ou a utilização de elementos como atabaques, fumo, imagens e bebidas. Essa linha

doutrinária se prende mais ao trabalho de guias como caboclos, pretos-velhos e crianças. Também podemos encontrar a utilização de livros espíritas como fonte doutrinária;

- Umbanda Omolokô - Trazida da África pelo Tatá Tancredo da Silva Pinto. Onde encontramos um misto entre o culto dos Orixás e o trabalho direcionado dos Guias;
- Umbanda Traçada ou Umbandomblé - Onde existe uma diferenciação entre Umbanda e Candomblé, mas o mesmo sacerdote ora vira para a Umbanda, ora vira para o candomblé em sessões diferenciadas. Não é feito tudo ao mesmo tempo. As sessões são feitas em dias e horários diferentes;
- Umbanda Esotérica - É diferenciada entre alguns segmentos oriundos de Oliveira Magno, Emanuel Zespo e o W. W. da Matta (Mestre Yapacany), em que intitulam a Umbanda como a Aumbhandan: "conjunto de leis divinas";
- Umbanda Iniciática - É derivada da Umbanda Esotérica e foi fundamentada pelo Mestre Rivas Neto (Escola de Síntese conduzida por Yamunisiddha Arhapiagha), onde há a busca de uma convergência doutrinária (sete ritos), e o alcance do Ombhandhum, o Ponto de Convergência e Síntese. Existe uma grande influência Oriental, principalmente em termos de mantras indianos e utilização do sânscrito;
- Umbanda de Caboclo - influência da cultura indígena brasileira com seu foco principal nos guias conhecidos como "Caboclos";
- Umbanda de pretos-velhos - influência da cultura Africana, onde podemos encontrar elementos sincréticos, o culto aos Orixás, e onde o comando é feito pelos pretos-velhos.

• BUDISMO

O Budismo não pode ser classificado como religião, pois não há o culto de uma divindade, seria mais correto classificá-lo como uma filosofia espiritualista. Buda não é uma pessoa, é um título que vários mestres já usaram, e significa “aquele que sabe” ou “aquele que despertou”, identificando alguém que atingiu um nível superior de compreensão do universo e transcendeu a condição humana. O Buda mais conhecido, sem dúvida foi Sidarta Gautama, o Sakya Muni, o real fundador do Budismo.

A filosofia derivada dos sermões de Buda foi levada a todo Oriente, e ao se mesclar com a cultura de cada região criaram-se correntes diversas de pensamentos budistas, que diferem mais nos ritos do que nos conceitos básicos e são eles: o Budismo Indiano, o Budismo Chinês, o Budismo Japonês e o Budismo Tibetano.

No Brasil, o Budismo foi introduzido por imigrantes japoneses no início do século XX, a partir de 1950, quando começaram a chegar missionários e então foram fundadas as primeiras organizações no Estado de São Paulo. Atualmente no Brasil há comunidades de todas as correntes budistas, estima-se que 800.000 pessoas professam o Budismo como opção religiosa-filosófica.

O essencial do pensamento budista está nas “Quatro Nobres Verdades”, enunciadas por Buda, na crença de que os seres humanos estão presos a um ciclo de morte e renascimento (samsara), enquanto as consequências de seus atos os prenderem (karma). A existência Humana está sujeita ao sofrimento, doença e morte, ciclo este que só pode ser rompido ao se compreenderem e se cumprirem as “Quatro Nobres Verdades”

1. A Natureza do Sofrimento (dukkha)

"Esta é a nobre verdade do sofrimento: nascimento é sofrimento, envelhecimento é sofrimento, enfermidade é sofrimento, morte é sofrimento; tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero são sofrimentos; a união com aquilo que é desprazeroso é sofrimento; a separação daquilo que é prazeroso é sofrimento; não obter o que queremos é sofrimento; em resumo, os cinco agregados influenciados pelo apego são sofrimento."

2. Origem do Sofrimento (samudaya)

"Esta é a nobre verdade da origem do sofrimento: é este desejo que conduz a uma renovada existência, acompanhado pela cobiça e pelo prazer, buscando o prazer aqui e ali; isto é, o desejo pelos prazeres sensuais, o desejo por ser/existir, o desejo por não ser/existir."

3. Cessação do Sofrimento (nirodha)

"Esta é a nobre verdade da cessação do sofrimento: é o desaparecimento e cessação sem deixar vestígios daquele mesmo desejo, o abandono e renúncia a ele, a libertação dele, a independência dele."

4. O Caminho(magga) para a Cessação do Sofrimento:

"Esta é a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento: é este Nobre Caminho Óctuplo:entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta."

• IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL

Foi fundada no Japão, em 1º de janeiro de 1935, por Mikiti Okada , também conhecido entre os fiéis como Meishu-Sama (Senhor da Luz), e introduzida no Brasil em 1955, aqui possui seu maior centro religioso da América do Sul, o único lugar conhecido como Solo Sagrado fora do Japão.

Fundou a Igreja Messiânica Mundial devido à revelações divinas que recebeu sobre sua grandiosa missão de construir o paraíso na Terra e difundiu para as pessoas os ensinamentos e práticas necessárias para a concretização deste ideal.

A prática altruísta central da Igreja é o Johrei, criado por Meishu-Sama, através da junção de dois ideogramas: “Joh” que significa purificar e “rei” que significa espírito. Ministar o Johrei, significa canalizar a luz divina no corpo de outra pessoa com o intuito de curá-la de seus males espirituais e físicos.

Os messiânicos crêem em Deus como criador do Universo. Crêem que a história humana do passado constitui estágios preparatórios, degraus para se alcançar o Céu na Terra. Crêem que para cada época, Deus envia o seu mensageiro e as religiões necessárias, cada qual com sua missão, visando a concretização desse mundo ideal da eterna paz, perfeitamente consubstanciado na verdade Bem-Belo, erradicando doenças, pobreza e conflito, as três desgraças que assolam o mundo.

• XAMANISMO

O xamanismo é um culto neopagão que desde a década de 70 vem se intensificando como prática religiosa no Brasil. O grupo xamânico mais conhecido no Brasil é o Santo Daime .

Normalmente as reuniões xamânicas são realizadas por seus praticantes em ambientes naturais e promovem rituais onde celebram a sintonização com a energia natural da terra e as entidades correlacionadas.

O xamanismo é um termo genericamente usado em referência a práticas etnomédicas, mágicas, religiosas (animista primitiva) e filosóficas (metafísica), envolvendo cura, transe, metamorfose e contato direto entre corpos e espíritos de outros xamãs, de seres míticos, de animais, dos mortos, etc.

A palavra xamã vem do russo, tungue saman corresponde à práticas dos povos não budistas das regiões asiáticas e árticas especialmente a Sibéria (região centro norte da Ásia). Apesar da especificidade dessas práticas na região (em especial as técnicas do êxtase dos tungues, Iacutes, mongóis, turco-tártaros etc.), não existe origem histórica ou geográfica para o xamanismo como conhecido hoje, tampouco algum princípio unificador. Outros nomes para sua tradução seriam feiticeiros, médico-feiticeiros, magos, curandeiros e pajés.

Antropólogos discutem ainda na definição xamanismo, a experiência biopsicossocial do transe e êxtase religioso bem como as implicações sociais da definição do xamanismo como fato social, uma tradição equivalente à magia enquanto prática individualizada relacionada aos problemas e técnicas e ciência da sobrevivência cotidiana (agricultura, caça, medicina, etc.) ou ao fenômeno religioso, abstrato, coletivo, normatizador.

O Xamanismo é constante em diversas manifestações indígenas brasileiras. A palavra "pajé", de origem Tupi, se popularizou na literatura de língua portuguesa em referência ao xamã. Seu estudo, descrições de caso e comparação, tem sido recomendado para facilitar a implementação de práticas de assistência à saúde culturalmente adequadas no Brasil a cerca de 4.000 índios pertencentes a 210 povos sob a responsabilidade da FUNASA-Fundação Nacional de Saúde desde agosto de 1999.

Xamanismo ou Pajelança comunicação com os encantados e entidades ancestrais através de cânticos, danças, assim como nos índios Guarani Kaiová e utilização de instrumentos musicais (maracá, zunidores) para captura e afastamento de espíritos malignos tipo mamaés, anhangás, utilização do jejum, restrições dietéticas, reclusão do doente, além de

uma série de práticas terapêuticas que incluem: o uso do tabaco (o pajé fuma grandes cachimbos) e outras plantas psicoativas, aplicação de calor e defumação, massagens, fricções, extração da doença por sucção/ vômito, escarificação no tórax e locais inflamados com bico, dentes de animais ou fragmentos de cristais.

No Brasil rural e urbano, apesar da tradição multi-étnica dos ameríndios, observa-se a presença dessas práticas médicas-religiosas em comunhão com rituais católicos e espiritualistas de origem africana. Esse xamanismo é conhecido em algumas regiões como pajelança cabocla, culto aos encantados, toré, catimbó, candomblé de caboclo, em rituais de Umbanda, culto a Jurema Sagrada.

Atualmente no Brasil existem várias vertentes de neo-xamanismo ou Xamanismo urbano, entre estas linhas diversos grupos se reúnem para estudar e trocar conhecimentos sobre o tema.

• JUDAISMO

A palavra judeu deriva de Judéia, nome de uma parte do antigo reino de Israel. Judaísmo reflete essa ligação. A religião é chamada ainda de “mosaica”, já que se considera Moisés como um de seus fundadores.

O Estado de Israel define o judeu como “alguém cuja mãe é judia e que não pratica nenhuma outra fé”. Aos poucos essa definição foi ampliada para incluir o cônjuge.

O judaísmo não é apenas uma comunidade religiosa, mas também étnica. Historicamente o termo “judeu” tem conotações raciais, porém estas são inexatas. Existem judeus de todas as cores de pele.

Explica-se o aparecimento do judaísmo no Brasil com a vinda de cristãos novos, judeus convertidos ao cristianismo e batizados contra a vontade para fugir da inquisição, juntamente com os colonizadores portugueses. Possivelmente o primeiro a pisar solo brasileiro foi Gaspar de Lemos, intérprete de Pedro Álvares Cabral, em 1500. Outro cristão novo, Fernando de Noronha, que descobriu a ilha com seu nome, chegou ao Brasil em 1503.

Embora em 1567 a imigração de conversos tenha sido proibida, muitos cristãos novos continuavam a chegar clandestinamente, fugindo da Inquisição Portuguesa, que inclusive chegou a fixar um escritório em Recife para julgar cristãos novos que ainda mantivessem ritos judaicos.

As invasões holandesas trouxeram cerca de 1000 judeus e breves períodos de liberação da religião favoreceram a fundação de duas sinagogas em Recife no ano de 1630, pelo rabino Isaac Aboab da Fonseca, mas com a reconquista pelos portugueses os judeus assumidos foram obrigados a sair do Brasil.

A opressão aos convertidos só terminou em 1773, quando o Marquês do Pombal aboliu a distinção entre cristãos novos e velhos cristãos, mas a situação melhorou na verdade quando a família real veio para o Brasil, pois o tratado de comércio com os ingleses exigia que não se fizesse nenhum tipo de perseguição a estrangeiros por questões de consciência.

Em 1812, o primeiro grupo de judeus Sefaradim ou Sefarditas estabeleceu-se na Amazônia e em 1828, foi fundada a sinagoga Shaar Hashamayim (Portal do Céu). A partir de 1850, vários grupos de judeus chegaram ao Brasil e se espalharam por todo o território, sendo que no início do século XX começaram a chegar grupos de judeus Asquenazitas provenientes da Europa e que por familiaridade lingüística e cultural, se dirigiram em maior número para a região sul do país.

Nas décadas de 30 e 40, uma vigorosa corrente de imigrantes fugidos da perseguição nazista chegou ao Brasil e em 1966, foi fundada a primeira Yeshivah brasileira, um tipo de seminário destinado à formação de rabinos.

O Judaísmo é uma religião monoteísta. Deus, o Deus único, é o criador do mundo e o senhor da história. Toda vida depende dele, e tudo que é bom flui dele. É um Deus pessoal que se preocupa com as coisas que criou. Quem é Deus e o que é Deus é algo que não pode ser expresso em palavras. O nome de Deus é representado pelas letras IHVH, um acrônimo que em hebraico significa “eu sou quem sou”. Esse acrônimo costuma ser lido como “Jeová” ou “Javé”, porém o nome real é tão sagrado que sempre se usa algum sinônimo, como o “Senhor” ou “o nome”.

Jeová é o criador e sustentador do mundo, a idéia de que Deus não possa existir é alheia a um judeu.

O fato de que Deus é apenas um e apenas um se reflete também na existência humana. Toda a vida de um homem deve ser consagrada. Não há linha divisória que separe o sagrado do profano. Honra-se o Senhor também na vida secular. A tarefa mais importante do homem é cumprir todos os seus deveres para com Deus e para com seus semelhantes.

Numa sinagoga não há imagens religiosas nem objetos no altar, pois as imagens são proibidas. O ponto focal é a Arca, uma espécie de armário que fica na parede oriental, na direção de Jerusalém. Ali se guardam os rolos da Tora (a lei), escritos em pergaminho. Como sinal de respeito esses rolos costumam estar envoltos numa capa de seda, veludo ou outro material nobre, e decorados com sinos, uma coroa e um escudo de metal precioso. Mantém-se sempre uma lâmpada ardente diante da Arca.

• ISLAMISMO

Hoje no Brasil há cerca de um milhão de muçulmanos, distribuídos principalmente nas metrópoles do sudeste e sul e também em Brasília. Existem no território nacional cerca de 100 mesquitas, 5 na cidade de São Paulo, sendo que a principal delas, a Mesquita Brasil, foi a primeira a ser construída no Brasil, em 1929. Uma das únicas mesquitas no Brasil a emitir o chamado externo para os muçulmanos rezarem é a mesquita de Mogi das Cruzes, também em São Paulo, ela possui quatro alto-falantes instalados no alto da torre da mesquita, a 42 metros de altura, anunciando: "Deus é o maior" (repetido quatro vezes); "Testemunho que não há divindade além de Deus" (duas vezes); "Testemunho que Muhammad é um mensageiro de Deus" (duas vezes); "Vinde à oração" (duas vezes); "Vinde ao sucesso" (duas vezes); "Deus é o maior" (duas vezes); "Não há divindade além de Deus" (uma vez). Essas frases são emitidas na língua árabe por aproximadamente três minutos.

O Jejum do Ramadã lembra muito a quaresma, comentado anteriormente, o Ramadã é bastante disciplinado - eles devem acordar cedo, tomar seu café antes do nascer do sol,

após disso não podem comer mais nada até depois do pôr-do-sol, dessa forma o jejum e abstinência devem durar entre o nascer e o pôr-do-sol.

O jejum para os muçulmanos é obrigatório para aqueles que chegam à puberdade, constituindo um momento importante na vida e uma marca simbólica na entrada na vida adulta. Não se pode jejuar quando: grávida, menstruada, enfermo ou quando a pessoa está viajando. Quando esses dias de jejum não são seguidos ou cumpridos devem ser feitos em outra ocasião, antes do próximo Ramadã.

A grande maioria da população muçulmana do Brasil descende de imigrantes Libaneses, Sírios, Palestinos e de outros países árabes, mas houve na história brasileira uma população islâmica particularmente ativa, que não deixou descendentes, mas criou um capítulo à parte na história do país: os Males.

No final do século XVII, entre o contingente de escravos africanos trazidos para o Brasil vieram sudaneses e berberes chamados “mandingas”. Eram povos guerreiros que já haviam vencido o reino de Ghana e tinham costumes muito diferentes dos outros grupos de escravos, usavam cavanhaques, tinham hábitos regulares e austeros e não se misturavam com os outros escravos. Junto vieram professores e textos estranhos, provavelmente escritos árabes que eram passados aos demais juntamente com o ensinamento de que carregavam uma herança social que os levava a serem guerreiros em defesa da fé. Eram denominados Males, mas também Mucumim, Muxurimim, Muçulimi, Muçurumi. Eram totalmente monoteístas, não eram idólatras, usavam amuletos gravados com versículos do Alcorão Sagrado, escritos em árabe, e possuíam conselheiros ou juizes chamados Alufas, a quem ouviam e respeitavam.

Foram responsáveis pelas revoltas de escravos negros no Brasil, de 1807 a 1837, quando ocorreu a Guerra dos Malês, um dos levantes que mais transtornaram os governantes do Brasil, antes da Proclamação da Independência até o período da Proclamação da República.

O Islã teve origem na Arábia e está intimamente relacionado a essa cultura principalmente porque o livro sagrado dos muçulmanos, o Corão ou Alcorão, foi escrito em Árabe.

A palavra árabe íslam significa “submissão”. É um significado forte. Percebe-se na raiz do nome algo essencial nessa religião: o homem deve se entregar a Deus e se submeter a Sua vontade em todas as áreas da vida.

Como religião, o Islã não compreende apenas a esfera espiritual, mas todos os aspectos da vida humana e social. Na maioria dos países islâmicos, os que tem conhecimentos jurídicos, costumam atuar como líderes religiosos. Não existe um sacerdócio organizado. Uma descrição geral do islã se divide em três tópicos principais: credo, deveres religiosos e relações interpessoais. O Islão ensina seis crenças principais:

1. a crença em Alá (Allah), único Deus existente;
2. a crença nos anjos, seres criados por Alá;
3. a crença nos livros sagrados, entre os quais se encontram aTorá, os Salmos e o Evangelho. O Alcorão é o principal e mais completo livro sagrado, constituindo a coletânea dos ensinamentos revelados por Alá ao Profeta Maomé;
4. a crença em vários profetas enviados à humanidade, dos quais Maomé é o último;
5. a crença no dia do Julgamento Final, no qual as ações de cada pessoa serão avaliadas;
6. a crença na predestinação: Alá tudo sabe e possui o poder de decidir sobre o que acontece a cada pessoa.

Os cinco pilares do Islão são cinco deveres básicos de cada muçulmano

1. a recitação e aceitação da crença (Chahada);
2. Orar cinco vezes ao longo do dia (Sala);
3. pagar esmola (Zakat);
4. observar o jejum no Ramadã (Saum);
5. fazer a peregrinação a Meca (Haj) se tiver condições físicas e financeiras.

•WICCA

A magia conhecida como Wicca surgiu entre os povos da Irlanda, Inglaterra, País de Gales, Itália e França. Essa religião se refere a todas as manifestações de origem pagã. A palavra Wicca vem do saxão witch ou do inglês arcaico wicce, que significa girar, moldar ou dobrar. Alguns estudiosos afirmam que esta palavra vem da raiz germânica wit que

significa saber. Para entender a magia Wicca é preciso conhecer um pouco da cultura Celta, sua raiz mais profunda. Essa cultura foi uma das mais importantes que predominaram há milhares de anos em Roma, tendo surgido na Europa Central no II milênio antes da era comum (AEC). Entre os séculos III e V daquela era, espalharam-se por toda Europa, chegando à Turquia e Ásia Menor. O povo Celta, ao chegar na Europa, trouxe suas crenças, que ao se misturarem às crenças da população local, deram início às práticas wiccanianas. É claro que a bruxaria é anterior aos Celtas, mas eles mantiveram a tradição Wicca.

A religião dos Celtas (existentes em algumas partes do mundo) era e ainda é o Druidismo, uma religião politeísta, e seus ritos eram sempre realizados ao ar livre. Para eles, este contato com a natureza permitia uma maior aproximação com os deuses e divindades. As principais eram: a Grande Deusa Mãe e o Deus Cornífero, chamados de Ceridwen e Cernunos, respectivamente. A Grande Deusa Mãe é a natureza em todas as suas manifestações, a fecundação e a criação, mãe do Deus Cornífero que representa a fertilização.

Os druidas cultuavam agricultura, a cura com ervas e a caça. Realizavam festas ritualísticas em homenagem às divindades, e iniciavam as pessoas na arte da Magia que era ensinada oralmente. Apesar da classe sacerdotal ser dividida entre homens e mulheres, a sociedade era matriarcal. As druidesas eram divididas em classes: a primeira vivia enclausurada. As outras classes podiam se casar e participavam de rituais sagrados. O tempo foi passando e os deuses ficaram apenas na história representados por estátuas encontradas em diversas partes do mundo, como a do Deus Cornífero achada na Suécia. Agora com a chegada do século XXI, todos estes conceitos estão retornando e ressurgem em todo mundo as crenças e o poder da magia dos antigos celtas. A bruxaria é a antiga religião dos povos da Europa, que após quase 2000 anos de exclusão e desaparecimento ressurgiu com o nome de Wicca. Esta religião, depois de se popularizar na Europa e América do Norte, nos últimos dois anos vem ganhando grande número de adeptos no Brasil e nas demais partes do mundo.

• NOVAS TENDÊNCIAS RELIGIOSAS

Hare Krishna, Igreja da Unificação do Reverendo Moon (os moonies), Meninos de Deus: eis alguns exemplos de novos movimentos religiosos internacionais que cresceram durante as últimas décadas. Em termos históricos, o surgimento de novas religiões não é um fenômeno desconhecido. As grandes religiões mundiais sofreram muitas divisões ao longo dos séculos. Em alguns casos, isso levou à fundação de religiões totalmente novas, ao passo que em outros se fundaram apenas novas comunidades, novas igrejas, seitas, ou tendências religiosas que mantiveram o contato com suas raízes e tradições.

Uma característica típica das diversas orientações religiosas novas que vêm surgindo é o que se conhece como sincretismo: a seita ou comunidade religiosa contém elementos de várias religiões diferentes. Também nisso não há nada de novo.

A época romana nos dá um bom exemplo de fusão religiosa. Através de todo o Império Romano, idéias vindas da África, da Ásia e da Europa se fundiram para criar uma série de movimentos religiosos. Geralmente eles adotavam conceitos de outras religiões, como a egípcia, a persa, a babilônica, a judaica, a grega e a romana.

Durante o século XIX, muitos líderes religiosos na Índia proclamaram que todas as grandes religiões do mundo são compatíveis entre si e que, no fundo, expressam a mesma coisa. Tais idéias devem igualmente ser chamadas de sincretistas.

Algumas características elementares aparecem em vários movimentos religiosos : normalmente foram fundados por alguém com personalidade forte, que teve uma revelação da divindade e se sente chamado a liderar uma igreja. Pode ser uma “figura messiânica” a quem as pessoas recorrem em épocas de crise espiritual, cultural ou política. Mas também pode ser um guru (mestre religioso) que exige a completa obediência e devoção de seus discípulos. O guru em si não é necessariamente divino, mas representa o divino e, portanto, pode receber oferendas de seus seguidores.

Os novos movimentos religiosos afirmam que são universais e aplicáveis a todos, e vêm a si mesmos como “a religião das religiões”. Costumam alegar que se trata de uma síntese

de todas as grandes religiões do mundo, e transformam Moisés, Jesus, Maomé, Krishna e Buda em seus precursores. Com frequência, a idéia é que as velhas religiões já esgotaram seus papéis, pois cada uma, por si só, contém apenas uma fração da verdade. A nova religião é a revelação final, a resposta última, a verdade plena e completa. Uma característica importante dos novos grupos religiosos é a exigência de que o indivíduo se entregue a eles por inteiro, o que inclui um rompimento total com sua vida anterior. A pessoa “morre” em sua vida antiga e “renasce” dentro da nova seita.

Movimentos alternativos também surgiram nas últimas décadas como reação às igrejas estabelecidas, à ciência oficial e ao status quo. Muitos deles têm um novo ponto de vista sobre a vida, tão forte e predominante que não podemos deixar de considerá-los num levantamento de novas correntes filosóficas.

Existem incontáveis movimentos alternativos, mas algumas características são percebidas de forma clara, como por exemplo a profunda desconfiança do materialismo gerada como reação ao ponto de vista materialista como também à ciência aplicada, que levou ao acúmulo de armas atômicas e à ameaça ambiental para a vida na terra. O materialismo é prejudicial ao corpo e à mente, ao nosso ambiente físico e à nossa cultura como um todo.

Valores espirituais mais profundos são enfatizados, inspirados na filosofia oriental e de maneira totalmente independente de sua formação religiosa, preocupam-se com carma e reencarnação e interação entre yin e yang, valorizam a meditação e praticam yoga. Astrólogos crêem que a humanidade caminha para uma “nova era” (a era de aquário) que se caracterizará por uma orientação mais espiritual.

Tentativas de encontrar novos canais para o pensamento se manifestaram ainda na área da medicina e saúde, incluindo a homeopatia, acupuntura, análise da aura e curas espirituais como forma de minorar os problemas que acometem o indivíduo tirando-o de seu equilíbrio.

É comum também a uma área do movimento alternativo, o interesse pela parapsicologia, nos fenômenos extra-sensoriais, como telepatia, clarividência, levitação ou telecinesia (movimento de objetos físicos pela energia psíquica). Em várias regiões do mundo a parapsicologia é hoje uma disciplina científica séria.

Muitos movimentos alternativos crêem que a nova mentalidade científica será caracterizada pelo “holismo” (da palavra grega *holos*, “total”, “inteiro”). Ressalta-se que, em diversos casos, o todo afeta as partes. Cada órgão dentro do corpo é influenciado pelo indivíduo como um todo; o indivíduo é parte de um sistema ecológico, e nosso planeta tem uma relação orgânica com o resto do universo. Essa filosofia também tem raízes bem antigas na história humana.

Os movimentos alternativos não apenas se preocupam em alterar nossa maneira de pensar, mas se empenham também na implantação de um novo estilo de vida, já que há algo profundamente errado com a civilização ocidental de um modo geral.

II.1.3 - PERTINENTES ÀS RELIGIÕES

• MITOS

Um mito é geralmente uma história que acompanha um rito. O rito com frequência reitera um ato em que o mito se baseia.

Assim, o mito religioso tem um significado mais profundo do que a lenda e os contos folclóricos, o mito procura explicar alguma coisa. É uma resposta metafórica para as questões fundamentais, de onde viemos e para onde vamos? Por que estamos vivos e por que morremos? Como foi que a humanidade e o mundo passaram a existir? Quais são as forças que controlam o desenvolvimento do mundo?

Muitas vezes os mitos elucidam algo que aconteceu no princípio dos tempos, quando o mundo ainda era jovem. Por exemplo a maioria das religiões têm seus mitos de criação, que explicam como o mundo surgiu. O objetivo principal deles não é revelar fatos históricos. A essência do mito é oferecer às pessoas uma explicação geral da existência.

• RITOS

Um dos modos mais simples de todos os ritos é a oração, “casa-de-força das religiões”, pode ser uma comunicação espontânea do indivíduo com o divino e nesse caso não costuma ter uma forma definida, pois é expressa em termos pessoais, ou pode ser coletiva e obedecer a um padrão bem definido associando-se a atos e gestos segundo certas regras predeterminadas, invocando-se ou louvando-se a Deus ou a deuses.

Ritos se fundem com mitos através de palavras e cerimônias. O conjunto das cerimônias religiosas de uma religião é conhecido como culto (do verbo latino colere, “cultivar”), e na ciência das religiões é um termo coletivo que designa todas as formas de ritos religiosos.

Ritos religiosos promovem contato com o sagrado, costumam ser realizado em lugares sagrados, nos quais há objetos sagrados. Pessoas que lideram tais ritos podem ser consideradas sagradas ou estarem consagradas para exercer este trabalho.

Alguns ritos de passagem associam-se às grandes mudanças na condição do indivíduo, tais como : nascimento (batismo, circuncisão, atribuição do nome), puberdade, casamento e a morte, normalmente simbolizam iniciação, nascimento iniciação para a vida, enquanto a morte é a iniciação numa nova condição no reino dos mortos ou na vida eterna.

A conexão do indivíduo com o sagrado ocorre nos ritos religiosos também através de sacrifícios oferecidos aos deuses, de coisas consideradas valiosas como por exemplo, as frutas, primícias das colheitas, um filhote de animal, e em certas culturas existem até mesmo exemplos de sacrifício humano. É através da oferenda (do latim offerre, “trazer” ou “oferecer”) que o indivíduo dá um presente aos deuses e espera um outro em troca. O intuito do sacrifício se expressa na frase latina do “ut des”, ou seja, “dou para que tu me retribuas o presente”.

Uma oferenda de agradecimento é uma retribuição a algo que os deuses proporcionaram, a primeira vista isso pode parecer uma barganha, mas na realidade dar e receber presentes implica em um tipo de associação, união e comunhão com os deuses, da parte do indivíduo

uma forma de gratidão e desejo de que a proteção continue. Considera-se que os deuses se tornem fortes com os sacrifícios e que sem os mesmos debilitam-se o que terá efeito negativo sobre o mundo e a humanidade, na forma de doenças e más colheitas.

• MAGIA

Magia é uma tentativa de controlar os poderes e as forças que operam na natureza. Costuma-se encontrar a magia em contextos religiosos, e é difícil traçar uma linha divisória nítida entre a religião e a magia, entre uma reza e um encantamento.

A distinção que mais sobressai é o fato de na religião, o indivíduo se sentir totalmente dependente do poder divino, faz sacrifícios aos deuses, se volta para eles em oração, mas em última análise aceita a vontade divina. Por outro lado quando o ser humano se vale de ritos mágicos, ele está tentando coagir as forças e potências a obedecer à sua ordem, que com frequência consiste em atingir finalidades concretas.

A magia já foi interpretada por algumas pessoas como origem da ciência, ou um estágio inicial desta. O que faz o mago assim como o cientista, é tentar descobrir um elo entre causa e efeito. De qualquer maneira, ele é forçado a fazer observações da natureza e a adotar processos empíricos de raciocínio.

• SORTE

O termo e o conceito são consequência da necessidade do ser humano categorizar, isolar e nomear um conjunto de instrumentos e sensações, idéias para que possa ser apreendido, trabalhado e utilizado simbolicamente.

Um significado que não existe materialmente no mundo real, mas que encontra suporte em muitos objetos investidos de poder relacionado conforme a crença popular. As forças que dão origem às várias situações em torno da sorte derivam de realidades ou imaginários cosmogônicos, metafísicos místicos ou divinos, dedução que se obtém da crença popular.

A concepção da sorte é profundamente enraizada da crença popular, inferindo na conduta dos que nela acreditam, conforme a forma em questão. Em muitas culturas, imagina-se

que a sorte possa ser obtida através de artifícios mágicos como, ferraduras de cavalo, trevos de quatro folhas, amuletos, confundindo-se muitas vezes com questões relativas à influência de forças do além vida.

• AMULETO

Amuleto é um objeto que um indivíduo acredita que pode trazer sorte ou proteção. Está muito vinculado ao imaginário popular. Muitos indivíduos costumam ter seu amuleto-da-sorte como algo que garante sucesso, ou proteja em determinadas situações. É geralmente dado como presente por uma pessoa ou entidade de grande importância para o presenteado.

Objeto, geralmente de procedência animal ou mineral, ao qual é atribuído supersticiosamente virtudes que afugentam os maus espíritos, as desgraças e protegem seus donos de doenças. Suas características variam entre os povos e as culturas. São levados normalmente presos em alguma parte do corpo, como pescoço, pulso ou tornozelo, mas também podem ser presos à roupa.

Figas, cruzes de David, sino-saimão, chaves, elefantes com trombas para cima ou para baixo, trevos, “trezes”, ferraduras, corcundas, quartos de lua, porcos, patas e cornos de animais, budas, olhos, um sem fim de objetos semelhantes, são alguns exemplos de amuletos.

II.1.4 - RELIGIÕES ESCOLHIDAS SEUS SÍMBOLOS E IMAGENS

• CATOLICISMO

Do descobrimento à proclamação da república, o catolicismo foi a religião oficial do Brasil, devido a um acordo de direito de Padroado firmado entre o Papa e a Coroa

Portuguesa. Neste tipo de acordo, todas as terras que os portugueses conquistassem deveriam ser catequizadas, mas tanto as igrejas quanto os religiosos se submeteriam à Coroa Portuguesa em termos de autoridade, administração e gerência financeira.

Com a Proclamação da República, foi declarada a independência do Estado em relação à Igreja, e foi instituída a liberdade de culto, sendo o Brasil declarado um estado laico, isto é, isento de vínculos religiosos.

O catolicismo no Brasil colonial foi implantado pelos jesuítas durante o período colonial e depois por outras ordens religiosas que assumiram o serviço das paróquias, dioceses, institutos educacionais e hospitais. Em 1750, graves conflitos entre os colonos e padres levaram o Marquês de Pombal a expulsar os jesuítas do Brasil, pois eles insistiam em permitir que os índios fossem escravizados.

De 1980 a 2000, o Movimento de Renovação Carismática Católica, originado nos Estados Unidos e apoiado pelo então Papa João Paulo II, cresceu e se difundiu, levando à romanização e centralização da coordenação da Igreja Católica. Práticas antigas foram retomadas, como a Reza do Terço, a devoção Mariana e os cultos carregados de músicas e emoção. O Movimento de Renovação Carismática valoriza a ação do Espírito Santo, aproximando-se da visão das Igrejas Neopentecostais evangélicas, e atraiu a juventude para os cultos e grupos de oração, tendo como figura mais evidente o Padre Marcelo Rossi, religioso paulistano que se tornou um fenômeno de mídia.

A Igreja Católica é a maior de todas as igrejas. Existem cerca de 1 bilhão de cristãos no mundo. Aproximadamente metade deles pertence ao catolicismo, uma das religiões mais fortes e mais rigidamente estruturada, governada por leis estabelecidas com precisão. Sua hierarquia, composta pelo Papa, pelos bispos e padres, possui grande autoridade sobre a camada inferior, os leigos.

A posição proeminente do Papa baseia-se no fato de que ele é o sucessor do apóstolo Pedro. Em 1870, foi proclamado o dogma da infalibilidade do papa em questões de fé. Não significa que ele esteja isento de pecado, também ele deve se confessar regularmente. Tampouco ele pode introduzir uma nova doutrina. Mas ele pode decidir se algum assunto está em conformidade com a Bíblia e com a tradição eclesial. Ele não toma estas

decisões sozinho, e sim com os bispos. O papa é igualmente um bispo, o bispo de Roma. Em tempos antigos ele tinha grande poder temporal bem como espiritual e no decorrer da história já houve muitos conflitos agudos entre a igreja e o estado. O papa continua sendo o chefe de um pequeno estado, o Vaticano, que tem sua própria moeda, polícia, estação de rádio, seu próprio correio e corpo diplomático.

Os bispos e Padres seguem as pegadas dos apóstolos. Desde os tempos dos primeiros apóstolos, novos líderes clericais foram ordenados pela imposição das mãos, a tradição da sucessão apostólica perdura até hoje.

Uma das funções mais importantes de um bispo é ordenar padres para a sua diocese. A principal tarefa de um padre é dirigir sua paróquia ou comunidade, pela pregação da palavra e pelo serviço divino, sobretudo pela administração dos sacramentos, considerados manifestações visíveis da graça de Deus, são investidos com esse poder através do sacramento da ordem quando ordenados pelo bispo. Essa organização estrita da igreja católica é vista como algo iniciado pelo próprio Jesus e como uma expressão visível do reino de Deus aqui na terra. Os padres dedicam sua vida a Deus, à Igreja e à humanidade, não se casam(celibato) e não constituem família. Mulheres não têm permissão para exercer o sacerdócio na Igreja católica.

Os católicos ensinam que a Igreja tem quatro características: ela é una, ela é santa, ela é católica, ela é apostólica.

É na Bíblia que a Igreja católica baseia, em grande medida, sua vida e seu dogma. A Bíblia é vista à luz da Tradição desde a época dos apóstolos. Evidentemente, a Tradição não é a transferência mecânica do legado oral deixado pelos apóstolos, e sim o desenvolvimento constante do potencial que existe no evangelho. Com a ajuda do Espírito Santo, a Igreja será capaz de compreender e revelar a mensagem de Deus de maneira cada vez mais clara. Mas o que quer que se entenda por Tradição, há uma crença comum que diz que apenas a Igreja, e não o crente como indivíduo, pode definir o que é Tradição.

A Igreja católica mantém uma série de doutrinas importantes e as principais das escrituras fundamentais são a Bíblia e os três credos antigos.

Na visão católica sobre salvação o homem perdeu sua alma eterna original quando abusou do livre arbítrio que possuía desobedecendo a vontade de Deus, e é somente através da crença na palavra de Deus, na forma como é pregada pela Igreja e também por meio da crença em Jesus Cristo, que o homem terá sua salvação, que virá somente após a morte, pois a vida terrena ainda que cheia de boas ações é só uma preparação para a salvação na vida eterna.

Os sacramentos são os sinais visíveis de que Deus concede sua graça aos humanos. Devem ser recebidos com merecimentos, na fé e na vontade de amar a Deus e a seus semelhantes. São eles: batismo, confirmação ou crisma, eucaristia ou comunhão, penitência, unção dos enfermos ou como outrora extrema-unção, ordem, matrimônio.

Os sacramentais são os meios adotados pela Igreja de implorar pelas bênçãos de Deus. Podem ser símbolos, cerimônias ou objetos consagrados que despertam a devoção no fiel, como por exemplo: rosários, crucifixos, medalhas, água benta, cinzas, folhas de palmeira, velas e fogo. Os sacramentais, diferentemente dos sacramentos, foram introduzidos pela Igreja e não por Jesus e se tornam efetivos graças às orações coletivas e particulares dos fiéis.

A missa solene, ritual da Igreja católica, é celebrada aos domingos pela manhã, e começa com a entrada do padre e dos coroinhas em procissão. As partes da missa correspondem à confissão dos pecados, glória a Deus nas alturas, o sermão, o credo e a eucaristia, os fiéis participam cantando, ajoelham-se, fazem o sinal-da-cruz e são atingidos pelo apelo sensorial abrangente das cerimônias simbólicas: a água benta, o incenso, o beijo da paz, as cores litúrgicas, a música.

Os católicos acreditam que o "povo de Deus", inclui não apenas os vivos, mas também os mortos, do purgatório e também os bem-aventurados no céu. Eles dirigem suas orações pelas almas não só a Jesus, mas também à Virgem Maria e aos Santos, já que estes estiveram especialmente próximos à Cristo. Isso explica o importante papel que os santos desempenharam na Igreja Católica. Os crentes os honram e reverenciam, e oram por sua intercessão, porém não os adoram.

Depois do Pai-nosso a oração mais comum é a Ave-Maria e seu lugar na doutrina da Igreja vem se definindo com maior precisão. Durante os últimos 150 anos, os papas anunciaram que ela é livre do pecado original, e que seu corpo e sua alma foram levados para o céu. Essa doutrina dos católicos se baseia numa tradição muito antiga.

Os santos são pessoas que dedicaram a vida a honrar a Deus de maneira excepcional, por exemplo, morrendo como mártires ou fazendo milagres. Até o ano de 1172 os bispos podiam decidir se alguém deveria ser canonizado, mas a partir de então o papa é o único que tem autoridade para isso. A canonização só ocorre depois de longas e exaustivas investigações sobre a vida do indivíduo que irá recebê-la.

Há Igrejas e capelas que recebem o nome dos santos. Desde épocas medievais várias profissões têm seu santo padroeiro, e cada dia do ano leva o nome de um santo específico. A Igreja Católica faz distinção entre o tipo de adoração que pode ser dada a Deus, latría, e a veneração própria para os santos, doulía. Esta distinção, contudo, é freqüentemente difícil de manter, na prática.

Os santos e suas histórias são parte integral da fé Católica e um meio importante de ensinar aos católicos como cumprir essa fé. Há uma ligação especial dos católicos com os santos aos quais rezam. É aceito, comumente, que os santos não se esquecem das lutas que eles suportaram enquanto estavam na terra e, aproximando-se de Deus, dão mais força àqueles que estão lutando na terra. Abaixo estão relacionados os Santos padroeiros de ocupações, doenças e enfermidades, profissões e estados de vida :

Atores - São Genésio

Atletas - São Sebastião

Padeiros - Santa Isabel da Hungria

Males corporais - Nossa Senhora de Lourdes

Pacientes de câncer - São Peregrino

Filhos - São Nicolau de Mira

Gestantes - Santa Margarida

Fazendeiros - São Jorge

Pescadores - Santo André

Donas de casa - Sant'Ana

Trabalhadores - Santo Isidoro

Objetos perdidos - Santo Antônio de Pádua

Amantes - São Rafael

Mães - Santa Mônica

Órfãos - São Jerônimo

Policiais - São Miguel

Pobres - São Lourenço

Viajantes - São Cristóvão

Também as cores exercem um papel importante nas liturgias, e é levada em consideração a correlação das mesmas com seus respectivos significados místicos. São reguladas pelo nº346 da vigente Instrução Geral do Missal Romano (IGMR) e estabelece que haja observância do uso tradicional, sem desconsiderar a necessidade de adaptações de cada povo relatadas nas conferências episcopais.

- Branco



Figura 3 - Cardeal Camillo Ruini com a casula branca

O branco é usado nos Ofícios e Missas do Tempo Pascal e do Natal do Senhor, bem como nas suas festas e memórias, exceto as da Paixão; nas festas e memórias da Bem-av. Virgem Maria, dos Santos Anjos, dos Santos não Mártires, na festa de Todos os Santos (1 de Novembro), na Natividade de São João Baptista (24 de Junho), na festa de São João Evangelista (27 de Dezembro), da Cátedra de São Pedro (22 de Fevereiro) e da Conversão de São Paulo (25 de Janeiro). O branco é símbolo da luz, tipificando a inocência e a pureza, a alegria e a glória.

- Vermelho



Figura 4 - Cardeal Joseph Zen Ze Kiun com a casula vermelha

O vermelho é usado no Domingo de ramos e na Sexta-feira Santa; no domingo de Pentecostes, nas celebrações da Paixão do Senhor, nas festas dos Apóstolos e Evangelistas (com exceção de São João), e nas celebrações dos Santos Mártires. Simboliza as línguas de fogo em Pentecostes e o sangue derramado por Cristo e pelos mártires, além de indicar a caridade inflamante.

- Verde



Figura 5 - S.S. Bento XVI com os paramentos verdes

O verde se usa nos Ofícios e Missas do Tempo Comum. Simboliza a cor das plantas e árvores, prenunciando a esperança da vida eterna.

- Roxo



Figura 6 - Altar coberto com toalhas durante o Advento

O roxo é usado no tempo do Advento e da Quaresma. Pode também ser usado nos Ofícios e Missas pelos mortos. Significa penitência, aflição e melancolia.

- Preto

O preto pode ser usado, onde for o costume, nas Missas pelos mortos. Denota um símbolo de luto, significando a tristeza da morte e a escuridão do sepulcro. Ao contrário do que pensam muitos clérigos e leigos, a cor preta não foi abolida nem pela IGMR anterior (que acompanhava o Missal de S.S. Papa Paulo VI) nem pelo atual. Segue sendo uma opção para a missa pelos mortos, onde for costume utilizá-la. No Brasil, contudo, o uso do preto nas celebrações pelos fiéis defuntos foi, na prática, abolido, havendo sido substituído pelo uso do roxo, uso este facultado pela própria IGMR. Isto não constitui óbice, contudo, para que um clérigo venha a utilizar paramentos negros.

- Rosa

O rosa pode ser usado nos domingos Gaudete (III do Advento) e Lætare (IV da Quaresma), ocasiões em que também poderá ser utilizado o roxo.

- Azul

Cabe também mencionar o uso litúrgico da cor azul para Festas e Solenidades da Santíssima Virgem Maria. O azul não é uma das cores litúrgicas previstas pela IGMR, mas seu uso é largamente difundido no Brasil e alhures. A origem de seu uso litúrgico moderno parece remontar a um privilégio papal dado a algumas dioceses espanholas para seu uso somente na Solenidade da Imaculada Conceição.



Os símbolos retratados ao lado tem como significado para os católicos um dos milagres realizados por Jesus Cristo.

Figura 7



A cruz latina ou crucifixo com a imagem de Cristo incrustada é um dos símbolos mais duradouros do cristianismo, representa o sofrimento de Cristo pela salvação dos homens.

Figura 8



Figura 9

Os santos católicos são considerados intermediários entre os homens e Deus para alcance de dádivas e proteção.



Figura 10

O cordeiro de Deus representa a inocência, a delicadeza e a pureza. Na antiguidade o cordeiro era oferecido como sacrifício e na simbologia cristã ele representa o sofrimento de Cristo na cruz em nome dos pecados do mundo.



Figura 11

Os vitrais normalmente encontrados nas igrejas simbolizam transparência e luz divina que ilumina os fiéis. A pomba representa o Espírito Santo e quando tem o ramo de oliveira no bico, simboliza a paz.



Figura 12

O terço do rosário simboliza a Virgem Maria – a Rosa Mística, inicialmente era utilizado como auxílio para repetição de orações, é composto por cinquenta contas subdivididas por uma conta maior a cada cinco decálogos, cada uma representando eventos da vida da Virgem Maria.



Figura 13

Eleito no conclave em 19 de abril de 2005, Papa (pai) Bento XVI, sucessor do Apóstolo Pedro, é o bispo de Roma e, portanto, líder mundial da Igreja Católica.



Figura 14

Nossa Senhora da Conceição Aparecida, rainha do Brasil e sua padroeira oficial, por determinação do Papa Pio XI, pelos muitos milagres realizados.



Figura 15

O batismo é um dos sete sacramentos da Igreja católica, abre as portas da vida cristã para o batizando. O ritual simboliza a imersão na morte de Cristo e posterior ressurgimento com Ele, como nova criatura.



Figura 16

Anjo da guarda, segundo a crença cristã, Deus o envia no momento do nascimento para proteger e acompanhar durante toda vida.



Figura 17

Símbolo utilizado na liturgia cristã contendo as letras gregas alfa e ômega, “eu sou o princípio e o fim”.



Figura 18

O turíbulo é um incensário em forma de coração, representa o homem e sua progressiva vida espiritual. Seu uso representa a oração, que não deve ser ousada e nem covarde e pouco confiante, deve ser como a fumaça do turíbulo que descreve curvas enquanto sobe confiante, sem parar.



Figura 19

Folhas de palmeira, utilizada na liturgia e pelos fiéis católicos para celebrar a missa do Domingo de Ramos, quando se comemora a chegada de Jesus à cidade de Jerusalém e o começo da Semana Santa.



Figura 20

Nossa Senhora, mãe de Jesus de Nazaré, segundo a Bíblia. O culto feito a Ela é conhecido como Marianismo.

- UMBANDA

As religiões de formação brasileira, ou de raízes brasileiras, são as religiões dos índios (mais encontradas nas regiões norte e nordeste), e as religiões afro-brasileiras trazidas pelos escravos da África e, posteriormente, adaptadas à sociedade brasileira. Acredita-se que um terço da população brasileira freqüente, ainda que esporadicamente, centros de religião afro-brasileiras ou cultos xamânicos amazônicos chamados de Pajelança.

A Pajelança é encontrada no Amazonas, Pará, Piauí e Maranhão, uma religião autóctone, que foi gerada por elementos exclusivamente ameríndios. As curas e rituais são realizados pelo Pajé, equivalente do Shaman norteamericano, com danças, cantos, e o instrumento sagrado, o Maracá, um chocalho, e o uso de alcalóides vegetais, que possibilitam o transe. Cada região tem entidades distintas que são invocadas, porém sempre são espíritos da natureza, de animais ou de antepassados mortos. No Piauí, a Encanteira mescla a Pajelança amazônica com o catolicismo popular.

Os cultos Afro-brasileiros são assim chamados por causa da origem de seus principais portadores, os escravos traficados da África para o Brasil, mas também porque até meados do século XX, funcionavam exclusivamente como ritos de preservação do estoque cultural dos diferentes grupos étnicos negros que compunham a população dos antigos escravos e seus descendentes. Até hoje essas religiões são reconhecidas pelas lideranças do Movimento Negro como religiões negras, autênticas expressões culturais da negritude, embora seja cada vez maior o número de brancos que estão aderindo ao Candomblé e mais ainda à Umbanda.

As religiões Afro-brasileiras formaram-se em diferentes regiões e estados do Brasil e em diferentes momentos da nossa história. Por isso, elas adotam não só diferentes formas rituais e diferentes versões mitológicas derivadas de tradições africanas diversificadas, como também adotam nome próprio diferente.

O Candomblé das diversas “nações” africanas é a religião afro-brasileira que mais fielmente preserva as tradições dos antepassados, e raramente aberta ao sincretismo,

embora haja o culto de entidades assimiladas como os caboclos e pretos velhos. Predomina na Bahia e tem muitos seguidores no Rio de Janeiro, região nordeste e sudeste em geral.

A umbanda, há algum tempo atrás denominada Macumba, é religião derivada do Candomblé, francamente sincrética com o cristianismo e o erpiritismo Kardecista, depois de conhecida por intelectuais, artistas, acadêmicos e estudiosos em geral é denominada a religião de formação brasileira por excelência, pois nesta forma não é encontrada em outros locais. Os subúrbios do Rio de Janeiro possuem grande quantidade de terreiros ou barracões de umbanda. O culto afro-brasileiro toma o nome de Babacuê no Pará, Tambor de Mina no Maranhão e no Pará, Xangô em Alagoas, Pernambuco e Paraíba e Batuque no Rio Grande do Sul.

Em 1941, realizou-se no Rio de Janeiro o I Congresso de Espiritismo de Umbanda, e depois disto surgiram duas organizações: Congregação Umbandista do Brasil (1950) e a União Nacional de Cultos Afro-brasileiros (1952), que coordenam e defendem os interesses dos fiéis.

A Umbanda surgiu na década de vinte no Rio de Janeiro e, apesar de suas origens negras, nunca esteve preocupada com a idéia de preservação das raízes africanas e nem mesmo hoje se empolga com o movimento de reafricanização que perpassa as suas congêneres, principalmente o Candomblé. Além de se comportar como uma religião universal, começou a se pensar como tal e assumir-se uma religião aberta a todos os brasileiros e não circunscrita apenas aos afro-descendentes.

Desde o início a Umbanda se mostrou multiétnica, com forte presença de brancos em seus quadros, mesmo entre os pais-de-santo. A Umbanda prefere pensar suas raízes como sendo “brasileiras” e não “africanas”. Ela não só dispensou o uso de idiomas africanos (iorubá, jeje e línguas bantas), como evita os sacrifícios de sangue e os processos iniciáticos demorados e caros, mais comuns no Candomblé.

Nascida no Brasil, a Umbanda poderia ser considerada uma religião brasileira apenas por esse fato, mas também o é por ser resultante de um encontro histórico e cultural de

diversas crenças e tradições religiosas africanas com as formas populares de catolicismo, mais o sincretismo hindu-cristão trazido pelo espiritismo Kardecista de origem européia.

Talvez seja em razão desse sincretismo que atrai com facilidade uma clientela vastíssima, de classes sociais variadas, a procura de seus serviços mágicos, que extrapola de longe o número dos adeptos umbandistas propriamente ditos. É fácil identificar o que acabou de ser mencionado apenas assistindo a grandes manifestações religiosas que umbandistas promovem nas datas de seus principais Orixás, algumas dessas celebradas nas grandes festas profanas. A mais famosa é a festa do reveillon, efusivamente comemorada nas praias brasileiras com oferendas(flores brancas, velas acesas, vidros de perfume, espelhos) levadas até o mar por milhões de pessoas vestidas de branco, para a Grande Mãe, Iemanjá, o poderoso Orixá dos mares e oceanos, Odoyá'!

O Candomblé é a matriz negra da Umbanda de onde herdou do básico ao luxo. Sua característica fundamental, politeísmo, o culto aos Orixás, plêiade de personalidades fortes, atraentes e que exercem grande influência: Exu, Ogum, Oxossi ou Odê, Ossaim, Oxumarê, Obaluaiê, Xangô, Iansã, Oba, Oxum, Logum Edé, Iemanjá, Nana, Oxaguiã, Oxalufã.

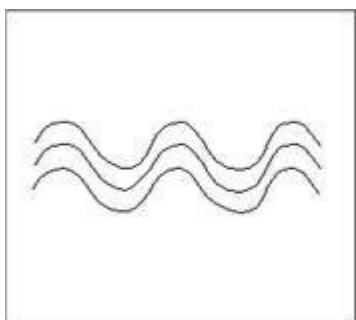
Além dos Orixás, nos rituais da Umbanda são incorporados nos médiuns durante os toques e danças rituais, espíritos de índios brasileiros (os caboclos), espíritos de negros escravos (os pretos-velhos), todos estes denominados guias, espíritos intermediários inferiores aos Orixás, são agrupados e escalonados em sete linhas, subdivididas em sete falanges ou legiões segundo variados critérios, tais como, origem étnica, afinidades psicológicas e profissionais, elementos da natureza, estágios de evolução espiritual, idade. Algumas das linhas são encabeçadas por um Orixá, outras não como no caso das: Linha de Oxalá, Linha de Iemanjá, Linha de Oxóssi, Linha de Xangô, Linha de Ogum, Linha do Oriente e Linha das Almas, que também pode ser chamada de Linha Africana porque reúne os espíritos dos escravos, pretos-velhos e baianos.

Todos esses guias são cultuados como “espíritos de luz”. Eles se manifestam nos corpos em transe dos iniciados durante as cerimônias a fim de orientar espiritualmente ou curar fisicamente os que precisam, a finalidade da comunicação mediúnica é a prática da caridade. A Umbanda também conseguiu através da sua abertura para o sincretismo

assimilar práticas mágicas e terapêuticas da Nova Era, oferece também além do amor universal a magia universal. Em contraposição aos guias que são considerados espíritos de luz, a Umbanda reconhece a existência dos espíritos das trevas, os exus, e os situa no escalão mais baixo da evolução espiritual identificando-os como os demônios da mitologia cristã. Os femininos são chamados de pombagiras (cores vermelha e preta) e pertencem ao lado oculto da Umbanda, denominado Quimbanda, que se dedica à magia negra cultuando quase que exclusivamente exus e pombagiras, é reprimido socialmente por ser especializado em fazer feitiçaria pesada quando solicitado.

O ponto riscado possui grande significado e valor mágico no culto de Umbanda. É através do ponto riscado que os guias contam toda sua história, sua origem e passagem do mundo material e astral. O ponto riscado é um emblema-símbolo. Os símbolos são sinais expressos de forma que dão a entender uma intenção ou trajetória humana. No caso do ponto riscado, os guias usam a pemba para poder riscar os seus pontos ou símbolos espirituais. A Pemba é uma Espécie de giz em forma cônico-arredondada, em diversas cores, como sejam: branco, vermelho, amarelo, rosa, roxo, azul, marrom, verde e preto, servindo para riscar pontos e outras determinações ordenadas pelos Guias, sendo que conforme a cor trabalhada com pemba, pode se identificar a Linha a que pertence a Entidade, ou a Linha que trabalhará naquele ponto.

Uma das grandes provas de incorporação na Umbanda é o ponto riscado, pois acredita-se que se uma entidade não estiver realmente bem incorporada ela não saberá riscar o ponto que a identificará das demais. Os pontos riscados também servem para fechar o corpo de um médium, pois a escrita sagrada se utiliza de magia para que qualquer espírito perturbado não se aproxime.



Ponto riscado de Yemanjá

Figura 21



Ponto riscado com pomba

Figura 22



Pontos dos guias espirituais

Figura 23

- Guias

Abaixo encontram-se relacionadas as cores das Guias (no Candomblé é chamado de Fio de Contas) de acordo com os Orixás:

Exu	preto e vermelho
Ogun	vermelho
Oxossy	verde
Xangô	marrom
Oxum	azul claro
Yansã ou Oyá	amarelo ouro
Omolu e Obaluayê	preto e branco
Yemanjá	cristal/azul e branco
Nanã	roxo
Oxalá	branco



Fio de contas, guias dos Orixás.



Yemanjá, venerada como “A Rainha do Mar”, é conhecida também como a mãe de todos os filhos.



Altar enfeitado com estrela.

Figura 26



Figura 27

A espada de São Jorge é uma planta muito utilizada na Umbanda, acredita-se que retira e impede o mal olhado.



Dança no terreiro.



Festa na mata.

Figura 29



Figura 30

Imagens de Exús.



Figura 31

Imagem de Oxalá.



Figura 32

A força da dança cigana.



Figura 33

Pipoca é uma iguaria bastante utilizada na Umbanda na confecção dos ebós e como oferenda para Omulu.



Figura 34

Sessão em centro de Umbanda.



Figura 35

Imagem da Cabocla Jurema.

•WICCA

Wicca é uma religião baseada, em parte, na cultura dos povos do norte da Europa antiga, de crença Pagã em uma deusa da fertilidade e no seu consorte, um deus cornífero.

Embora como religião seja uma criação moderna, uma de suas fontes, o Paganismo, data de muitos séculos antes da era Cristã.

Paganismo é o nome genérico que se dá às práticas religiosas que surgiram na Era Paleolítica e Neolítica, onde as crenças espirituais eram centradas no feminino, nos ritos da fertilidade, no culto aos antigos deuses da natureza, nas celebrações das colheitas e plantio.

A Bruxaria busca resgatar o divino feminino e o papel das mulheres na religião como Sacerdotisas da Grande Mãe. Muitas vezes chamada de Religião da Deusa, a Arte, Religião Antiga, não é uma fantasia de mentes deturpadas ou de pessoas que se supõem dotadas de poderes mágicos, mas sim uma religião capaz de acolher pessoas das mais variadas idades, raças, posições sociais e todos aqueles que vêm em seus ritos uma forma real de se conectarem com o Divino e com a natureza.

A maioria dos Wiccan não acredita que sua religião é uma descendente direta e contínua desta religião mais antiga, vêm-na como uma reconstrução moderna da antiga Religião Celta.

As fontes do renascimento do Paganismo podem ser rastreadas no início do século XX com os trabalhos da antropóloga Margaret Murray(1863 - 1963) . Ao examinar os vários registros de julgamentos da Inquisição, Murray desmascarou o Diabo dos relatos de Bruxas e Bruxos que foram executados e em seu lugar encontrou o Deus Cornífero, a Divindade cultuada pelos pagãos e que os inquisidores tinham transformado na corporificação do mal.

Margaret Murray foi autora do cult "A bruxa na Europa Ocidental" e "O Deus das Bruxas". Estes livros promoveram o conceito de que algumas das bruxas que foram eliminadas pelo Catolicismo Romano e pelos Protestantes durante as "épocas ardentes" (1450-1792), eram restos de uma religião dominante na Europa do pré-Cristianismo. Seus

textos não foram bem recebidos por antropólogos, entretanto, forneceram o material de fundo para as tradições Neopagãs.

A medida que ia mais fundo em seus estudos, Murray encontrou o equivalente feminino do Deus, a Deusa e desta forma desmistificou todas as antigas superstições e estigmas negativos atribuídos à Bruxaria e identificou-a como o mesmo culto à fertilidade que surgiu muito tempo antes do Cristianismo.

Em 1951 quando a última das leis contra a Bruxaria foi revogada, Gerald Gardner(1884 - 1964), saiu das sombras e defendeu as posições de Margaret Murray, declarando que a Bruxaria tinha sido a religião dos antigos europeus e que continuava a ser uma religião verdadeira para muitas pessoas e que teria sobrevivido através de anos sucessivos de supressão sob o nome de Wicca.

Gerald Gardner , fundou um Coven Wicca em 1939, e fazendo uma consulta dos votos usuais do Coven, persuadiu-os a que o deixassem publicar um livro em 1949 sobre a Wicca, no formato de uma novela. Revelou com cuidado algumas de suas crenças e relatou as perseguições históricas sofridas pela velha religião e como esta havia resistido. Adicionou muitos rituais, símbolos, conceitos e elementos da magia cerimonial, da Franco-maçonaria e de outras fontes às crenças e práticas dos Coven, a maioria das quais tinham sido há muito esquecidas. Escreveu o witchcraft já em 1954, no qual descreveu detalhes adicionais sobre a fé. Escreveu sobre o sentido do witchcraft onde descreveu em detalhes a história da Wicca na Europa do norte. Desta forma, Gardner lançou uma nova luz às práticas da Bruxaria, dando origem assim à um grande movimento neopagão de reavivamento das práticas e ritos da Velha Religião.

Desde então o movimento Pagão cresceu substancialmente e muitos Bruxos que tinham sido instruídos por suas famílias, durante décadas, a manterem-se em segredo, decidiram sair das brumas e se tornarem visíveis e assim em pleno século XX ressurgiu uma religião que busca celebrar novamente a natureza, os Deuses Antigos e que busca inspiração nos seus ritos no culto à Deusa e ao Deus.

A Wicca é formada por grupos de tradições religiosas, alguns estão fortemente estruturados, enquanto que a maioria é eclética. Muitos, talvez a maioria dos Wiccans sejam praticantes solitários.

Os Wiccans adoram uma deusa e seu consorte, um deus cornífero. Seu símbolo principal é o pentagrama ereto (uma estrela de cinco pontas com duas pontas para baixo e uma para cima), às vezes dentro de um círculo para dar forma a um pantáculo. Seus grupos são chamados covens, sua regra de comportamento é chamada Rede Wicca que significa : "faça o que desejar, desde que não prejudique ninguém, inclusive você mesmo".

Aos Wiccans não é permitido dominar, manipular, controlar, ou prejudicar o outro.

A Wicca sustenta-se sobre 3 conceitos básicos:

- 1) O papel preponderante da Deusa em suas práticas e ritos em vez de um Deus masculino, cultuando também os Antigos Deuses da natureza e o Deus Cornífero, considerado filho e consorte da Deusa.
- 2) A utilização da Magia Natural como forma de atingir nossos desejos e mudar os fatos.
- 3) A crença na reencarnação, vista não somente como uma forma de evolução, mas também como o desejo de retornar no mesmo tempo e local das pessoas amadas.

Os propósitos da Wicca são mostrar a necessidade da reconexão com a natureza, com os ritmos e ciclos naturais do Sol e das Estações e a busca de um novo equilíbrio do homem com o seu meio ambiente.

A Roda do Ano representa o sagrado círculo onde a Deusa virgem concebe seu filho, o vê crescer, se apaixona por ele, até que a morte leve-o a Terra da Juventude Eterna, para novamente renascer.

Muitas pessoas tem dificuldade de aceitar que o deus morra, por não entenderem que ele realmente é Eterno - tão eterno quando a natureza. Ele sacrifica-se para dar continuidade a própria vida, fechando o Sagrado Círculo - Criação, crescimento, apogeu e declínio. A destruição do velho revigora a força Natural, pois este é substituído pelo novo.

Além dos Sabbaths, que são as principais comemorações da Wicca, existem os Esbats, que são os Rituais da lua cheia. A cada 28 dias homenageia-se a Lua, como símbolo da Deusa, em suas manifestações, como a influência nas marés, nas colheitas, etc.

Os Bruxos amam e cultuam a natureza e através dela procuram integrar mente, corpo e alma. Acreditam que para evoluírem integralmente devem sentir-se parte integrante da Terra, que é a própria Deusa. Esta atitude é a essência da Wicca!

Na prática da arte da Grande-Mãe e seu Consorte, podemos acrescentar uma simbologia mágica que nos permite a melhor sintonia com os elementais. Para tanto, magos e bruxos de todo o mundo, através do conhecimento milenar puderam propagar esta simbologia que nos permite alcançar o efeito desejado em nossas práticas mágicas pessoais.

Cada símbolo com o passar dos séculos, foi incorporado na Arte Wicca, devido a sua eficácia - seja no contexto mágico ou religioso. Muitos destes símbolos são utilizados para a prática ritualísticas de bruxos e bruxas, servindo para focalizar a energia mágica bem como os instrumentos.

Na astrologia temos diversos símbolos que representam planetas e signos. A maior parte deles vem sendo também fortemente utilizados na Wicca. A seguir temos os principais símbolos e seus respectivos significados.

Símbolo	Descrição
---------	-----------



Ankh

Ankh é um antigo símbolo egípcio que nos lembra uma cruz encimada por um laço. O Ankh simboliza a vida, o conhecimento cósmico, o intercuro sexual e o renascimento. Devemos lembrar que o Deus e a Deusa do maior antigo panteão egípcio são representados portando sempre este símbolo. Também é conhecido por vários bruxos como "Cruz Ansata". Hoje em dia este símbolo é usado por vários bruxos contemporâneos para encantamentos e rituais que envolvem saúde, fertilidade e divinação.



Olho de Hórus

Olho de Hórus é um outro antigo símbolo egípcio muito usado na feitiçaria moderna. Representa o olho divino do deus Hórus, as energias solar e lunar, e freqüentemente é usado para simbolizar a proteção espiritual e também o poder clarividente do Terceiro Olho.



Pentagrama

Pentagrama é um dos símbolos pagãos mais poderosos e mais populares entre os Bruxos e Magos Cerimoniais. O pentagrama (uma estrela de cinco pontas circunscrita num círculo) representa os quatro antigos e místicos elementos: fogo, água, ar e terra, superados pelo espírito. Na Wicca o símbolo do pentagrama é geralmente desenhado com a ponta para cima a fim de simbolizar as aspirações espirituais humanas. Um pentagrama voltado com duas pontas para cima é um símbolo do Deus Cornífero.



Selo de Salomão

Selo de Salomão é um antigo e poderoso símbolo mágico. Este símbolo consiste em um hexagrama de dois triângulos entrelaçados (um voltado para cima e outro para baixo). O selo de Salomão simboliza a alma humana, sendo utilizado por bruxos e magos cerimoniais para encantamentos, conjuração de espíritos, sabedoria, purificação e reforço dos poderes psíquicos.



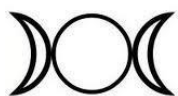
Suástica

Suástica é um antigo símbolo religioso formado pela cruz grega com braços em ângulos retos. Antes de ter sido adotada pelo nazismo, a suástica era um símbolo sagrado de boa sorte e de saúde na Europa pré-cristã e em muitas outras culturas pagãs em todo mundo, incluindo as orientais, egípcias e tribais das Américas. A palavra suástica origina-se do sânscrito (svastika) que significa "um sinal de boa sorte". Existem milhares de símbolos da suástica pelo mundo e o mais antigo de todos data do ano 12.000 a.C.



Triângulo

Triângulo é um símbolo de manifestação finita na magia ocidental, sendo usado em rituais para invocar os espíritos quando o selo ou sinal da entidade a ser invocada está no centro do triângulo. O triângulo é equivalente ao número três - número mágico poderoso - e é um símbolo sagrado da Deusa Tripa: Virgem, Mãe e Anciã. Invertido simboliza o princípio masculino.



Lua

Lua é um símbolo sagrado da Deusa e também um símbolo da magia, da energia feminina, da fertilidade, do crescimento abundante e dos poderes secretos da Natureza. é utilizado nas invocações à Deusa e a todas as deidades lunares (tanto masculinas quanto femininas), na magia da lua, nas celebrações dos Sabbats e nos rituais de cura das mulheres.



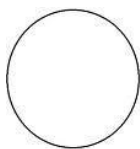
Tridente

Tridente é um símbolo sagrado de três falos, ostentado por qualquer deidade masculina cuja função é unir-se sexualmente à Deusa Tripla. é utilizado principalmente em Grandes Rituais, Magia Sexual e rituais de fertilidade.



Pentalfa

Pentalfa é um desenho mágico formado pela interseção de cinco letras A. é usado por vários bruxos e Magos Cerimoniais tanto na divinação como na conjuração de espíritos.



Círculo

Imagem altamente potente que não possui princípio e nem fim, é usado por muitos bruxos e neopagãos como símbolo sagrado de "ioni", da energia mágica, da proteção, do infinito, da perfeição e da renovação constante.

• Cores das velas e seus significados

Branca

É vela da Deusa mãe, a mistura de todas as cores; Alinhamento espiritual, limpeza, saúde, verdade, poder, pureza. Grandes realizações na vida, totalidade; Usada em rituais que envolvam a energia lunar.

Amarela

Intelecto, criatividade, unidade, trazendo o poder da concentração e da imaginação para o ritual; use em rituais onde você deseje obter dos outros uma confiança ou persuadir alguém. Simboliza também a energia solar. Ação, atração, inspiração e mudanças súbitas.

Dourada ou Amarelo muito claro

Ativa a compreensão e atrai as influências dos poderes cósmicos; beneficia rituais para atrair dinheiro ou sorte rápida. Simboliza também a energia solar. Poderes divinos masculinos.

Rosa

Favorece o romance, a amizade; é uma cor usada em rituais para desenvolver sentimentos afetuosos; cor da feminilidade, honra, serviço, e favorece o diálogo em mesas de refeição familiar. Despertar espiritual, cura de espírito e comunhão.

Vermelha

Saúde, energia, potência sexual, paixão, amor, fertilidade, força, coragem, vontade de poder; aumenta o magnetismo em um ritual; Energia dos signos de Áries e Escorpião. Para combater o medo ou a preguiça.

Prateada ou cinza bem claro

Remove a negatividade e encoraja a estabilidade; ajuda a desenvolver as habilidades psíquicas. Atrai a energia da Grande Mãe. Vitória, meditação, poderes divinos femininos.

Roxa ou Púrpura

Poder, sucesso, idealismo, progresso, proteção, honras, quebra de má sorte, afasta o mal, adivinhação, altas manifestações psíquicas; ideal para rituais de independência, contato com entidades astrais. Energia de Netuno.

Magenta

Combinação de vermelho com violeta, esta cor oscila com alta frequência; para rituais que necessitem de uma ação rápida ou um poder bem elevado ou uma saúde espiritual requerida; rápidas mudanças, cura espiritual e exorcismo.

Castanha

Cor da terra, equilíbrio; para rituais de força material; elimina a indecisão, atrai o poder da concentração, estudo, telepatia, sucesso financeiro. Serve também para encontrar objetos que foram perdidos.

Índigo

Cor da inércia; para parar pessoas ou situações; use em um ritual que requeira um elevado estado de meditação; Neutraliza a magia lançada por alguém, quebra maledicência, mentiras ou competição indesejável. Equilíbrio do Karma. Energia de Saturno.

Azul Royal

Promove a alegria e a jovialidade; use para atrair a energia de Júpiter ou para qualquer energia que você queira potencializar.

Azul Claro

Cor espiritual; ajuda nas meditações de devoção e inspiração; traz paz e tranquilidade para a casa. Irradia a energia do signo de Aquário; Sintetiza as situações.

Azul

Cor primária e espiritual para rituais que necessitem de harmonia, luz, paz, sonhos e saúde. Simboliza a verdade, inspiração, sabedoria, poder oculto, proteção, compreensão, fidelidade, harmonia doméstica e paciência.

Verde Esmeralda

Importante componente num ritual Venusiano; atrai amor, fertilidade e relação social.

Verde Escuro

Cor da ambição, cobiça, inveja e ciúme; coloca as influências destas forças num ritual.

Verde

Promove prosperidade, fertilidade, sucesso, abundância, generosidade, casamento, equilíbrio; estimula rituais para a boa sorte, dinheiro, harmonia e rejuvenescimento.

Cinza

Cor neutra, ajuda a meditação; na magia, esta cor simboliza confusão, mas também nega ou neutraliza a influência negativa.

Preta

Abre os níveis do inconsciente; usado em ritual para induzir um estado de meditação; simboliza também a negatividade a ser banida, no caso de rituais de devolução, reversão, desdobramento, anulação de forças negativas, discórdia, proteção, libertação, repelindo a "magia negra" e formas mentais negativas. Atrai a energia de Saturno

•Algumas crenças Wiccanas

- A ágata proporciona uma boa acolhida por onde quer que passemos. Por isso, é sempre bom levar um dessas pedrinhas conosco. A ágata abre espaço para que você entre na casa e no coração das pessoas.
- O cristal de rocha é uma pedra muito utilizada pelos bruxos preguiçosos, pois acelera a vitalidade e afasta a apatia. Ela deve ser guardada em um saquinho de couro com ramos secos de arruda e um pouco de tabaco.
- Para afugentar a melancolia e a tristeza, faça um saquinho de algodão branco recheado de bétula seca e amarre-o junto ao pé da cama. Essa antiga Magia tem o poder de renovar nosso estado de espírito.

- Dizem que romãs abertas colocadas na janela de casa afastam todo o mal. Isto porque a romã representa a união fraterna e a família feliz.
- Para afastar um mal que nos incomoda, escreva as palavras-chaves desse problema em uma vela branca, de preferência com mais de 20cm. Acenda a vela e peça aos seres do fogo que queimem esse mal que você quer destruir. Quando a vela acabar, seus problemas terminarão. Assim conta uma antiga tradição da bruxaria galesa.
- Toda planta possui seu elemental próprio. Se você tem vasos com plantas em casa e quer conquistar a simpatia do duende que ali habita coloque no vaso balinhas coloridas, amoras ou outras pequenas frutinhas. Dizem que assim eles ficam tão felizes que trazem alegria e proteção para o lar.
- Para que uma festa seja repleta de alegria e sucesso, costuma-se colocar em uma taça de vinho tinto quatro folhas de verbena. Depois de bem misturados, deve-se jogar algumas gotas desse preparo no chão onde os convidados irão circular.
- Cuidado com as pessoas que gostam de pegar no seu braço ou apontar para seu peito quando falam com você. Dê um passo para trás e mire-as firmemente nos olhos. Algumas dessas pessoas podem gostar de alimentar-se da sua boa energia.
- Guarde pregos, agulhas e outros objetos pontiagudos dentro de um pote fosco e lacre-o hermeticamente. Coloque-o em um lugar bem visível da sua casa, mas jamais revele seu conteúdo. Este é um dos mais potentes amuletos contra mau-olhado para nosso lar ou ambiente de trabalho.
- Dois pedacinhos de canela colocados em forma de cruz na porta ou atrás da escrivaninha formam um bom amuleto protetor para seu local de trabalho. A canela é consagrada ao Sol e este afasta as trevas.
- Uma boa maneira de afugentar as energias negativas de sua casa é colocando na porta de entrada o desenho de uma espiral ou pendurando uma espiral de prata. A espiral é um

símbolo da Deusa e funciona como uma armadilha que aprisiona todas as forças negativas.

- Para atrair criaturas pequeninas como gnomos, fadas e elfos coloque em seu altar mel, leite, gengibre e cristais. Eles também vão gostar de música alegre e incenso de flores.
- Para atrair os espíritos guardiães, costuma-se enfeitar a casa no último mês do Ano com um arranjo feito com todos os tipos de conchas. Coloque no centro do arranjo uma vela verde. Quando o final do Ano se aproximar acenda a vela e peça que seus guardiães mágicos protejam seu lar durante todo o Ano que vai entrar.
- Esta oração mágica tem o poder de atrair os espíritos guardiães do nosso lar. Pronuncie-a sempre que se sentir desprotegido: "Pequeninos guardiães / Seres da luz infinita / De dia me tragam a paz / De noite os dons da Magia / Invisíveis guardiães / Protejam os quatro cantos da minha alma / Os quatro cantos da minha casa / Os quatro cantos do meu coração!"
- Uma marionete de madeira pendurada na sala de estar pode ser um ótimo guardião mágico segundo a Magia germânica. Dizem que esses bonecos carregam consigo a alma da madeira com que foram feitos e têm a capacidade de harmonizar e trazer boas energias para seu lar.
- Não é aconselhável usar anéis no dedo médio, você jamais verá um mago ou uma bruxa fazendo tal uso. Este dedo é um receptor de energia, um anel neste local impossibilita tais energias de bem circular.
- Muitas vezes nos sentimos pequeninos diante de certas situações ou lugares. Uma receita rápida para enganar o medo é imaginarmos que crescemos e nos tornamos gigantes. Dessa maneira, enxergando as coisas que nos ferem diminuam diante de nosso tamanho, sentimo-nos mais fortes e tranquilos.
- As folhas de louro podem ser utilizadas para uma interessante Magia de poder. Durma com algumas folhas debaixo do seu travesseiro toda vez que tiver alguma situação importante para resolver no dia seguinte. Dessa maneira o elemental desta planta permanecerá a seu lado por um certo período, dando-lhe força e poder pessoal.

- Amarre uma chave, de preferência daquelas bem antigas, numa fita vermelha e pendure atrás da porta. Esta tradição mediterrânea ajudará você a guardar a entrada da sua casa, garantindo-lhe proteção a cada saída.
- Corte uma batata grande, faça um buraco no meio e coloque ali uma noz-moscada. Ela ficou parecida com um olho? A idéia é essa mesma. Isto é Magia imitativa. O "olho de batata" serve contra a inveja. Deve ser colocada em algum lugar bem alto em sua casa. Depois de dois dias jogue-a fora e faça outra sempre que quiser.
- Ao acordar pela manhã, sente-se e cubra-se com o lençol de maneira que seu corpo esteja totalmente envolvido como uma tenda. Pense no dia que está pela frente e medite sobre aquilo que você mais necessita. Este pequeno exercício de meditação teve origem entre os sacerdotes celtas e chama-se "A Tenda de Merlin". Com ele você leva para seu dia somente as coisas boas.
- Um antigo costume cigano para ter uma noite tranqüila consiste em perfumar os quatro cantos da cama com essências florais.
- Sempre que for pela primeira vez na casa de uma pessoa, leve um presente, nem que seja uma flor. Essa é uma maneira respeitosa de se pedir licença às novas energias e de se fazer bem recebido por elas.
- Segundo a tradição cigana pode-se fazer uma pergunta às salamandras acendendo uma vela laranja. Se a chama ficar alta a resposta é sim, se ficar baixa a resposta é não.
- Escreva sobre a casca de uma cebola a palavra "Protectus" (protegido, em latim) e guarde-a num lugar escondido de sua cozinha. A cozinha, laboratório alquímico da bruxa, é o lugar sustentador da vida numa casa. Logo, protegê-la de perigos invisíveis e conservar seu astral sempre limpo é recomendável.
- Um segredo das bruxas é dar nome a todos os seus objetos pessoais. Em Magia acredita-se que quando nomeamos alguma coisa estamos na verdade conferindo poder.

- A espiral representa um dos aspectos da Grande Mãe. Pode ser comparada ao crescente e ao minguante da Lua. é um símbolo de poder e energia. Espirais usadas como adornos e enfeites são poderosos talismãs das Deusas.
- Os druidas acreditavam que o dente do siso servia para um misterioso sortilégio: "teinm laegda" (iluminação do canto). Diziam que colocando o polegar debaixo do dente e mordendo-o, o poder mágico da pessoa aumentava grandemente.
- Uma prática centenária de proteção ao lar consistia em lavar as mãos assim que chegasse da rua. Isso não é apenas uma medida higiênica, mas um ritual que marca a passagem do espaço profano para o sagrado.
- Para proteger seu quarto de más influências, ferva uma rosa vermelha junto com folhas de limoeiro e borrife por todo o ambiente. Isso transforma seu quarto em um lugar seguro.
- Quando viajamos sempre ficamos mais vulneráveis pois nos afastamos de nosso lugar de poder, por isso, sempre que partir para alguma viagem leve com você um saquinho com um pouco de verbena e alecrim. Isso protegerá você e seus pertences durante o tempo que estiver viajando.
- Sempre que cumprimentar com um aperto de mão olhe bem dentro dos olhos da pessoa. é num cumprimento que energias negativas e a inveja se transferem com mais facilidade. Dessa maneira você estará protegido e seguro.
- A ametista é uma pedra purificadora. Coloque uma ametista dentro de um copo de cristal com água mineral. Proteja o copo com um lenço de seda branco durante uma noite. No dia seguinte retire a ametista e tome a água. Dizem que esta prática purifica o espírito e clareia a mente.
- Para purificar seu lar prepare uma mistura de água mineral com sal e essência de alecrim ou arruda. Introduza uma rosa vermelha na mistura e borrife com ela todos os cantos da sua casa. Quando terminar jogue o conteúdo fora e coloque a rosa em um vaso. Faça isso a cada dois meses.

- Uma antiga tradição conta que a primeira coisa que vemos ao acordar determina os rumos do dia. Então é bom colocar ao alcance dos nossos olhos coisas bonitas e inspiradoras. Uma imagem religiosa, objetos de arte, fotos de entes queridos etc. O importante é enxergar coisas que nos agrade. Afinal, os olhos são a porta da alma.
- É importante conectar-se com a Terra para sentir-se seguro e forte. Uma boa maneira de recarregar-se com a energia da Grande Mãe é sentir toda sua plenitude abraçando demoradamente um árvore ou deitando-se confortavelmente em um jardim. é assim que somos alimentados com seu leite espiritual.
- Esteja sempre aberto para os sinais da Mãe Natureza, quando uma flor, pétala ou folha aparecerem diante de você trazidas pelo vento, preste atenção. Estes podem ser presentes das fadas e ótimos talismãs, guarde-os dentro de seus livros preferidos.
- Para ter um Ano próspero e cheio de alegria coloque em uma cesta doze maçãs (cada uma representando um mês do próximo Ano). Em um dos últimos dias do Ano leve a cesta para um bosque ou jardim, coloque-a em um lugar bem escondido e ofereça aos gnomos.
- O Feitiço de proteção do Lar de Lugh é relativamente simples. Numa Terça-feira, em lua minguante, pegue um vidro com tampa, pintado de preto, vários objetos de ferro pontiagudos (que possam caber dentro do vidro), uma turmalina negra, uma obsidiana, um ônix e uma vela preta. Coloque todos os objetos dentro do vidro, menos a vela. Feche-o. Acenda a vela sobre a tampa e recite: "Eu peço aos Deuses da Proteção / Para que estejam comigo / Que este feitiço seja atado / Para proteger minha casa / E todos que vivem comigo / Pelo poder de três vezes o três / Que assim seja / Que assim se faça!" Coloque o vidro em cima da porta de entrada de sua casa e jamais revele o que há dentro dele para não quebrar o feitiço.
- Para descobrir o seu Animal Guardião, deite-se num lugar tranquilo, faça uma contagem de 7 a 1, procurando relaxar todo o corpo. Imagine-se entrando numa caverna escura, onde encontrará vários animais. Pergunte a cada um deles se é o seu Animal Guardião. Se o animal ficar em silêncio e ir embora, a resposta é negativa. O animal que lhe responder será o seu Guardião, por toda a vida. Não revele a ninguém o seu Guardião!



Pintura representando a dualidade:
a Deusa e o Deus Cornífero.

Figura 36



O gato preto é muito apreciado no universo místico da wicca por simbolizar proteção contra o mal para o recinto e seus moradores.

Figura 37



A murta é uma erva muito utilizada nos rituais de purificação.

Figura 38



Figura 39

A roda do ano representando os “Sabbaths” (principais comemorações da Wicca) e os Esbats, que são os rituais da lua cheia.



Runas: prática adivinhatória utilizada desde tempos medievais.

Figura 40



Alguns rituais da Wicca são realizados junto à natureza com os participantes nus, normalmente são rituais de iniciação.

Figura 41



Os rituais Wiccanos utilizam sempre muitas ervas nas suas poções.

Figura 42



Pedras são muito utilizadas pelos seguidores da Wicca como talismãs e amuletos.

Figura 43

II.2 – Joalheria Religiosa

Desde a antiguidade, a religião em todas as suas formas tem sido uma fonte de renda inesgotável para os ourives. Jóias, materiais religiosos, adornos para igrejas e seus altares, amuletos para atrair a atenção e proteção dos deuses e símbolos de seus ofícios para os sacerdotes.

O templo de Jerusalém, um dos mais ricos da antiguidade, ajudou ao Imperador Tito a financiar as obras do Coliseu com seus vasos e candelabros de ouro. Na Grécia, o

Partenon exibia uma colossal estátua de ouro da deusa Pallas Atena de autoria do famoso escultor Fídias. A quantidade é tão vasta que jamais terminaríamos de enumerar os casos.

A ourivesaria também conta com um lugar de grande destaque na arte religiosa brasileira. A partir do século XVIII, com a descoberta de ouro em nossas terras, torna-se comum a produção de objetos destinada aos cultos religiosos em ouro e pedras preciosas. Pingentes com formato de pomba do Espírito Santo, cruzeiros, medalhas de santos, relicários e rosário, eram usados por homens, mulheres e crianças, brancos, negros e mestiços e com idades e condições econômicas variadas. Igrejas ricas em ouro, com o metal sendo usado nas paredes, colunas e altares, talhas folheadas também em ouro. Castiçais, cálices, paramentos bordados com fios de ouro e toda sorte de objetos destinados ao culto e seus participantes. Nas procissões, imagens ornadas com grande riqueza eram levadas sobre andores de prata assim como tocheiros e crucifixos. À frente da procissão, iam crianças vestidas de anjo, também ricamente enfeitadas com jóias.

Existiam também os balangandãs, ornamentos geralmente de prata, usados pelas negras em dias de festa que consistiam em “bolas de louças”, figas, saquinhos de couro, dentes de animais.

O uso dos balangandãs foi muito comum principalmente na Bahia entre as mulheres vendedoras que os usavam como amuleto protetor do dinheiro ganho e também no traje de beca das crioulas nos dias de festa das irmandades, eles eram colocados na cintura.

Os balangandãs foram introduzidos em nossa cultura por negros islamizados e cada um dos penduricalhos tinha o seu significado e daí a diversidade dos amuletos. Eram usados nas laterais do vestido, como adorno de mesa e paredes e tinham a função de afastar o mau olhar, demonstrar devoção e como pagamento de promessas.

Da mesma forma que a diversidade religiosa era enorme, os serviços requisitados ao ourives para essas práticas também era interminável. Nas igrejas de Minas e Bahia temos um exemplo bem preservado (em alguns casos) dessa prática. O ouro, as pedras e as imagens deixam claro a importância da ourivesaria na prática religiosa em nossas terras assim como tem sido em todas as terras desde a antiguidade. Não importa o Deus ou Deuses a serem louvados. Não importa também o tempo e a localização geográfica, em

todos os casos os ourives e sacerdotes andaram lado a lado em uma parceria milenar que permanece até os dias de hoje.

II.2.1 – EXEMPLARES DA JOALHERIA RELIGIOSA CATÓLICA



Anel tipo dezena, autor desconhecido.

Figura 44



Medalha em ouro com imagem da Virgem Maria, autor desconhecido.

Figura 45



Cruz de prata e resina, autor desconhecido.

Figura 46



Pingente em ouro com Pomba do Divino inclusa em círculo, autor desconhecido.

Figura 47



Colar de ouro com cruz com cravação de gemas, autor desconhecido.

Figura 48



Colar com medalha da Pomba da Paz, autor desconhecido.

Figura 49



Pingente de prata com Tau vazado, autor desconhecido.

Figura 50



Pingente do Cristo em ouro, Antonio Bernardo.

Figura 51



Anjinhos da Guarda, Coleção Mirror, Amsterdam Sauer.

Figura 52

II.2.2 – EXEMPLARES DA JOALHERIA RELIGIOSA DA UMBANDA



Figura 53

Figas de madeira, amuleto de proteção contra mau-olhado, autor desconhecido.



Figura 54

Pingente com número sete da sorte vazado.

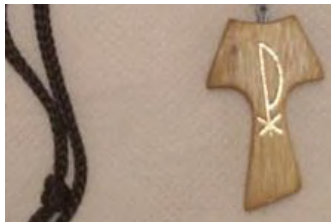


Figura 55

Pingente de madeira esculpida em forma de Tau com inscrição de um ponto riscado.

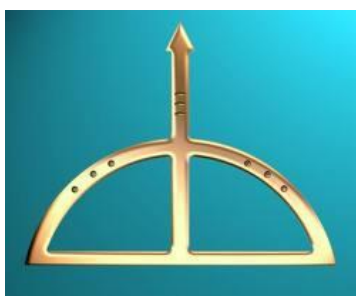


Figura 56

Pingente de ouro com cravação de gemas, ponto riscado.



Figura 57

Colar de prata com pingentes de penas, autor desconhecido.



Figura 58

Broche de ouro com pontos riscados, autor desconhecido.



Figura 59

Pingente de ouro com imagem de símbolo de um Orixá, autor desconhecido.



Figura 60

Pingente de figa em Azeviche em colar de prata, autor desconhecido.



Figura 61

Pingente de ferradura de prata com inscrições auspiciosas, autor desconhecido.



Figura 62

Pingente de prata em forma de sereia, autor desconhecido.



Figura 63

Pingente de prata com imagem de Yemanjá.

II.2.3 – EXEMPLARES DA JOALHERIA RELIGIOSA DA WICCA



Figura 64

Pingente em prata com imagem do "olho de Hórus", autor desconhecido.



Figura 65

Gargantilha de prata com gema encrustada, Oficina de Jóias.



Figura 66

Colar de prata com pingente de dragão com pentalfa, autor desconhecido.



Figura 67

Anel de prata com motivos celtas e pentalfa, autor desconhecido.



Figura 68

Pingente de prata com gema no formato do símbolo Ankh.



Figura 69

Tiara em cobre com símbolo Triluna, autor desconhecido.



Figura 70

Pingente de prata de um pentalfa inserido em círculo, amuleto de autor desconhecido.



Figura 71

Broche de prata, Raulybarra.



Figura 72

Pingente de prata e gema, Staglord.



Figura 73

Pingente de prata com opala e
ônix, triluna, autor desconhecido.



Figura 74

Pingente de prata e gema, fada do
cogumelo, autor desconhecido.



Figura 75

Pingente de prata, sereia, autor
desconhecido.



Figura 76

Taliesin, pingente de prata, autor
desconhecido.



Pingente de prata , pentagrama,
autor desconhecido.

Figura 77



Pingente de prata e opala, a
Deusa, autor desconhecido.

Figura 78



Broche em prata e granada,
Raullybarra.

Figura 79

II.3 – Fundamentos da Joalheria

As jóias sempre fascinaram a humanidade. Desde tempos remotos pessoas utilizam jóias como adornos com o propósito de expressar mensagens sobre práticas e convicções culturais, religiosas, mágicas, símbolo de posição social e até mesmo como objeto de proteção.

A cada época da nossa história é conferida à jóia algum ou alguns destes significados, embora hoje às vezes uma jóia de ouro ou prata, com uma gema incrustada,

seja usada para demonstrar riqueza, jóias são compradas de maneira crescente por prazer, em apreciação de sua beleza.

Às vezes a superstição também exerce forte influência na compra de uma jóia, ou pela forma que alude a aspectos místicos religiosos, ou a gema que tem um significado subjetivo para seu usuário, por exemplo, foi atribuído às gemas poderes curativos, auspiciosos, protetores, basta citar que até o começo do século XIX, não seria nada estranho pulverizar e comer determinada gema por ser boa para a saúde. Até hoje no Japão são vendidas pastilhas cálcicas feitas de pérolas pulverizadas com propósitos medicinais. Gemas também são relacionadas a astrologia, logo, a signos do zodíaco, existem até as pedras do mês, que serviriam como uma espécie de amuleto para proporcionar coisas boas aos nascidos sob a influência de tal ou qual signo.

Não é à toa que a origem dos adornos se confunde com a própria origem do ser humano, sendo o estudo da história da joalheria uma importante fonte que revela e guarda a própria história da existência humana.



Figura 80
Anel egípcio encontrado em sítio
arqueológico, autor desconhecido.



Figura 81
Colar de ouro datado da Idade do Ferro, autor desconhecido.



Figura 82
Colar de ouro e vidro datado do século II, autor desconhecido .

II.3.1 – Joalheria Autoral

Jóia de Autor e a Jóia de Arte poderiam ser classificadas, em teoria pelo menos, de modo diferente entre si, consciente de que será muitas vezes de difícil delimitação na prática . Interessante ressaltar que não existe atualmente uma separação clara entre estes conceitos, como neste exemplo:

A Jóia de Autor ou Jóia de Arte é aquela que tem um diferencial por ser personalizada ou porque marca o estilo próprio do designer/artista e leva a sua assinatura, (MANCEBO, 2008, p.130).

No entanto, pelos dados observados neste estudo, seria possível identificar como Jóia de Autor a que é concebida e produzida manualmente por seu criador, referindo-se ao

discurso do artista, tendo o objeto (jóia) como expressão de sua reflexão ou pesquisa, tal como uma escultura, estabelecendo a possibilidade de um diálogo com o público.

A Joalheria de Arte e a de Autor referem-se à produção de jóias exclusivas, em geral únicas, baseadas na utilização de materiais preciosos ou não, especiais, alternativos ou inovadores, trabalhados de forma artesanal, enquanto técnica manual de ourivesaria tradicional.

A Jóia de Autor engloba também a identificação de trabalhos de elaboração intelectual mais simples, mas também com a experimentação no trato dos materiais, mas não necessariamente pretendendo ser um trabalho de arte. São muitas das jóias dos ateliers/escolas e do trabalho dos joalheiros independentes. Mas contemporaneamente, também as da Alta Joalheria exclusiva, de cunho comercial, embora únicas, podem ser incluídas nessa identificação.

Contemporânea de Caio Mourão, Reny Golcman é ainda hoje no Brasil um dos nomes que merece destaque, e que pode se enquadrar na categoria de Joalheria de Arte. Tendo iniciado esta atividade por volta dos anos 70, Reny produziu peças de grande valor de pesquisa estética, esculturais em conceito, que foram em sua maioria por ela mesma manufaturadas. Artista plástica e joalheira, pintora e escultora, ex-aluna da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, apresentou uma criação considerada por muitos como de vanguarda naquele momento, Utilizando materiais não-convencionais em joalheria como o cobre, a cortiça e conchas entre outros, seu trabalho obteve notoriedade também no exterior, onde já expôs inúmeras vezes e é sem dúvida um dos maiores nomes da nossa joalheria de arte contemporânea. Reny comenta: “A (minha) falta de sossego, como a falta de sossego que existe na arte, me deu o impulso para procurar respostas e soluções no meu trabalho, e assim cheguei à criação de jóias que se transformam. Pelo fato da minha própria personalidade não aceitar as coisas estáticas, decidi criar jóias que fossem abertas para mudanças, que se desenvolvessem e se transformassem.”

Suas jóias foram criadas com o conceito de serem mutáveis por oferecerem mais que uma possibilidade de uso, como o pingente que possui frente e verso, oferecendo a possibilidade de uso com ou sem diamantes. Reny, com mais de 70 anos de idade, ainda produz suas jóias em seu ateliê. Seu caderno de anotações registra a criação e produção de

1648 peças. E acrescenta durante uma entrevista: “A produção de arte é visceral”, e também, “ Tínhamos um grupo que criava e executava suas peças. Eu crio e executo todas as minhas jóias. Esta é uma categoria de joalheiros. O ourives executa o trabalho de outro. Hoje em dia tudo é designer. Uma madame que resolve criar jóias, manda fazer, é designer? E essa luta é muito antiga. O Renato Wagner já naquela época tinha essa luta, já nos anos 80. Naquela época tivemos uma reunião e decidimos chamar então de Jóia de Autor. Jóia antigamente era um objeto de grande valor e nós nesse grupo, começamos a usar materiais não convencionais e não preciosos, fazendo a joalheria de arte contemporânea.

O Caio Mourão foi o nosso pioneiro. O pessoal brincava que ele jogava uma chapa de prata no trilho do bonde durante a noite e no dia seguinte virava jóia. Como as suas jóias tinham aparência estranha, brincavam com isso. Eu também me considero uma artista plástica, autora de jóias que cria e faz suas jóias.”

A seguir relaciono algumas imagens do trabalho desta Diva do design e também de outros nomes não menos importantes.



Peças de Reny Golkman, ouro e gemas.

Figura 83



Anel de prata e pedra da lua,
criação de Ana Passos.

Figura 84



Figura 85

Anel de prata e cobre, coleção
Andrea Silva A.



Figura 86

Anel de prata com quartzo,
coleção Galáxia, Ana Passos.



Figura 87

Coleção de jóias de Ana Passos,
prata e gemas.



Figura 88

Colar de prata, abalone e gemas,
coleção de Rosana Galvão



Anel de Clementina Duarte.

Figura 89



Anel de cobre, pedra do sol e ágata, Coleção Eliane Lameirão.

Figura 90



Anel de cobre e drusas, Coleção Eliane Lameirão.

Figura 91



Anel de prata e pérola, criação Eliane Lameirão.

Figura 92

II.3.2 – Principais Técnicas e Materiais da Joalheria

• Fundição

Os metais são colocados em um cadinho com um pouco de bórax em pó. O cadinho é então aquecido por inteiro com a chama do maçarico e só depois concentra-se a chama direto no metal. Quando os metais começam a se aglutinar é necessário movimentar o cadinho em movimentos circulares até que se juntem formando uma bola brilhante, chamada de olho d'água. A lingoteira para receber o metal do cadinho deve estar preparada, lubrificada com cera de abelha, para não oxidar e impregnar o metal com impurezas. É importante também que esteja em uma superfície nivelada. Após transportar o metal para a lingoteira ele então é despejado na água ainda quente. É importante que seja retirado todo o bórax que tenha ficado no lingote, isso pode ser feito martelando a superfície onde há bórax e após isso mergulhando a peça inteira no ácido sulfúrico. Para neutralizar o ácido o lingote é então mergulhado numa solução de água e bicarbonato e depois lavado com água e sabão.



Figuras 93 e 94 Cadinho sendo aquecido, e Metal sendo despejado na lingoteira.

• Recozimento

O metal é aquecido com a chama do maçarico até ficar vermelho em sua totalidade e depois resfriado bruscamente, mergulhando-se na água. Este procedimento é realizado para que o metal ganhe mais maleabilidade e possa ser trabalhado sem se partir.



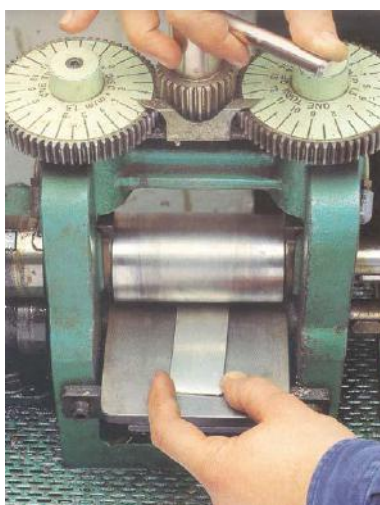
Figura 95 Metal sendo recozido.

- Laminagem

É o processo de passar o metal pelo laminador. O laminador é uma máquina que pode ser manual ou elétrica, que possui dois rolos de aço que se movimentam através de uma engrenagem, e a distância entre eles pode ser regulada.

É comum o rolo misto, que além da parte lisa, também possui sulcos para fazer os fios. O processo consiste em passar o lingote várias vezes pelo equipamento até chegar-se à espessura desejada. Mas antes disso é necessário recozer a peça, para que fique bem maleável e não rompa na laminação.

A laminação também pode ser utilizada para criar desenhos no metal, nesse caso é necessário aplicar sobre o metal o objeto que deseja utilizar para fazer a textura e então laminá-los. Esse tipo de laminação é chamado de laminação artística.



Chapa de prata sendo laminada em um laminador misto.

Figura 96



Figuras 97 e 98 laminação artística, utilizando tecido sobre metal e o resultado da laminação.

- Trefilagem

Após a laminagem, o fio quadrado deve passar pela trefilagem, onde receberá a forma redonda. Para realizar a trefilagem é necessário o uso de uma fieira, que é uma placa de aço com furos calibrados e retificados em diversas medidas. O fio antes de ser trefilado deve ter uma das pontas bem afiadas para que passe pelo furo da fieira, isso é feito através de lixas e limas, em seguida ele é recozido e ainda quente passa-se cera de abelha por todo seu comprimento. O fio então é posicionado em um dos furos da fieira, que deve estar bem fixa à superfície, e preso com um alicate pela ponta para que possa então ser puxado por inteiro. O procedimento é repetido por outros furos de bitoladecrescente até chegar-se à espessura ideal. É importante que a cada cinco furos seja repetido o processo de recozimento para que o fio não se parta.

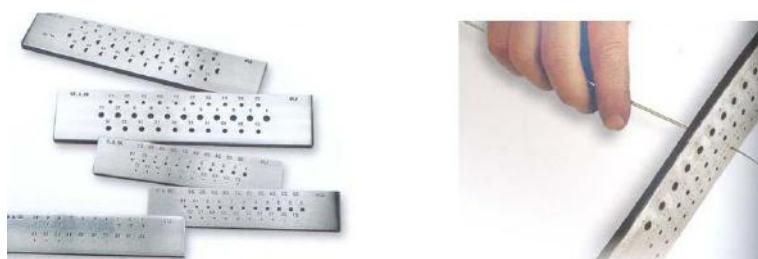


Figura 99 Tipos de fieiras e o fio sendo puxado.



Figura 100 e 101 Fio sendo puxado pela trefiladora e Fio sendo puxado manualmente.

- Corte

Para cortar as peças de metal, utiliza-se a serra de arco. Existem diferentes tamanhos de fio de serra, que deve ser escolhido de acordo com a espessura do metal que será cortado (fios mais grossos para metais de espessura maior e mais finos para metais de menor espessura).

Para facilitar o corte, é comum aplicar-se cera de abelha no fio de serra, para que ele deslize melhor no metal.



Chapa de prata sendo cortada com serra de arco.

Figura 102

- Conformação de discos (“bola” e “meia-bola”)

Para fabricar esferas e semi-esferas (ou bola e meia-bola) primeiramente deve-se cortar uma chapa de metal, no diâmetro desejado (disco). Posteriormente o disco é posicionado em um dos perfis do dado de bolas e com um embutidor de tamanho correspondente, começa-se a golpear o disco até que ele ganhe a forma de cúpula.

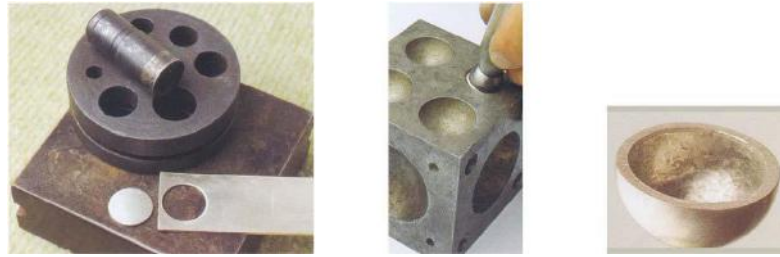


Figura 103 Disco cortado com o auxílio de ferramenta, peça sendo conformada e “meia-bola” finalizada.

- Soldagem de peças

Este procedimento serve para unir dois ou mais objetos de metal através de um outro metal com ponto de fusão inferior (a solda). Antes de realizar a soldagem é necessário que se passe fluxo nos pontos onde a solda ficará e na própria solda. O fluxo é uma solução à base de bórax ou ácido bórico, que tem como função prevenir a oxidação da peça, formando uma camada protetora que isola o metal da atmosfera e dissolve os óxidos formados. Com a chama do maçarico a peça então deve ser toda aquecida por igual, sem concentrar calor na solda inicialmente. Quando a peça então atingir a tonalidade vermelha, a chama é concentrada diretamente na junção para que corra e una os metais. Com a peça já soldada, deve-se mergulhá-la na solução de ácido, para que elimine os óxidos que estão dissolvidos no bórax do fluxo. Esta etapa é chamada de decapagem. Após a decapagem, a peça é finalmente mergulhada na solução de água com bicarbonato para que seja neutralizado o ácido.



Soldagem de anel.

Figura 104

- Fundição por cera perdida

Primeiramente talha-se o modelo da jóia em cera, ou a partir de um modelo em metal já finalizado, faz-se um molde em borracha. Este molde em borracha serve para que se possa produzir novos modelos em cera futuramente.



Figuras 105 e 106 Anel sendo moldado em borracha e molde de borracha preenchido com cera.

O modelo é então agrupado na chamada "árvore", ou seja, um bastão central de cera (caule) ao qual se unem todas as peças, fixadas por meio de um jito (tronco). Com a árvore pronta, ela então é colocada dentro de um recipiente metálico, que é preenchido com gesso e levado a um forno ligado em alta temperatura. Depois que o gesso endurece é feito um pequeno furo para que a cera derretida escorra, deixando nas cavidades do cilindro o formato do molde da jóia. Com o molde em gesso pronto, o metal em estado líquido, é injetado dentro do molde.

A fundição por cera perdida é muito utilizada pelas fábricas de jóias, pois permite a criação de várias peças idênticas num período de tempo relativamente curto.



Árvore recém fundida.

Figura 107

- Prototipagem rápida mediante subtração

Trata-se de um dos temas mais importantes em relação à tecnologia de produção de joias na atualidade, imprescindível para qualquer fabricante com um mínimo de necessidade de industrialização e padronização.

Com enorme precisão, esta técnica permite produzir, eficientemente, modelos que precisam de exatidão para sua montagem, como peças com cravações complexas e garras, com encaixes de componentes ou de desenho muito complicado para serem feitas à mão.



Figura 108 Bracelete confeccionado através de prototipagem rápida.

As tecnologias utilizadas atualmente podem ser divididas em dois tipos: subtrativa, que retira material a partir de um bloco, entalhando o modelo e aditiva .

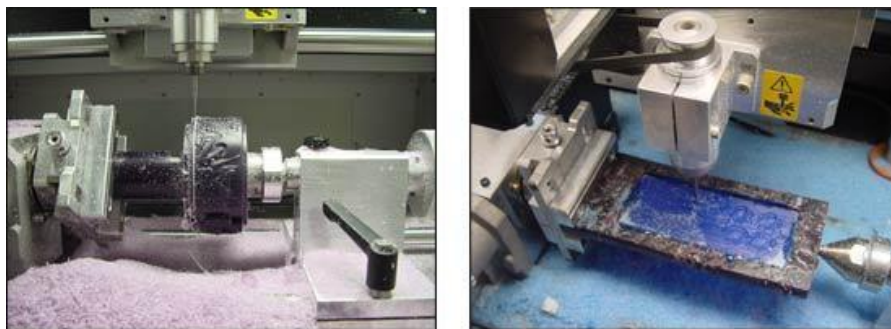


Figura 109 Fresadoras iniciando o corte nos blocos de cera.

As representantes, óbvias, da técnica subtrativa são as fresadoras , que utilizam diferentes fresas de metais ou diamante e são capazes de talhar materiais como cera, resinas, espumas, madeiras e até metais, sendo por isto utilizadas para criar ferramentas, estampas,

eletrodos e matrizes para a indústria joalheira.

Alguns modelos de fresadoras mais específicos para joalheria são capazes de gravar e modelar o interior de anéis, além de escanear tridimensionalmente objetos. A principal vantagem deste equipamento é seu custo relativamente baixo. É uma tecnologia com muitos anos de desenvolvimento, com capacidade de produzir ferramentas, gabaritos, moldes, além da diversidade de materiais que pode usar, atendendo as necessidades das diversas variantes da indústria de bijuteria e de joalheria.



Figura 110 Alguns modelos de fresadoras.

Essencialmente, as fresadoras são formadas por um conjunto de no mínimo três barramentos (trilhos) orientados segundo os eixos: x (largura) y (profundidade) e z (altura), sendo que alguns modelos mais sofisticados possuem até cinco eixos, seu movimento é acionado por motores elétricos controlados por computador, talhando com fresas que giram em alta velocidade o material usinado.



Figura 111. Modelos mais sofisticados de fresadoras.

Este tipo de maquinário existe em diversos tamanhos, potências e capacidades, desde pequeníssimas máquinas destinadas mais ao uso recreativo (hobby) com apenas três eixos,

baixíssima potência e que como motor de usinagem, utilizam micro-retílicas domésticas (tipo Dremel) até máquinas capazes de trabalhar o aço, trocar automaticamente ferramentas e usinar com cinco eixos todas as fases de uma peça, inclusive áreas interiores, como no caso de anéis. Como contrapartida, são máquinas que exigem ser operadas por pessoas com treinamento específico em técnicas de usinagem.

- Prototipagem rápida mediante adição

Alguns equipamentos existentes constroem modelos adicionando matéria, seja mediante deposição de gotículas de resina, plástico ou cera em camadas consecutivas - imprimindo tridimensionalmente ou mediante um feixe de laser ou luz, controlado eletronicamente, que solidifica (também em camadas) um material líquido, construindo assim o modelo. Estes equipamentos, chamados de máquinas de prototipagem rápida, possuem como vantagem o fato de produzirem modelos praticamente prontos, que não exigem muito trabalho posterior, nem montagem, e que, em alguns sistemas, podem ser fundidos diretamente em metal precioso sem necessidade de produzir um molde de borracha.



Figura 112 modelos confeccionados através de prototipagem por adição.



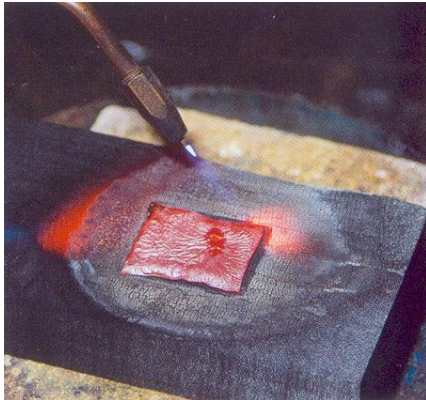
Figura 113 Máquinas de prototipagem rápida.

Hoje já existem equipamentos capazes de produzir o modelo diretamente em metal, apesar da falta de precisão e algum grau de prejuízo econômico, já que uma parte do metal utilizado volatiliza, o que em ouro é extremamente significativo. A desvantagem é que estes equipamentos são caros, apesar de seu preço vir baixando nos últimos anos. É uma tecnologia relativamente imatura e ainda não completamente desenvolvida, nem padronizada. Quem adquiriu um equipamento de uma determinada marca dependerá sempre dela para comprar insumos e materiais, sendo que, eventualmente, algumas destas marcas poderão ser descontinuadas e aí o equipamento será inútil. Cada fabricante utiliza uma tecnologia própria e patenteada, o que cria uma perigosa dependência de um único fornecedor.

Quem comprou as primeiras gerações deste tipo de maquinário hoje possui um equipamento defasado, que produz modelos lentamente, de baixa qualidade (falta de resolução), muito complexo de reproduzir e de altíssimo custo de manutenção e insumos. São conhecidos os casos de empresas que não conseguem obter um molde (borracha) de peças produzidas nestes equipamentos, pois este gruda no material, destruindo o original. Por motivos comerciais, alguns representantes destas marcas não importam materiais novos, impedindo a solução deste problema. Porém estas tecnologias estão em constante evolução e, em poucos anos, serão acessíveis a qualquer produtor.

- Textura a fogo (Reticulação)

A textura a fogo é mais um método de decorar o metal. Este procedimento é muito intuitivo, pois com a chama do maçarico direcionada à peça deve-se observar o metal quando iniciar o seu processo de fundição e então retirar a chama tentando formar desenhos. Deve-se ir procedendo assim até conseguir um resultado satisfatório.



Chapa de prata sendo texturizada com o auxílio de dois maçaricos.

Figura 114

- Acabamento da peça

O acabamento é feito com lixas d'água, que servem para tirar as marcas de lima. Inicia-se o processo com lixas entre 180 e 240, passando pela 360 e 400 e finalizando com a 600. Para uma textura escovada pode-se finalizar o acabamento com uma escova de latão lubrificada com sabão neutro. Para o acabamento polido, após a lixa 600 a peça deve passar pela politriz, equipamento que possui duas escovas em alta rotação. Na primeira escova utiliza-se uma massa porosa que termina de lixar a peça. Na segunda utiliza-se outra massa para dar polimento à peça. Entre uma escova e outra a peça deve ser lavada com água quente, sabão de coco e amônia para não contaminar a escova seguinte. Depois do polimento a peça é lavada com uma nova solução de água quente, amônia e sabão de coco.



Peça sendo polida na politriz.

Figura 115

- Cravação de gemas

Existem diferentes tipos de cravação de gema, podendo variar de acordo com a lapidação da mesma. Nesse processo é necessário preparar-se uma caixinha de metal para receber a gema, por isso deve ser do tamanho exato da pedra. Para realizar o processo de cravação é utilizada uma pasta chamada “pez”, composta de goma-laca e outros ingredientes, que serve para fixar a peça. Depois da peça estar presa à pasta e do cabochão ser encaixado na caixinha, ela é então moldada em torno da gema, fixando-a.



Figuras 116 e 117 Caixinha e cabochão e peça fixada no pez, sendo cravada com o empurrador.

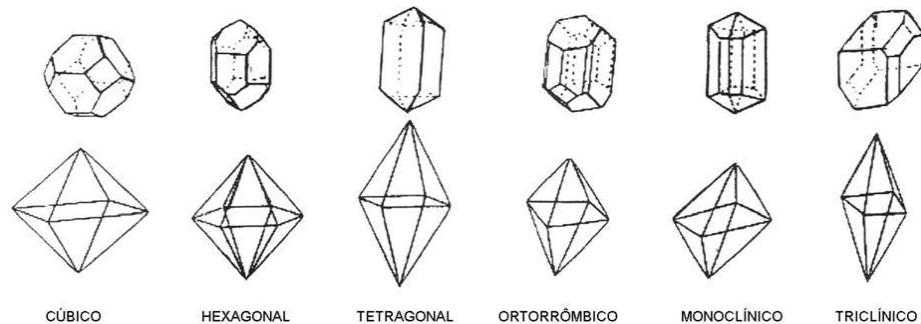
- Gemas

Para um mineral ou um material orgânico ser considerado gema, é necessário que: seja belo, seja raro e possua uma dureza significativa, para que com o manuseio constante não se danifique com facilidade.

Elas se dividem em naturais inorgânicas que são todas as gemas de origem mineral e as orgânicas que são as de origem animal ou vegetal. Existem também as gemas produzidas pelo homem em laboratório, chamadas sintéticas.

As gemas que possuem origem mineral são encontradas dentro de rochas ou em cascalho proveniente dessas rochas. Alguns tipos de rocha se solidificam a partir do material derretido do centro da Terra expelido pelos vulcões sob forma de lava. Quanto mais lento o resfriamento do material, maiores são os cristais formados em seu interior.

A composição química e a estrutura cristalográfica de um mineral determinam suas propriedades óticas e físicas. Aquele com estrutura cristalográfica são chamados cristalinos, os sem arranjo interno específico são os amorfos.



- Sistema de classificação:

Peso: expresso em quilates (1ct = 0,2g)

Cor: fator de maior importância na classificação das gemas de cor, representa cerca de 50% do seu valor total.

Pureza: é o segundo fator para classificação e avaliação das gemas de cor, representando cerca de 30% do valor total da gema. Refere-se à ausência ou presença de inclusões e/ou imperfeições externas, suas qualidades e quantidades, as quais interferem diretamente na transparência e beleza da gema.

Lapidação/Acabamento: fator de menor peso na classificação das gemas de cor, representa cerca de 20% do valor total. São levados em conta os seguintes itens: simetria, tamanho das facetas, proporções da altura e tamanho da mesa em relação ao diâmetro e /ou largura da gema.

•Lapidação

Um diamante passa por diversos processos até chegar à forma na qual costumamos vê-los em jóias. É preciso lapidá-lo para que adquira o brilho intenso tão característico. Foram os hindus quem descobriram que só um diamante poderia cortar o outro. um diamante só estará devidamente aproveitado em seu brilho quando totalmente lapidado.

Com a lapidação a gema perde uma boa parte do seu peso, é inevitável para que se melhore o seu efeito óptico, o seu brilho e a sua capacidade de decompor a luz branca nas cores do arco-íris. O mais belo corte (lapidação) para o diamante é o chamado brilhante, Este tipo de lapidação apresenta uma forma arredondada, mas com 58 facetas. Cada faceta é simétrica e disposta num ângulo que não pode variar mais de meio grau. As pessoas estão erradas quando dizem comprar uma peça com brilhantes. A gema é diamante, brilhante é apenas o nome que lhe é conferido em função da lapidação. O diamante pode ser lapidado em diversas outras formas e lapidações e, nessa altura, deixará de se chamar "brilhante". Para ser lapidado um diamante deve ser entregue a um especialista que examinará cuidadosamente a pedra em busca do melhor aproveitamento possível conjugado com a valorização da pedra sob todos os aspectos. De início a gema deve ser clivada ou serrada. A clivagem é feita por meio de uma batida sobre uma lâmina. A gema será dividida. A pedra também pode ser serrada em partes, se assim indicar o especialista. Depois dessa fase o diamante segue para as mãos de outros profissionais: aquele que dá o formato básico da pedra, e os abrilhantadores que definem as facetas da pedra. Em geral este serviço é especializado: há aqueles que fazem as facetas da parte de cima e a mesa; há os que fazem a parte de baixo (pavilhão) e há os profissionais que fazem a cintura da pedra. Quando a lapidação começou a ser desenvolvida, alguns lapidários acreditavam que quanto maior o número de facetas, maior seria o brilho da gema. Com o tempo verificou-se que este pensamento estava errado. A lapidação em brilhante é a que explora ao máximo a capacidade de brilho e dispersão de luz (arco-íris) nessa gema. Os diamantes podem ser lapidados de forma tradicional noutras formas: gota, navete, baguete, coração, etc. Hoje em dia encontramos diferentes lapidações, graças ao surgimento do laser: cabeças de cavalo, estrelas, luas, entre outros.

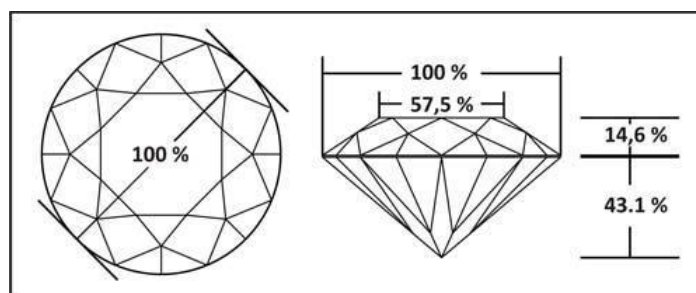


Figura118 lapidação do tipo brilhante.



Figura 119 Diamante com lapidação brilhante.

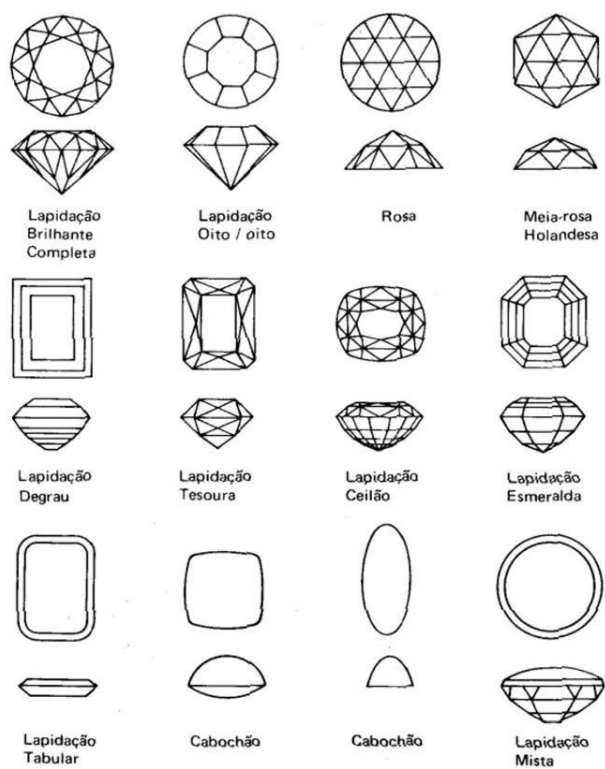


Figura 120 Outros tipos de lapidação.

- Curiosidades sobre algumas gemas

- Crisoprásio

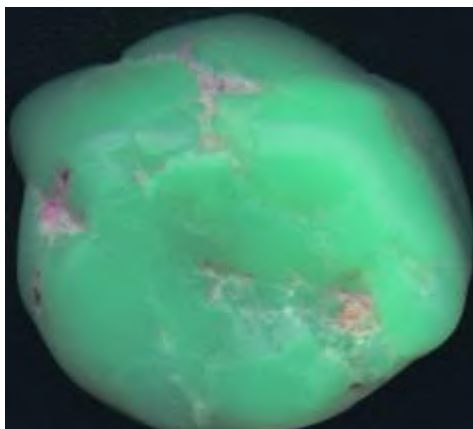


Figura 121 Crisoprásio na forma bruta.

Era conhecido pelos gregos como “porro dourado”, até hoje não se sabe porque! É a pedra mais valiosa do grupo da calcedônia. Sua cor pode empalidecer à luz solar e por ação do calor, e armazenada em lugar úmido recobra sua cor. É relativamente raro, mas existem jazidas no Brasil. Na antiguidade dizia-se que a utilização desta gema aguçava a visão e extirpava vários tipos de dores.

- Quartzo



Figura 122 Quartzo com inclusões de rutilo.

O quartzo é o segundo mineral mais abundante na crosta terrestre - superado apenas pelos feldspatos - e pode ocorrer em quase todos os ambientes geológicos. Por conta disso, é a espécie com maior variedade de inclusões e a segunda mais estudada neste tema, atrás somente do diamante. As inclusões são geralmente consideradas imperfeições sob o

aspecto comercial, no entanto, ampliadas podem revelar-se fascinantes, casos nos quais o interior das gemas, mais que sua aparência externa, esconde sua verdadeira beleza. No Brasil, já foram identificados muitos minerais presentes como inclusões no quartzo, um exemplo é o rutilo, na forma de agulhas douradas ou avermelhadas, proveniente de diversas localidades, das quais a mais notória é a região de Ibitiara, no Estado da Bahia.

- Pérola



Figura 123

As pérolas são produzidas em moluscos marinhos semelhantes às ostras e em alguns caracóis. Seu brilho é conhecido pelos entendidos como oriente. Já esteve associada às lágrimas, mas como símbolo da virtude que fortifica os espíritos vitais que nascem do coração. Há um dito muito conhecido por joalheiros da Europa oriental que diz: "As pérolas em que acreditamos nos trazem lágrimas prateadas como a lua, mas são lágrimas de alegria".

Pérolas na medicina popular: A pérola já foi empregada para tratamentos de saúde por diversas culturas, ocupando lugar de destaque na antiga farmacologia. Foram usadas como afrodisíaco e moídas serviam de cosméticos aos antigos egípcios e chineses; aplicadas à pele, mantinham-lhe o resplendor e o brilho sedutor e iridescente da pérola. Esta serve, na Índia, de panacéia; é boa contra as hemorragias, a icterícia, a loucura, o envenenamento, as doenças dos olhos, a tuberculose etc. Na Europa era utilizada para tratar melancolia, a epilepsia, a demência. A terapêutica hindu moderna utiliza o pó das pérolas por suas propriedades revigorantes e afrodisíacas. Na China, a medicina utilizava unicamente a pérola virgem, não perfurada, que tinha a atribuição de curar todas as doenças dos olhos. A medicina árabe reconhece na pérola virtudes idênticas. As pérolas queimadas eram usadas nas doenças do coração, dificuldades digestivas, doenças mentais e mau hálito. No tratamento contra enxaquecas, úlceras, cataratas e problemas oculares, os pacientes

inalavam pó queimado. Aplicado à pele curava a lepra; aplicado sobre os dentes, como pasta, fortalecia esmalte e gengivas. Julgava-se ainda que era eficiente contra gota, varíola, doenças pulmonares e malária; mas os únicos poderes medicinais cientificamente comprovados da pérola são os de antiácido e adstringente.

Atualmente estão destituídas da área da Saúde no Ocidente, no entanto curandeiros indianos ainda as utilizam em antigos métodos. Na China pode-se encontrar o pó de pérolas. Os comprimidos de pérolas moídas são vendidos em farmácias do Japão como fonte de energia e cálcio.

- Madrepérola



Figura 124 Placas de madrepérola .

Madrepérola ou nácar é uma substância calcária, dura, brilhante, branca ou escura e iridescente produzida por diversos moluscos, especialmente os bivalves. São o principal componente das pérolas.

A madrepérola reveste o interior de diversas conchas. Também é liberada por alguns moluscos como uma reação a um corpo estranho que tenha entrado em sua membrana epitelial. O corpo estranho causa irritação ao animal, que passa a liberar essa secreção isolada para calcificação similar a parte interna da concha, formando uma pérola cujo tamanho varia de acordo com o tempo de resistência do corpo estranho no animal e das condições climáticas do meio ambiente.

Nácar é a substância que representa as bodas de trinta e um anos de casamento. Segundo algumas versões da Mitologia greco-romana, a deusa Vénus (para os romanos) ou

Afrodite (para os gregos) nasceu de dentro de uma concha madrepérola tendo sido criada pelas espumas do mar.

A madrepérola pode refletir frequências diferentes da luz de acordo com a maneira como é iluminada, de modo que pode apresentar cores variadas, que vão dos rosas, aos azuis, verdes e amarelos, em várias tonalidades. Esse efeito é considerado bastante agradável à vista.

- Materiais alternativos que podem ser utilizados na joalheria

Atualmente são várias as alternativas de materiais que vemos serem utilizados na composição de uma jóia, estamos na Era do “ecologicamente correto”, portanto madeiras ou qualquer outro material orgânico deve ser certificado pelo respectivo órgão competente, os materiais plásticos tem um valor agregado se forem escolhidos os recicláveis e se não, que comprovadamente não tenham causado danos ao meio ambiente. Sementes também encontraram bastante aceitação no mercado joalheiro onde além de serem biojóias, transformaram-se em verdadeiras obras de arte, bem representada no mercado pela ecodesigner, Maria Oiticica.



Figura 125 Fio de aço e fruto cinzeiro, criação Maria Oiticica.



Figura 126 Folha de madeira e prata, criação Maria Oiticica.



Figura 127 Colar de couro de peixe, criação Maria Oiticica.

• Metais

- Metais nobres

São os metais raros na natureza, que permanecem sempre puros e que não são atacados por ácidos, sais ou oxigênio. Possuem grande resistência química, em relação aos outros metais. Não oxidam quando expostos à atmosfera, apenas formam uma fina camada de película oxidante sobre a superfície.

- Ouro (Au)

O ouro puro (24K) é o mais maleável e o mais dúctil (flexível e elástico) dos metais, também é um bom condutor de calor e eletricidade. Para que esse metal possa ser

utilizado na joalheria é preciso aumentar sua dureza, resistência e elasticidade, para isso o ouro é ligado a outros metais mais baratos, ajudando também na redução de seu valor. Esse procedimento também reduz o ponto de fusão do ouro. A quantidade de metal precioso existente na liga é traduzida através da indicação de toque da mesma, quanto mais elevado é o toque, maior é a quantidade de metal precioso por quantidade de massa da peça; O toque é designado habitualmente em milésimos ou quilates. Em milésimos divide-se a massa por 1000 unidades, em quilates divide-se por 24; por exemplo: numa peça com toque de 750 milésimos, significa que em 1000 unidades de massa de liga com qual a peça foi confeccionada, existem 750 unidades de metal precioso puro, já numa peça de 18K deve-se dividir 18 por 24, que resulta em 0,75, ou seja 75% de ouro puro(ouro 750). O Ouro puro apresenta-se na cor amarela, mas quando ligado a outros metais, é possível obter uma vasta gama de cores.

- Tipos de ouro ligado:

Ouro Amarelo 22K (920) $92 \text{ Au} + 4 \text{ Ag} + 4 \text{ Cu}$

Ouro Amarelo 18K (750) $75 \text{ Au} + 15 \text{ Ag} + 10 \text{ Cu}$

Ouro Vermelho 18K (750) $75 \text{ Au} + 5 \text{ Ag} + 20 \text{ Cu}$

Ouro Branco 18K (750) $75 \text{ Au} + 25 \text{ Pd}$ (*)

Ouro Amarelo 14K (580) $58 \text{ Au} + 25 \text{ Ag} + 17 \text{ Cu}$

Ouro Vermelho 14K (580) $58 \text{ Au} + 10 \text{ Ag} + 7 \text{ Cu}$

Ouro Branco 14K (580) $58 \text{ Au} + 42 \text{ Pb}$ (*)

Ouro Verde Ouro (Au) + Prata(Ag) + Cobre (Cu)

Ouro Azul Ouro (Au) + Prata(Ag) + Cobre (Cu)

Ouro Negro Ouro (Au) + Prata(Ag) + Ferro (Fe) ou Aço

Ouro Rosa Ouro (Au) + $\frac{1}{3}$ Prata (Ag) + $\frac{2}{3}$ Cobre (Cu)

Ouro Violeta Ouro (Au) + Alumínio (Al)

Prata 950 $95 \text{ Ag} + 5 \text{ Cu}$

Prata Sterling (925) $92,5 \text{ Ag} + 7,5 \text{ Cu}$

Prata 800 $80 \text{ Ag} + 20 \text{ Cu}$

(*) O ouro branco é mais nobre e por isso mais caro. Quando é feita a liga com paládio, tem como aspecto final um metal claro e maleável; ligado à prata ganha aspecto mais

acinzentado, o níquel e a prata fazem-no mais duro e elástico, não podendo ser resfriado e sendo inadequado para fundição e esmaltação.

- Prata (Ag)

Metal de valor inferior ao do ouro e platina, com cor branca acinzentada. A prata pura, ou 1000 é muito maleável e dúctil. Em contato com o oxigênio, a prata forma uma camada de óxido de prata superficial, que não chega a dissolvê-la. Por ser um metal mole é muito utilizado em ligas de outros metais, também é utilizada na joalheria na solda para outros metais.

O enxofre e seus derivados reagem com a prata, fazendo com que ela escureça (prata oxidada ou envelhecida). Na joalheria esse procedimento é muito utilizado para dar efeito envelhecido à peça ou marcar detalhes da prata.

A prata pura ou prata fina, com teor de pureza 1000 se usa na joalheria em casos especiais como o filigrana (obra de ourivesaria feita de fios muito finos de ouro ou prata delicadamente entrelaçados e soldados de forma a compor um desenho). Assim como no ouro, liga-se a prata para aumentar sua dureza, resistência e elasticidade, além de reduzir o valor da mesma e diminuir seu ponto de fusão e peso específico.

A prata 950 vem sendo utilizada cada vez mais na joalheria por ser menos oxidante que 925, e por produzir um óxido de efeito estético mais interessante.

- Tipos de prata ligada:

Ouro Amarelo 22K (920) 92 Au + 4 Ag + 4 Cu
 Ouro Amarelo 18K (750) 75 Au + 15 Ag + 10 Cu
 Ouro Vermelho 18K (750) 75 Au + 5 Ag + 20 Cu
 Ouro Branco 18K (750) 75 Au + 25 Pd (*)

- Platina (Pt)

É o mais precioso dos metais, quando puro tem coloração branca acinzentada brilhante. É resistente à corrosão e não se dissolve na maioria dos ácidos, mas é atacada pelo ácido clorídrico (HCl) e dependendo das condições pode reagir com halogênios, cianetos, enxofre, chumbo, silício entre outros. É extremamente resistente e leve; relativamente macia e muito maleável. Na joalheria é utilizado em seu estado puro, ou na proporção 90% com 10% de paládio. É mais utilizado em peças que requerem uma qualidade superior, por exemplo, com pedras de valor bem elevado. É facilmente trabalhada tanto a quente quanto a frio. É somente dissolvida por água-régia, entretanto mais lentamente que o ouro. Deve-se ter cuidado ao manipular este metal à quente, por ser facilmente ligado ao carbono. Encontrada principalmente em areias de rios. Suas maiores reservas mundiais estão na Rússia,

África do Sul, Canadá, Colômbia, Canadá, Sumatra e Bornéu. Também é encontrada no Brasil e Estados Unidos, mas em menor quantidade.

- Paládio (Pd)

Metal de coloração cinza prateada, parecida com o aço. Não muda de cor em contato com o ar e quando recozido torna-se mole e dúctil. Muito usado para ligas de ouro branco especial, de prata e platina. Em sua forma pura é muito utilizado na fabricação de molas de relógio, principalmente os antigos de bolso.

Ouro Amarelo 22K (920) 92 Au + 4 Ag + 4 Cu

Ouro Amarelo 18K (750) 75 Au + 15 Ag + 10 Cu

Ouro Vermelho 18K (750) 75 Au + 5 Ag + 20 Cu

Ouro Branco 18K (750) 75 Au + 25 Pd (*)

- Ródio (Rh)

De coloração branca-prateada, encontra-se na natureza geralmente associado à platina. É utilizado na joalheria cobrindo as jóias feitas em ouro branco, por meio de depósito eletrolítico, este procedimento tem como propósito melhorar o aspecto da jóia, deixando mais branca e resistente. É muito utilizado em ligas com a platina, obtendo-se substâncias

de maior dureza e resistência que qualquer dos metais. É um dos metais mais duros que existem e por isso torna-se difícil trabalhar à temperatura ambiente.

- Metais não-nobres

São os metais mais abundantes na natureza.

- Cobre (Cu)

Este metal de coloração amarela-avermelhada é o terceiro mais utilizado no mundo, perdendo

apenas para o alumínio e o aço. Dúctil, maleável e ótimo condutor de calor e eletricidade, sendo um dos metais mais importantes industrialmente para a produção de fios e cabos. Depois da prata, é o melhor condutor de energia e calor. Muito utilizado na joalheria nas ligas de ouro, prata e platina, aumentando a resistência mecânica e a dureza destes metais.

- Níquel (Ni)

Metal magnético, extremamente duro de coloração branca-prateada. É difícil de ser usado em seu estado puro, na joalheria é utilizado nas ligas e banhos galvânicos.

- Alumínio (Al)

Quando puro possui a cor branca prateada e é mole, mas suas propriedades mecânicas são melhoradas quando ligado a pequenas proporções de cobre, magnésio ou outros elementos. Um dos metais mais maleáveis e dúcteis, além de bom condutor de calor. É utilizado na produção do ouro na coloração violeta.

- Titânio (Ti)

Possui coloração branca-prateada sendo muito resistente a corrosão e ao impacto mecânico. É encontrado em vários minerais, tendo como principais fontes o Rutilo e a

Ilmenita. Quando puro é bem dúctil e fácil de trabalhar, é tão forte quanto o aço, só que mais leve. Varia de cor de acordo com a temperatura, e não solda.

- Zinco (Zn)

É utilizado como componente em diversas ligas, no ouro ele abaixa o ponto de fusão. Possui coloração branca azulada. Na presença da umidade forma uma capa superficial de óxido de carbonato básico que o isola, protegendo da corrosão. Apresenta grande resistência à deformação plástica a frio, podendo ser laminado a partir dos 100°C.

- Estanho (Sn)

Metal de coloração prata é sólido nas condições ambientais, maleável em baixas temperaturas, porém frágil quando aquecido. Não oxida com o ar e é resistente a corrosão. Utilizado na produção de ligas metálicas e para recobrir outros metais protegendo-os da corrosão. É um dos componentes do bronze. Nas ligas de prata e ouro é utilizado para endurecer e abaixar o ponto de fusão.

II.4 – Requisitos e restrições projetuais

- Requisitos

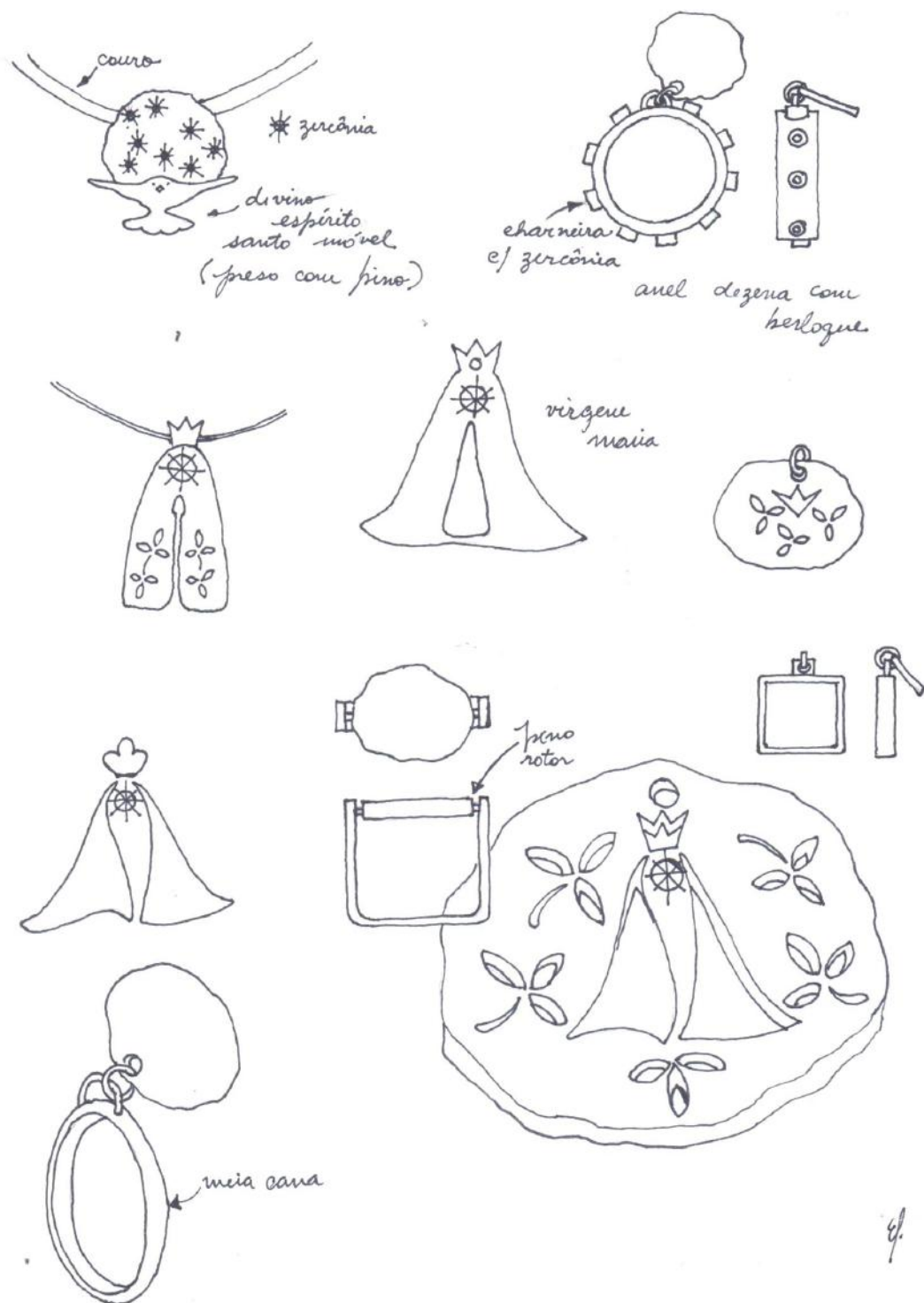
- A Coleção de Jóias Religiosas “ Avra Kedabra” será composta por três linhas, cada qual relacionada a uma religião, quais sejam: Catolicismo, Umbanda e Wicca.
- As linhas possuirão cada uma três produtos.
- Os produtos serão confeccionados em prata com a utilização de gemas e madeira.
- As peças de cada linha devem seguir harmonia estético-formal .
- As peças devem ser confortáveis, duráveis e ter impacto visual.

- Restrições

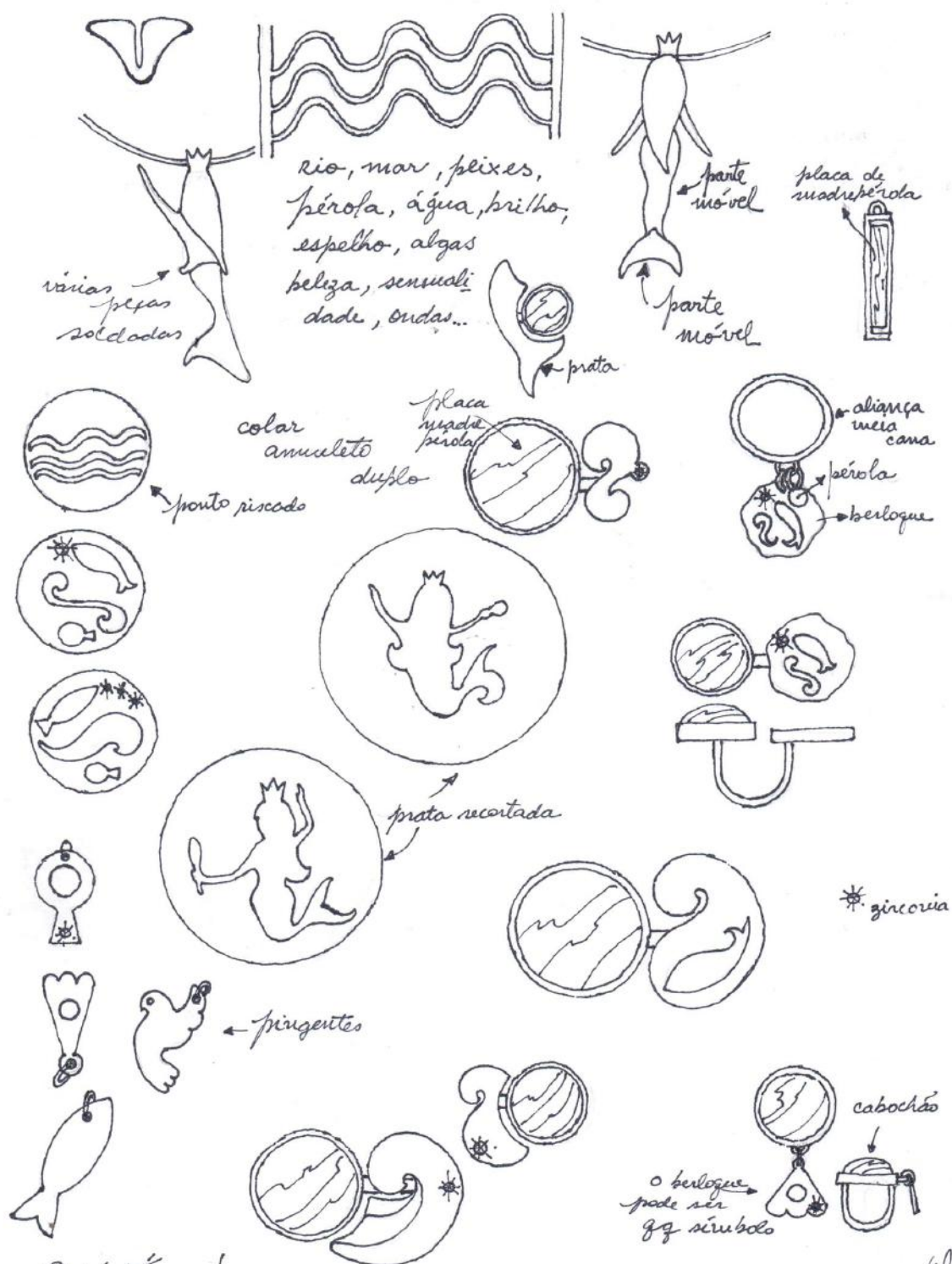
- Esta coleção pretende-se Joalheria autoral, portanto não coaduna com produção em série.
- Seções pontiagudas, perfurantes ou cortantes, não serão utilizadas.

CAPÍTULO III– IDÉIAS PRELIMINARES

III.1 – Linha Católica

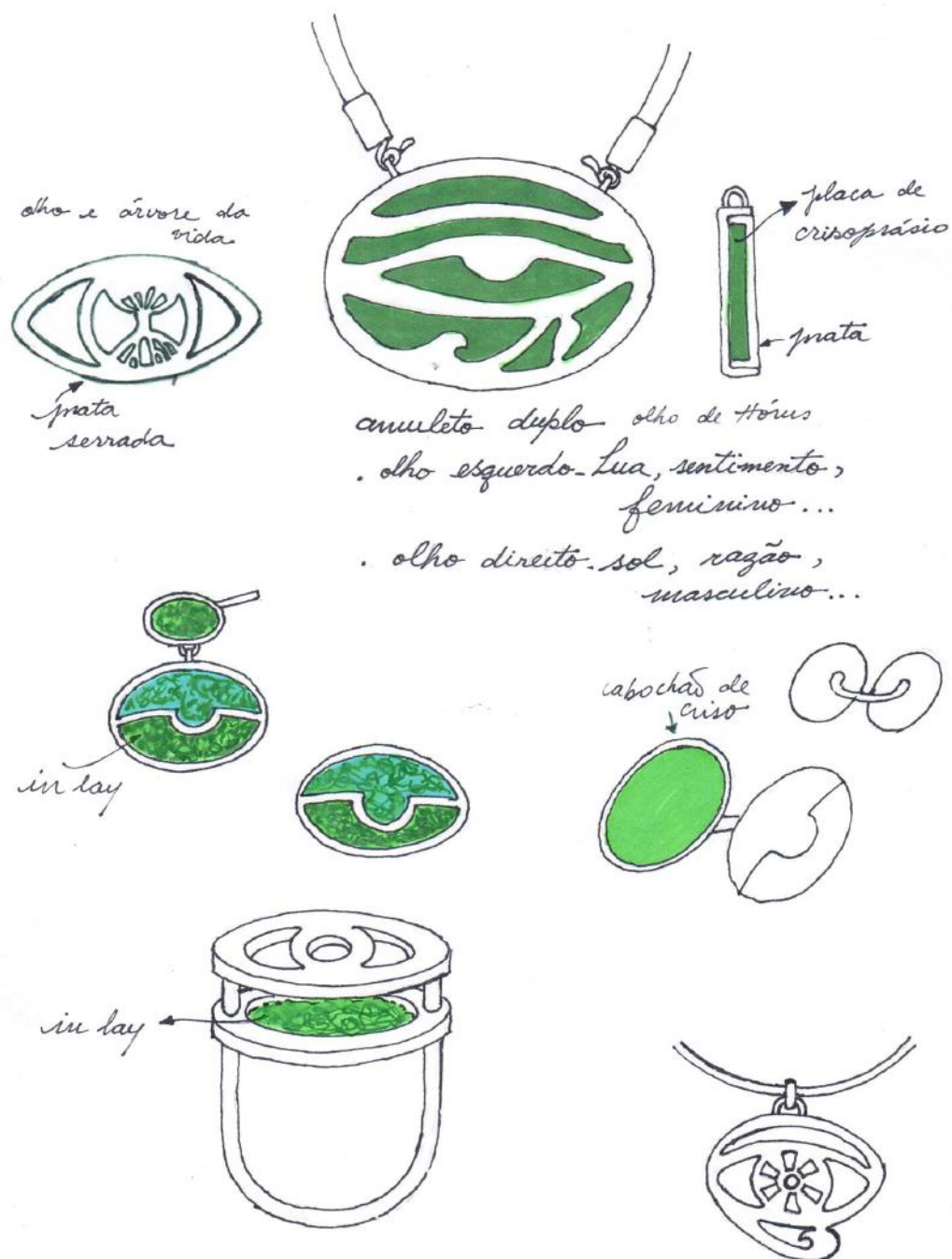


III.2 – Linha da Umbanda



Odo- Iya!
 mar imenso, mar sem fim, mãe de todos os filhos, mar em mim.
 Yêyé omo efá (a mãe dos filhos peixes)

III.3 – Linha da Wicca



CAPÍTULO IV – DESENVOLVIMENTO DAS IDÉIAS SELECIONADAS

4.1- Apresentação das linhas selecionadas

Após toda coleta de dados, foram feitos vários esboços , tanto relacionados ao tema, como também a formas. O tema desta monografia lida com muitos conceitos e certos preconceitos. Utilizar um símbolo que tem ao mesmo tempo a força de proteger e a qualidade de informar aos demais sua opção religiosa, pode trazer aceitação imediata ou infelizmente, retaliações. Apesar de vivermos em um país religiosamente sincrético, a história conta do preconceito sofrido por todo um povo e suas crenças e me refiro aqui aos afro-descendentes e a todas as religiões que lidam com ocultismo e forças da natureza. Ao desenvolver formalmente a linha de jóias da Umbanda, levei em consideração esse aspecto, dificilmente você encontra algum praticante dessa religião se expondo abertamente a qualquer um. Não pretendo com minha coleção mudar a filosofia de vida das pessoas, pois seria pretensão, prefiro respeitar e oferecer opções de uso. Portanto, decidi que todas as linhas teriam nos colares, pingentes amuletos com face dupla. Especificamente na religião da Umbanda a intenção é, além da reverência e referência ao Orixá, evitar também uma exposição indesejada, então dependendo da ocasião a usuária, ou assumiria sua escolha religiosa, ou usaria a face que só faz sentido para quem é adepto dessa religião.

IV.1.1 - Linha Católica – Linha “Mariana”

Como é uma coleção voltada para o público feminino, optei por um tema também feminino, inspirado na caridade, bondade e amor, que as devotas da Virgem Maria encontram na imagem, proteção e exemplo de vida.

Virgem Maria, também conhecida como Nossa Senhora, engloba todas as “Santas Maria”, então a figura que busquei foi genérica, o que torna a linha mais abrangente para atingir o imaginário do meu público alvo. Decidi nomear a linha católica de “Linha Mariana”.

A gema utilizada é o quartzo rutilado, apresentando inclusões de rutilo dourado, no imaginário, aos raios divinos que atingem os devotos de santa tão estimada. No colar, utilizei em uma das faces do pingente amuleto, placa de madeira de jacarandá por tratar-se de madeira escura, o que realçaria a imagem recortada na prata, se for buscar um significado simbólico para seu uso, diria que a madeira significa a “alma recuperada” nessa peça, a cruz de madeira que seu filho amado carregou pela humanidade a fim de garantir nossa salvação eterna.



Figura 128 Colar linha “Mariana”



Figura 129 Colar linha “Mariana”

O pingente de coração, utilizado para compor o conjunto, simboliza os sentimentos puros que um bom católico deve possuir em relação à toda criatura.

Anel e brincos seguem a linha formal e conceitual do colar amuleto, ambos enfatizam a questão religiosa, percebida no berloque com a imagem da coroa e do manto que toda Virgem Maria possui, pontuada ainda com incrustação de zircônia onde é o rosto da santa.



Figura 130 Anel da linha “Mariana”



Figura 131 Brincos da linha “Mariana”



Figura 132 Jóias da Linha “Mariana”

- HUMANIZAÇÃO:



Figura 133 Humanização - Linha “ Mariana”



Figura 134 Humanização - colar da Linha “Mariana”



Figura 135 Humanização - anel da linha “Mariana”



Figura 136 Humanização - brinco da linha “Mariana”

IV.1.2 – LINHA DA UMBANDA – LINHA ‘POVO DO MAR’

A maior celebração que os adeptos da Umbanda realizam é a comemoração da festa de Yemanjá, a Rainha do Mar, no mês de Dezembro. Diz a lenda que certa vez, para se defender durante uma emboscada, “Yèyé omo ejá”, criou um audacioso plano. Armou-se com sua espada e seu “abebé”, leque com espelho, à frente de uma muralha de espelhos. Quando seus oponentes chegaram, encontraram-na pronta para a luta e julgaram, ao ver os reflexos dela mesma nos espelhos, que fosse o seu poderoso exército.

Yemanjá é o espelho do mundo, que reflete todas as diferenças, pois a mãe é sempre um espelho para o filho, um exemplo de conduta. Ela é a mãe que orienta, que mostra os caminhos, que educa, que sabe, sobretudo, explorar as potencialidades que estão dentro de cada um.

Yemanjá é água que não se prende, é a água que se estende na amplidão, que une os povos, ela sintetiza o instinto de mãe, não aquela que dá à luz, mas a que está ligada à educação dos filhos, à casa e à família. É capaz de transformar a criança que menos promete em um grande guerreiro. Por toda sua força espiritual, essa linha foi inspirada nesse orixá, e recebeu o nome de Linha “Povo do Mar”.

O material que escolhi para compor esta linha juntamente com a prata, foram zircônias, madrepérolas, pérolas cultivadas e pérolas achatadas. A iridiscência das pérolas é conhecida pelos entendidos como oriente. Como já citei antes, já esteve associada às lágrimas, mas como símbolo da virtude que fortifica os espíritos vitais que nascem do coração. Há um dito muito conhecido por joalheiros da Europa oriental que diz: “As pérolas em que acreditamos nos trazem lágrimas prateadas como a lua, mas são lágrimas de alegria”. Dizem também que os filhos de Yemanjá são muito chorões, muito emotivos.

O colorido da madrepérola é quase mágico, transmite uma leveza, uma sensação de que há movimento, assim como as ondas do mar. O colar amuleto dessa linha é duplo, e o brilho da madrepérola se confunde com a figura do Orixá recortada na prata, assim também é

para aqueles que olham para o mar, se acreditam, enxergam em cada onda espumante que quebra nas rochas, a dona da imensidão.



Figura 137 Colar da linha “Povo do Mar”



Figura 138 Colar da linha “Povo do Mar”

Do outro lado do pingente amuleto, observamos vários símbolos conhecidos no universo da Umbanda, o leque, o espelho, o peixe; representando aí os filhos de Yemanjá; a pomba da paz que deve unir a todos e a onda, onde reina o Orixá.

Anel e brincos seguiram linha conceitual e formal do colar, trazendo em ambos, elementos do universo feminino e sensual da rainha do mar.



Figura 139 Anel da linha “Povo do Mar”



Figura 140 Brincos da linha “Povo do Mar”



Figura 141 Linha de jóias “Povo do Mar”

- HUMANIZAÇÃO:



Figura 142 Humanização - linha “Povo do Mar”



Figura 143 Humanização - colar da linha do “Povo do Mar”



Figura 144 Humanização - anel da linha “Povo do Mar”



Figura 145 Humanização - brinco da linha “Povo do Mar”

IV.1.3 – LINHA DA WICCA – LINHA ‘OLHO DE HÓRUS’

Esta linha foi desenvolvida sob a égide de um símbolo muito poderoso e utilizado no universo Wiccano. Importado da civilização Egípcia, o “olho de Hórus” antes chamado de “olho de Rá”, o Deus Sol, tem a força protetora que os amuletos carregam. . O olho de Hórus egípcio tornou-se um importante símbolo de poder chamado de Wedjat, que além de proporcionar poder afastava o mau-olhado, pois segundo os egípcios os olhos eram os espelhos da alma.

O Olho Direito de Hórus representa a informação concreta, factual, controlada pelo hemisfério cerebral esquerdo. Ele lida com as palavras, letras, e os números, e com coisas que são descritíveis em termos de frases ou pensamentos completos. Ele aborda o universo de um modo masculino.

O Olho Esquerdo de Hórus representa a informação estética abstrata, controlada pelo hemisfério direito do cérebro. Lida com pensamentos e sentimentos e é responsável pela intuição. Ele aborda o universo de um modo feminino.

Minha intenção nessa linha foi confeccionar uma peça que contivesse os dois olhos, tornando o amuleto duplamente poderoso. Projetado para ter característica rotacionável, o

que facilita seu manuseio, pois dependendo da ocasião, a usuária usa o olho esquerdo ou o direito.

Utilizei o crisoprásio como gema principal, segundo as crenças wiccanas a cor verde favorece o poder, a prosperidade, a sorte e a fertilidade, entre outras coisas. Na antiguidade acreditava-se que essa gema aguçasse o poder de visão e também que debelava dores. No colar utilizei também para complementar, zircônias e contas de crisoprásio.



Figura 146 Colar da linha “Olho de Hórus”



Figura 147 Colar da linha “Olho de Hórus”

Anel e brincos seguiram o mesmo estilo formal e conceitual, foram utilizadas as mesmas gemas, quais sejam crisoprásio e zircônia e a força visual impressa no colar continua presente nas outras peças como pode ser observado a seguir.



Figura 148 Anel da linha “Olho de Hórus”



Figura 149 Brincos da linha “Olho de Hórus”



Figura150 Jóias da linha “Olho de Hórus”

- HUMANIZAÇÃO :



Figura 151 Humanização - jóias da linha “Olho de Hórus”



Figura 152 Humanização - colar da linha “Olho de Hórus”



Figura 153 Humanização - anel da linha “Olho de Hórus”



Figura 154 Humanização - brinco da linha “Olho de Hórus”

IV.2 – Descrição do processo de fabricação e materiais

A produção de todas as peças da coleção “Avra Kedavra” seguiu procedimentos encontrados na joalheria tradicional juntamente utilizou a técnica de fundição por cera perdida. A matéria prima utilizada foi a Prata 950, gemas brasileiras, pérolas, madrepérola e madeira. Depois de definir em esboços como seriam as peças de cada linha, adquiri as gemas, pois gosto de trabalhar as peças tendo as pedras já à mão, apesar de que as dimensões já haviam sido definidas em esboços. A seguir detalho as etapas da produção, material e preço estimado para venda. A respeito desse último item, a Fundação Getúlio Vargas se baseia no seguinte cálculo: depois que a peça de prata está pronta, segue-se a pesagem em balança digital de precisão, então é efetuada a seguinte conta,

1-preço real- o peso da prata em gramas X o preço do grama da prata

2-preço emocional- o peso da prata em gramas X (6)

Depois soma-se os resultados 1 e 2 e agrega-se a esse valor gastos outros como, gemas utilizadas, lapidação, fundição, modelista, ou qualquer outro gasto que onerou a confecção da peça, o resultado final ainda pode ser acrescido de até 100%.

IV.2.1 – Linha católica “Mariana”

- Colar (pingente face dupla)



1- face em que vemos o cabochão de quartzo

•Material

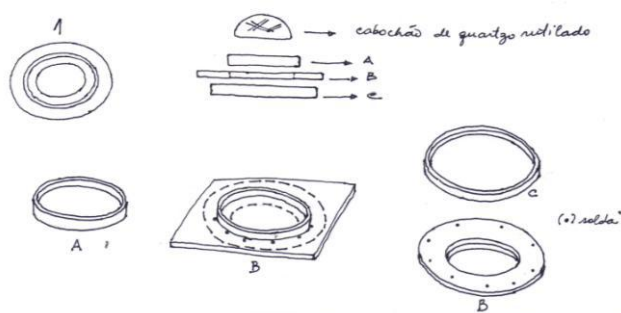
- cabochão oval de quartzo rutilado

- placa de madeira (jacarandá)

(A) fita 90 mm x 2 mm x 1 mm

(B) chapa 40 mm x 30 mm x 0.7 mm

(C) fita aprox. 120 mm x 2 mm x 1 mm



A fita (A) será do tamanho do perímetro da base do cabochão. Depois que suas extremidades forem soldadas, será soldada na chapa (B). O tracejado indica onde a chapa será serrada, depois o conjunto será soldado na fita (C). Realiza-se polimento de alto brilho e posterior fosqueamento com broca diamantada. Nessa face do pingente será fixado o cabochão de quartzo e a placa de madeira no lado oposto (na cavidade).



2- face em que vemos o recorte da imagem da Santa Maria

•Material

(A)

- fita 120 mm x 2 mm x 1 mm
- chapa 40 mm x 30 mm x 1 mm
- fio de 1 mm
- fio de 0.45 mm
- 1 zircônia de 2 pt

(B) coração

- chapa de 30 mm x 30 mm x 2.5 mm

(C) conta de quartzo rutilado, 6 mm de diâmetro

(D) berloque- primeiramente confeccionado com técnica de ourivesaria artesanal e mandado para fundição para obtenção de outros exemplares, através do processo de cera perdida confeccionou-se uma borracha.

- chapa 20 mm x 20 mm x 1.2 mm
- zircônia de 1 pt.



Depois da caixa confeccionada (a medida interna de acordo com a face externa da peça (C) da face (1)), foi serrada na prata a figura da santa, depois foram soldadas as meias argolas(A). Efetuado então o polimento de alto brilho e posterior fosqueamento, doravante citarei apenas como polimento e fosqueamento. Nessa etapa as duas faces são

fixadas sob pressão, formando então o pingente principal. O colar foi finalizado com um segundo pingente de coração (B) e contas de quartzo (C) e foi utilizado para unir as partes o acabamento feito com fio de prata chamado “tercinho”. Junto ao fecho foi colocado um berloque (D).

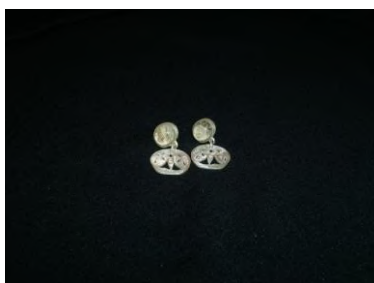


Confecção de berloque

Figura 155

- Preço estimado para venda: R\$ 329,70

- Brinco



3- caixinha do brinco

•Material

-dois cabochões de quartzo rutilado

- duas zircônias

- duas chapas de 15 mm x 15 mm x 1 mm

-fita 100 mm x 2 mm x 0.6 mm

-fio de 1 mm

- fio de 0.9 mm



As caixinhas (A) foram confeccionadas segundo a medida dos respectivos quartzos, depois foram soldadas as meias argolas (B) e soldado os pinos (C) na base do fundo da caixa, então foi colocado o berloque (D) através de uma argola soldada. Polimento, fosqueamento e cravação das zircônias.



Caixinhas dos brincos
confeccionadas e cabochões
abaixo

Figura 156

- Preço estimado para venda: R\$ 76,50

- Anel



•Material

- cabochão de quartzo rutilado
- três zircônias
- chapa de 20 mmx 20 mm x 1 mm
- Fita 6 mm x 3 mm x 0.7 mm
- fio 2.5 mm
- fio 1 mm

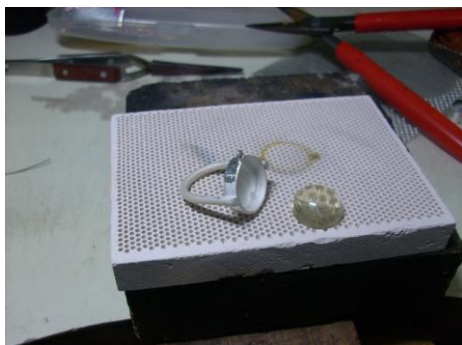


Confeccionada a caixinha (A) baseada no cabochão de quartzo rutilado do anel. Soldou-se então a meia argola (B) e depois o fio que é a base do anel em forma de “U”. Foi preso o berloque (D) no conjunto através de uma argola. Polimento e fosqueamento. Mandado para a cravação das zircônias, duas na estrutura tubular da base e outra no berloque.



Caixinha do anel com cabochão de quartzo ao lado.

Figura 157



Anel quase finalizado.

Figura 158

-Preço estimado para venda: R\$ 75,50

IV.2.2- Linha da Umbanda “Povo do mar”

- Colar



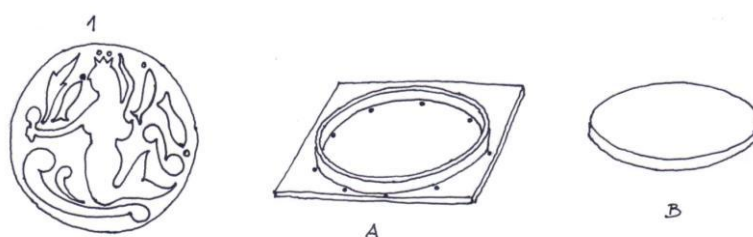
1- Face com figura de Yemanjá

•Material

- placa de madrepérola

-chapa de 52 mm x 52 mm x 1.2 mm

-fita 160 mm x 2 mm x 0.7 mm



Foi feita uma caixinha baseada na placa de madrepérola, soldando a fita na chapa. O acabamento é feito utilizando tesoura e limas (B). Serrei a figura de Yemanjá, foi dado o polimento e posterior fosqueamento. Foi enviado para a cravação das zircônias.



Caixinha confeccionada pronta para receber acabamento e poder serrar a figura de Yemanjá.

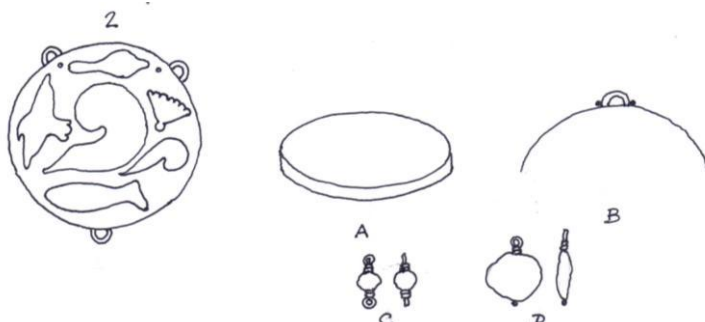
Figura 159

2- face dos símbolos de Yemanjá



•Material

- chapa 54 mm x 54 mm x 1 mm
- fita 160 mm x 3.2 mm x 0.7 mm
- fio de 1mm
- fio 0.45
- pérolas cultivadas
- pérolas achatadas
- 2 zircônias



Confecção de caixinha utilizando medida da circunferência externa da caixinha anterior (A). Foram recortados os símbolos de yemanjá utilizando serra de arco, presas as meias argolas, posterior polimento e fosqueamento. A peça foi enviada para cravação das zircônias e então finalizada com as pérolas cultivadas (C) e achatadas (D), utilizando para a amarração das peças a técnica de tercinho.

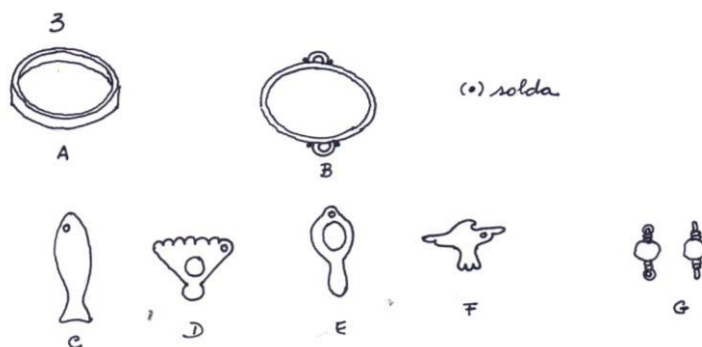
- Preço estimado para venda: R\$ 280,50

3- Brinco



•Material

- 2 placas ovais de madrepérola
- 2 chapas de 25 mm x 20 mm x 1 mm
- fita 80 mm x 2 mm x 1 mm
- fio 0.9 mm
- fio 0.45 mm
- chapa de 1 mm de espessura para confecção dos símbolos



Confeccionada a caixinha levando em consideração a medida das madrepérolas, foram presas as argolas como em (B), os símbolos foram recortados com serra de arco dado o acabamento e mandados para fundição, para confecção de outros exemplares. Depois de dado o polimento em todas as peças, foram unidas com os tercinhos. O gancho do brinco foi confeccionado utilizando alicates de ponta redonda e ponta chata.



Símbolos prontos para serem serrados.

Figura 160



Símbolos prontos para serem modelados e depois irem para fundição.

Figura 161

-Preço estimado para venda: R\$ 126,35

4- Anel



•Material

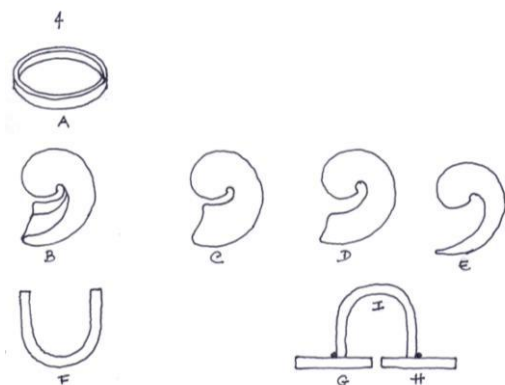
- chapa 30 mm x 25 mm x 1.2 mm

- fita 100 mm x 2 mm x 0.8 mm

- fio 2.5 mm

- para a onda do anel: (A) 30 mm x 25 mm x 1.1 mm, (B) 30 mm x 25 mm x 0.8 mm, (C) 30 mm x 25 mm x 0.8 mm

- 1 zircônia de 4 pt.



Confecção da caixinha (A), onde foi colocado o cabochão de madrepérola. Na confecção da onda do anel (C), (D) e (E) foram marteladas com punção pequena e depois soldadas juntas em suas respectivas posições. A irregularidade na superfície da onda foi in

tencional. Utilizei para fazer o “U” da base do anel o tribuleé, a aneleira utilizada foi a de número 20. Posicionadas as 3 peças foi realizada a soldagem, posterior polimento e fosqueamento.



Martelando com punção

Figura 162



Base do anel pronta para ser soldada.

Figura 163

-Preço estimado para venda: R\$ 126,75

IV.2.3 – Linha da Wicca “ Olho de Hórus”

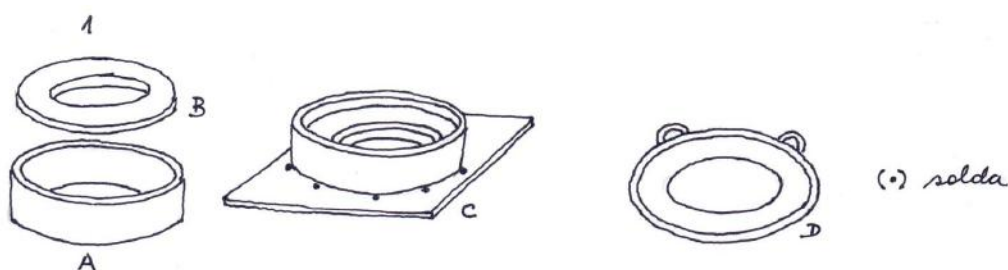
- Colar



•Material

- cabochão de crisoprásio
- 7 zircônias

- contas de crisoprásio
- chapa com 1.5 mm de espessura na dimensão exata do cabochão
- chapa de 22 mm x 26 mm x 0.7 mm
- fita 100 mm x 6 mm x 0.8 mm
- fio 1 mm
- fio 0.45 mm
- fio de 1.3 mm (pino rotável que une a caixa ao olho)

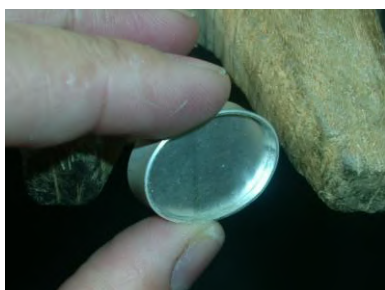


Foi soldada uma fita (A) na medida da base previamente recortada (B), ambos foram soldados , sendo estabelecido aí o lugar onde será fixada a gema. Esse conjunto então foi soldado à base concluindo a execução da caixa (C). As meias argolas foram soldadas e foram feitas as perfurações no local onde posteriormente entrarão as zircônias.



Fita sendo trabalhada para ser soldada.

Figura 164



Apoio para cabochão pronto

Figura 165



Perfurações feitas na lateral da caixinha.

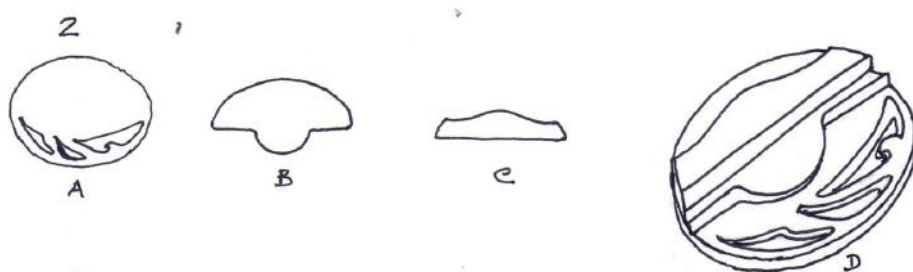
Figura 166

- Olho de Hórus (amuleto duplo rotável)



•Material

- (A) chapa 28 mm x 21 mm x 1.5 mm
- (B) 2 chapas 28 mm x 12 mm x 1 mm
- (C) 2 chapas 24 mm x 8 mm x 1 mm



Foi confeccionada a placa maior e central (A), (B) e (C) foram posicionadas e soldadas ao mesmo tempo sobre a placa (A). A peça nesse estágio foi enviada para fundição para confecção de outros exemplares. Depois que voltou da fundição a peça piloto recebeu do lado oposto outras duas partes (B) e (C). Então foi mandado novamente para fundição para obtenção de mais exemplares do amuleto duplo (D).

A caixa foi unida ao olho de Hórus por um pino que passou pela lateral da caixinha através de um orifício previamente perfurado, e depois foi soldado no olho duplo. Nesse estágio a peça recebeu acabamento, polimento e fosqueamento. Os tercinhos foram confeccionados e as gemas foram fixadas.

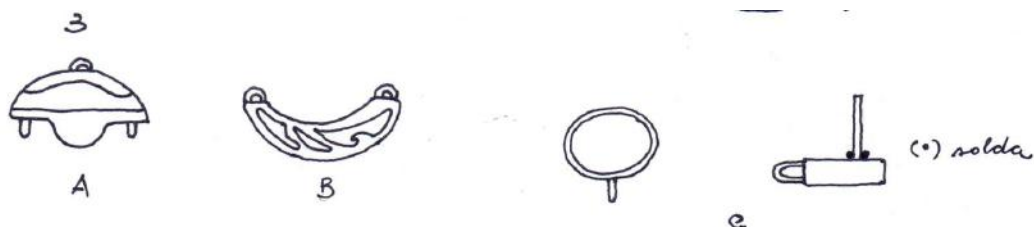
- Preço estimado para venda: R\$ 295,68

- Brincos



•Material

- 2 cabochões de crisoprásio
- 2 chapas de 20 mm x 18 mm x 1 mm
- fio 0.9 mm
- fio 1 mm



A peça (A) foi confeccionada através do primeiro olho de hórus que foi serrado, recebeu acabamento e enviado para fundição, da mesma forma a peça (B). Depois que outros exemplares foram feitos, as meias argolas foram soldadas e em um dos brincos a parte (B) foi invertida de lado, tornando possível termos nos brincos os dois olhos de Hórus assim como é no amuleto duplo. A caixinha foi unida à parte inferior do brinco e o pino soldado. Foi dado o acabamento , polimento e fosqueamento.



Soldando as meias argolas do brinco.

Figura 167

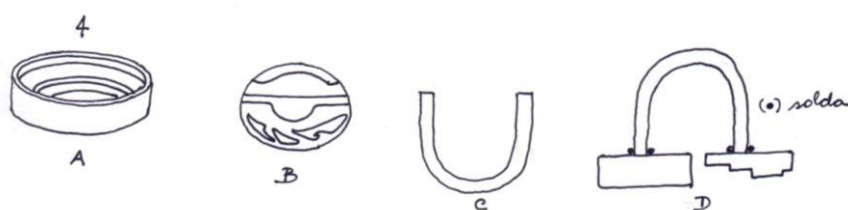
- Preço estimado para venda: R\$ 162,10

- Anel



•Material

- cabochão de crisoprásio
- 8 zircônias
- fio 2.5 mm



A caixinha foi confeccionada exatamente como a caixa do colar, e o olho de Hórus utilizado no anel é um dos exemplares da primeira tiragem. Confeccionei com o fio a base do anel em forma de “U” (C), com medida de aneleira 20, que foi soldada nas peças (A) e (B) devidamente posicionadas (D). Foi dado posterir acabamento, polimento e fosqueamento. O cravador fixou as zircônias e o cabochão.

- Preço estimado para venda: R\$174,50

Conclusão:

Este projeto foi elaborado com a intenção de propor a um determinado público a aquisição de um produto inovador na sua conceituação estético-formal, de qualidade, em relação aos materiais utilizados e que carregasse um simbolismo que o diferenciase não apenas por ser uma jóia, com todo um valor agregado, mas também pelo significado que transcende aspectos materiais.

Fiz um estudo profundo a respeito das religiões no Brasil, não apenas teórico, posso confessar, principalmente nas escolhidas para desenvolver a coleção, e sinto como se tivesse recebido inspiração divina.

Minha coleção se apresenta com peças autorais, muito bem aceitas no mercado joalheiro por seu valor superar ao de peças fabricadas em série. Utilizei técnicas da joalheria tradicional conseguindo um design inusitado e moderno, peças ergonomicamente satisfatórias para o uso, no que concerne a conforto e durabilidade .

A Coleção “Avra Kedabra” oferece três linhas de jóias em prata, gemas, pérolas e madeira, Baseada cada uma em uma religião difundida no Brasil. A linha “Mariana”, com três itens inspirados na religião católica; a linha “ Povo do Mar”, com três itens inspirados na religião afro-brasileira Umbanda e a linha “Olho de Hórus” com três itens inspirados na religião neo-pagã da Wicca.

Na minha opinião cada linha possui sua característica, como se ao olhá-las já vislumbrasse a mulher que irá usá-las: A linha “Mariana” seria a mulher amorosa, a linha “Povo do Mar” a mulher sensual e a linha “Olho de Hórus” a mulher forte. De alguma forma todas as mulheres já nascem com essas características, portanto todas essas jóias serão complementos que enfatizarão o que já é real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HELLERN, Victor., NOTAKER, Henry., GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*, São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- EYÍN, Pai Cido de òsun. *Candomblé a panela do segredo*. São Paulo: ARX, 2000.
- ROMERO, E. *As dimensões da vida humana-Existência e Experiência*. São José dos Campos: Novos Horizontes Editora, 1998.
- TILLICH, P. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- DELUMEAU, Jean. *As Grandes religiões do mundo*. Lisboa: editorial Presença, 1997.
- ÁRIES, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1977.
- GIBSON, Clare. *Sinais e símbolos, origem, história e significado*. Portugal: Dinalivro, 2001.
- SCHUMANN, Walter. *Gemas do mundo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.
- CODINA, Carles. *A Joalheria*. Lisboa, Editorial Estampa, 2000.
- SALEM, Carlos. *Jóias, O Segredo da Técnica*. São Paulo, 2000.
- MCGRATH, Jinks. *The Jeweler's Directory of Decorative Finishes*. Londres: Kp Books, 2005.
- LEITE, Walter M. *Iniciação à Gemologia*. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2002.
- SERRATS, Marta. *Jewelry Design Handbook*. Bélgica: Editora Booqs, 2010.
- CODINA, Carles. *Nova Joalheria*. Portugal: Editorial Estampa, 2010.

FONTES ELETRÔNICAS CONSULTADAS

<http://www3.pandora-jewelry.com>

<http://www.wikipedia.com>

<http://www.symbolom.com.br>

<http://www.portaldasjoias.com.br>

<http://www.historiadajoalheria.com.br>

<http://www.joiabr.com.br>

<http://www.joiasdobrasil.com>

<http://www.marygeluda.com.br>

<http://www.assintec.org.br>

<http://www.arandinha.com.br>

<http://www.beth-shalom.com.br>

<http://www.infoescola.com/religião>

<http://www.magiadourada.com.br/wicca>

<http://www.brazilsite.com.br/religiao>

<http://www.ritasantos.com>

<http://www.juniamachado.com>

